

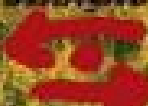
UMA ENTERNECEDORA FÁBULA SOBRE AMOR, PERDA E SUPERAÇÃO.

Sally Nicholls

A MENINA QUE CONVERSAVA COM O VERÃO

ROMANCE

Da premiada
autora de
COMO VIVER
ETERNAMENTE

GERAÇÃO

EDITORIAL



A menina que conversava com o Verão

Sally Nicholls

EU SOU MOLLY. MOLLY ALICE BROOKE NO REGISTRO DA ESCOLA. SE VOCÊ É UMA AMIGA, OU ALGUÉM DA MINHA FAMÍLIA, ENTÃO SOU MOLL TAMBÉM. SE VOCÊ É UM ADULTO NA MINHA FAMÍLIA, O QUE, NO MOMENTO, É MUITO COMPLICADO, ENTÃO SOU XODÓ, MOLLY-MÔ, CACHINHOS OU DOCINHO. NA MINHA ESCOLA ANTIGA, EU ERA MOLLY-MOP. NO NATAL, FUI UM ANJO E O DONO DE UM ALBERGUE.

NOMES SÃO IMPORTANTES. TODO MUNDO TEM, A NÃO SER BEBÊS RECÉM—NASCIDOS, TALVEZ, VIRA-LATAS, OU AS PESSOAS QUE SE ESQUECERAM QUEM ELAS SÃO. MESMO VIRA-LATAS E PESSOAS COM AMNÉSIA POSSUEM NOMES. SÓ QUE ESQUECERAM.

AGORA, O MEU HOMEM, ELE NÃO TINHA NOME NENHUM.

1

A estrada romana

Chove enquanto subimos a ladeira na volta da escola. Chuva repentina e forte; começa e logo passa. Hannah põe a mochila na cabeça e pula entre as poças.

– Em *casa*, nunca precisamos caminhar na chuva. Em *casa* tinha sempre alguém para ir nos buscar. De *carro*.

– Ninguém viria de carro só para nos pegar no fim da rua – eu digo.

Hannah sempre acha que tem razão. Conversar com ela me dá a sensação de discussões mal-acabadas, brigas que sei que deveria ter ganho. Se mamãe e papai estivessem aqui não teriam vindo de carro, subindo uma ladeirinha de nada só para não deixar a chuva nos molhar. Só nos pegavam na escola porque era uma escola boba, muito longe de casa, do outro lado da cidade.

– Além do que, tínhamos que esperar no clube da escola até um deles sair do trabalho. E depois tínhamos que ir ao supermercado. E se tivéssemos aulas de piano ou de ginástica, então comíamos no carro. Um lanche pronto, numa *caixa*. E...

– Pelo menos *um* vinha – disse Hannah. – Um *se importava*.

Um quer dizer mamãe.

– Mas o Vô se importa – eu digo, mas não sei se Hannah me ouve. Ela é um ano e meio mais velha que eu, mas parece que ocupa um milhão e meio de vezes mais espaço.

As árvores nos jardins das casas, no topo da estrada, balançam como se estivessem falando sobre nós duas. Só que árvores não falam. Olho para elas por cima do ombro, as folhas inclinadas com o peso das gotas, e corro atrás de Hannah.

Ela empurra a porta da lojinha do Vô. Para no meio do caminho e se sacode, a água se espalhando sobre o pão e os biscoitos, deixando marcas escuras nos jornais sobre a prateleira.

– Detesto este lugar! – diz ela, bem alto.

Entro, miudinha, atrás dela. Eu não detesto este lugar. A lojinha do Vô e da Vó. É pequena, escura e com tudo misturado e sem ordem nenhuma. Vende um montão de coisas que eu não vejo em um supermercado comum. Vende bolos *Eccles*¹ e mapas da *Ordnance Survey*², marmelada caseira, tudo ao lado de coisas de todo dia, como cereais Coco Pops³ e detergente líquido. Tem um refrigerador com garrafas de leite com JONES e ENTLY escrito com caneta de feltro, só para evitar que as pessoas levem para casa a garrafa errada. Você também pode encomendar coisas exóticas – mangas ou queijo ricota – se não se importar em esperar pela entrega, só que a maioria não espera, vai direto para o Tesc's⁴. Em um canto, tem uma portinha com grade, onde era o correio e em outro canto tem cestas com batatas e cebolas. Tudo tem um cheiro bom, amigo, pé no chão, um cheiro só seu: jornais, água sanitária e terra.

A Vó está atrás do balcão, escrevendo em livros de contabilidade enormes. Ela levanta os olhos e seu rosto fica tenso.

– Hannah Brooke! Tenha um pouco de juízo! Pare de pingar no meio do corredor. Vamos – diz ela, quando Hannah não se move. – Suba e ponha uma roupa seca no corpo.

Hannah bate o pé no chão.

– Não! – ela grita e seu rosto mostra sinais de que vai chorar. – Quero ir para casa – diz ela, ridiculamente.

A Vó não compra a briga, como Mamãe teria feito, mas dá para ver que ela está cheia de raiva. Ela sai de trás do balcão, põe a mão no ombro de Hannah e a empurra pela porta para dentro da cozinha, onde o Vô amassa o chá e assovia.

– Para o quarto – diz a Vó para ele. – Roupas limpas. Agora. – Vira-se e volta para dentro da loja.

Hannah faz uma cara feia. O rosto está rosado e branco de frio e manchado de azul da tinta escorrida da mochila molhada de chuva. Dá para sentir a vontade de armar uma briga se inflando nela.

– *Quero que você morra no meio de um campo!* – Ela grita para a porta e para as costas da Vó. E sobe os degraus correndo.

Eu e o Vô ficamos parados na cozinha. O Vô esfrega o rosto, do mesmo jeito que papai faz. Respira fundo – posso ver sua barriga subindo, sob o tecido xadrez desbotado da camisa. A camisa tem manchas feias amarelas no colarinho e nos punhos. As camisas de papai são sempre engomadas e

brancas; é só abotoá-lo até o pescoço e lá vai ele, todo trancado, seguro e indo a lugar nenhum. Mas meu Vô viveu uma guerra; assim, ele usa as roupas até apodrecerem.

– Tudo bem, minha neta?

Digo sim com a cabeça.

– *Você* não quer que eu morra no meio de um campo, quer?

Digo não com a cabeça.

– Não preste atenção no que Hannah diz – eu aconselho. – Ela sempre foi assim. Papai deveria ter deixado ela em um orfanato ou qualquer coisa parecida, em vez de mandá-la para cá. Ela teria gostado disso, eu imagino – continuo, cheia de virtude –, já que ela não quer morar aqui.

O Vô chega perto e toca no meu ombro.

– Não, não – diz ele, de uma maneira casual. – Ninguém vai botar ninguém no orfanato.

E por que não? Já que papai nos trouxe para cá, ele poderia nos ter levado para qualquer outro lugar.

Passo pela porta de trás da lojinha até o corredor e subo a escada. A lojinha faz parte da casa do Vô e da Vó; assim, os cômodos são meio bagunçados: a cozinha fica embaixo, ao lado da sala de estoque, mas a sala de estar fica lá em cima. À noite, quando estou na cama, o brilho da televisão faísca sobre a parede do corredor de cima e as risadas dos programas se misturam aos meus sonhos. Tudo aqui é mais escuro e mais velho. Nada combina com nada. O sofá antigo da nossa casa de Newcastle fica ao lado da poltrona vermelha de encosto alto com pés de leão. Numa estante de madeira escura, com vidro nas portas, dividem o espaço um volume de culinária de Delia Smith, um Dick Francis e livros antigos de capa de tecido com letras douradas e prateadas na lombada.

O meu quarto aqui era o da Tia Meg, quando ela tinha a minha idade. Tem um papel de parede horrível amarelo com um quadro de gente grande pintado com uma árvore e, em um canto, uma pia amarelada que não funciona. Algumas coisas minhas estão aqui – meu antigo ursinho Humphrey, meus melhores livros, meus pincéis e tintas. O resto, que é quase tudo, ainda está em casa, porque não vamos ficar aqui para sempre; só até papai se ajeitar. Quem sabe quando?

Tiro minhas roupas secas do armário – jeans e meu macio suéter amarelo – mas não visto. Abraço a roupa e fico parada em frente à janela olhando o jardim. A chuva faz ta-ra-ta-tá no telhado e escorre pelo vidro

da janela. As árvores urram com o vento entre elas, como se agora brigassem, em vez de apenas conversarem.

“Escute!” – diria mamãe, se ela estivesse aqui agora. “Esta é uma dessas noites com o capeta dentro dela.”

E não seria uma coisa ruim – o capeta dentro da noite –, seria, sim, uma coisa excitante. Mamãe adorava tempestades de trovões e chuva. Se estivesse aqui agora, vamos dizer, se estivéssemos passando uns dias com a Vó e o Vô, um feriado ou coisa assim, todo mundo estaria lá fora a pisar nas poças. Quem sabe até a Hannah, também.

Ainda não escureceu, mas dá para sentir que a noite não vai ter muita graça. O céu está cheio de ódio e as árvores estão urrando como se prontas a matar alguém. Parada sozinha em frente à janela, eu quase acredito que o capeta está dentro da chuva.

E dentro, a casa está pronta para brigar, também. Escuto a Hannah no quarto ao lado, chorando. Escuto a Vó lá embaixo, sua voz alta e cheia de raiva, e o Vô tentando apaziguá-la.

Ponho a roupa e deito na cama, cobrindo a cabeça com o cobertor e a colcha de retalhos antiquada. Pego meu livro e começo a ler, tentando não prestar atenção à solidão que é se sentir sozinha numa casa cheia de barulho. Estou lendo o *Three Cheers, Secret Seven*, que é o oitavo livro da série. Quando terminar esse, só vou ter mais seis e, então, terei lido todos os *Famous Five* e os *Secret Seven* que existem⁵.

Lá fora, a chuva enfraquece, e começa a escurecer.

– Molly? Está aí?

Hannah está parada na porta, ainda com as roupas molhadas. Duas manchas escuras aparecem nos ombros dela, marcas da água que escorreu de seus cabelos, molhando seu suéter.

– Vamos – diz ela. – Rápido, antes que eles descubram.

– Vamos aonde?

– Shhh. – Hannah pega meu braço e me puxa para a beira da cama. – Vamos para casa. Vamos fugir.

Fico tão surpresa com isso que, por um instante, apenas pisco os olhos para ela. Porque isso é algo muito mais parecido com o que eu faria do que ela. Li tantos livros sobre gente que foge. Hannah lê apenas revistas como a *Girl Talk* ou a *Top of the Pops*⁶. Ela não tem idéia do que fazer numa situação dessas.

– Hei, pare de me puxar, Hannah. Precisamos preparar uma mochila. Sacos de dormir, comida, um canivete, pasta de dente...

– Para onde acha que vamos? – diz Hannah. – Para o Ártico? Não precisamos de nada disso. A gente apenas caminha até Hexham e pega o trem.

Tem um mapa enorme de condado de Northumberland no topo da escada. Hannah e eu contamos os quilômetros na antiga estrada romana.

– Onze, doze, treze, quatorze. Quatorze quilômetros! Podemos caminhar isso! Vamos!

Ela me arrasta pela escada. Quero protestar, mas não quero que a Vó escute. Hoje não é uma noite para fuga. Lá fora, a noite está escura e furiosa.

– Não podemos caminhar quatorze quilômetros – eu digo. – *Hannah*, vai levar uma eternidade. São muitos *quilômetros*. Por que não deixamos para ir amanhã de manhã?

– Vamos fugir *agora* – diz Hannah.

Ela me puxa pelo braço e eu quase caio.

– E o Vô? *Hanaah*? O que será que vai fazer quando descobrir que fugimos?

– Quem se importa? – retruca Hannah. Ela solta minha manga e começa a procurar seu casaco no armário. Ouço o rádio tocando na cozinha e o chiado da gordura das linguiças que o Vô está fritando.

– Hannah?

– *Que foi?*

– E papai?

Hannah para, um braço já dentro do casaco.

– Que *tem* papai?

– Será que ele não vai nos mandar de volta para cá?

Silêncio. Olho para Hannah. Ela está parada, completamente quieta, o casaco pendurado em um braço.

– Não me importo com o que papai vai fazer. E não me importo com o que ele tiver para dizer. Não vou ficar aqui nem mais um minuto. – E ela abre a porta e o vento molhado invade o pátio, e corre para o escuro da noite.

Hesito por um momento, mas logo corro atrás dela.

Na rua, o ar está frio e molhado, cheio do aroma dos pingos gelados da chuva. O vento sopra e empurra o capuz do meu suéter contra a minha nuca. Meu casaco ficou pendurado no cabide e atrás de mim a porta bate e se tranca. Estamos fora e não podemos voltar.

– Hannah! – eu grito. – Hannah! Espere por mim!

Alguém responde, mas não sei de qual direção. À minha esquerda, a estrada se curva pelos campos na direção da charneca. À minha direita, a estrada segue para o vilarejo, faz uma curva ao longo da praça e passa pela ponte de pedra em arco, passa a igreja, a escola e o pequeno *pub* com a placa que balança, escrito *Full Moon*, com o desenho de um homem na lua. Será que é para o lado direito passando pelo vilarejo que se chega a Hexham? Hannah saberia, mas eu não sei. Resolvo ir para o lado esquerdo, me afastando do vilarejo.

Está escuro. Muito mais escuro do que ficava onde eu morava. Nenhum poste. Nenhuma lanterna. Tenho que sentir cada passo, os braços abertos, prontos, caso tropece; mal vejo para onde estou indo. Piso no meio de uma poça.

– *Hanaah!*

Abaixo a cabeça, aperto os olhos contra a chuva e vou tropeçando pela estrada. O vento açoitava as árvores e joga com violência os pingos de chuva no meu rosto. Tropeço de novo e quase caio. É o capeta na noite – o capeta na tempestade. O capeta nas árvores. Paro de caminhar. Não quero ir para Hexham sozinha. Não sei nem como chegar lá. Para falar a verdade, quanto mais eu ando, mais convencida fico de que Hannah seguiu para o lado contrário.

Ou talvez tenha voltado para a casa do Vô e me deixado aqui sozinha.

Está tão escuro e tão chuvoso que fica difícil saber quanto andei. A lua brilha no céu; brilho de um polegar entre as nuvens escuras e rápidas. A estrada fica mais estreita, as árvores e as beiras altas ficam mais perto. As árvores esticam seus galhos longos como dedos, uivando sobre a minha cabeça.

– Não estou com medo – eu digo bem alto.

Porque agora ouço alguma coisa se aproximar. Alguém. Passos. Passos de alguém correndo, se aproximando de mim. Meu coração pula. Quem poderia estar aqui fora numa noite selvagem como esta? Sozinho, sem uma lanterna? É o capeta – sei que é. Viro-me e subo aos trancos no barranco ao lado da estrada, escorregando e quase caindo na lama. Não vai

dar tempo. Vou estar no meio da estrada quando ele chegar. Respiro em fôlegos sôfregos e acho que vou começar a chorar. Tem algo sinistro nas passadas rápidas – ruídos negros na noite escura – que faz meu coração parar de bater. Mas agora estou quase alcançando a cerca viva. Agarro um galho de espinheiro, os espinhos se pregam no meu suéter e nos meus dedos. Seguro a respiração.

E então ele aparece. Uma forma escura, inclinada e correndo. É um homem, baixo e forte. Está tão perto que ouço sua respiração estancar na garganta.

E ele passa, continuando pela estrada abaixo, se aproximando do vilarejo. Só então me dou conta de outros barulhos – uma corneta, depois outra corneta, e mais uma. Aproximam-se. Cavalos. Cães latindo, uivando. É assim que latem cães em meio a uma caçada, quando farejam sua presa.

O homem que corre também ouviu. E olha para trás. Seu rosto é branco no meio da escuridão, e molhado de chuva. Ele não usa sapatos, nem camisa. Posso ver seu peito arfando. Posso sentir agora quanto ele está amedrontado. Quem é ele? Quem o persegue?

E então chegam os cães. Passam por mim cheios de fúria e o atacam. São enormes, mais lobos do que cães. Ele cai, levantando os braços para proteger o rosto. E agora chegam também os caçadores, formas escuras em cavalos grandes. O caçador líder para e ergue a cabeça, e eu preciso cerrar os dentes para suprimir o grito. Ele tem chifres entre os cabelos, esgalhas longas saindo dos lados de sua cabeça. Escondo-me ainda mais dentro do arbusto até os galhos espetarem minhas costas e os espinhos rasgarem meu suéter. *Não me veja. Não me veja. Não veja.*

O líder caçador se empina sobre o seu cavalo alto. Levanta a corneta negra de caçador para os lábios e sopra uma nota clara e única. Eu aperto os olhos bem fechados e... eles desaparecem.

*

Não movo um músculo. Fico de olhos fechados. Ainda sinto o cheiro dos cavalos e dos caçadores, mas os barulhos se foram. Tudo o que escuto é meu coração e a cadência rápida e chorosa de minha respiração, ar entrando-e-saindo-entrando-e-saindo. E a chuva. Eles ainda devem estar aqui, devem, devem estar...

Ouçó um ruído. Um ruído minúsculo, alguma coisa se mexendo, uma pedrinha rolando. Abro os olhos. A estrada está vazia. Os cavalos, o

homem, os cães –, todos foram embora. Mas alguma coisa ainda está aqui, se arrastando na estrada.

Os arbustos de espinheiro não foram feitos para se segurar. Têm muitos espinhos e não têm galhos suficientes. Eu me mexo e rolo de novo para a estrada, enlameando as pernas e as costas. Ao tentar me equilibrar, acabo caindo para a frente sobre alguma coisa. Algo – alguém morno.

Grito. Grito e grito e mãos se aproximam e seguram meus ombros, mãos mornas, vivas.

– Sssh. Sssh. Sssh.

A voz é forte e baixa em meio à chuva. Arrasto-me para trás, aterrorizada, e as mãos me soltam.

– Ninguém vai machucar você. Sssh.

Não é o caçador. É o outro. O homem caçado.

De repente, começo a chorar, um choro engasgado, com soluços que me sacodem inteira. O homem caçado se senta e me olha. Posso ver através da escuridão que ele é jovem, que seu rosto está molhado com suor e chuva, que ele tem cabelos com cachos.

– Pronto – diz ele com sua voz baixa. – Ninguém se machucou, ninguém vai machucá-la.

– Você está machucado – eu digo.

E ele está. Suas pernas foram mordidas pelos cães-lobos. O sangue escuro escorre e ensopa o tecido rústico de suas calças, chuva, tecido e sangue. Os soluços começam a me sacudir de novo e eu olho para longe.

– Ninguém está machucado – diz ele de novo. Ele olha para mim. – Você está longe de casa? – respondo que não com a cabeça. – Então vá para casa. Não deveria estar longe de casa de noite. Sua mãe não lhe disse isso?

– Minha mãe morreu – eu digo, e começo a chorar de novo.

Ouçó um barulho na estrada, arbustos se partindo. Fico tensa, apertando a barriga para segurar as lágrimas. O homem agarra meu braço e funga o ar como um animal pressentindo perigo.

Um farfalhar nos arbustos, e um pássaro levanta voo; um corvo, eu penso, as asas batendo avidamente e desaparece. O homem solta aos poucos meu braço e eu começo a soluçar, pressentindo como devo parecer boba, lágrimas e ranho escorrendo pelo rosto coberto de lama.

O homem caçado se inclina para mim.

– Vá para casa – diz ele de novo, só que agora com mais urgência. – Você quer que o caçador selvagem lhe encontre?

Estou tão assustada que não respondo. Ele segura meu braço.

– Vá para casa. Vá segura. Mas vá agora.

Só nós dois ali no escuro, apenas nós dois no mundo inteiro. Não quero deixá-lo, mas também não quero ficar ali. Levanto-me de qualquer jeito e desço a estrada para casa.

2

O homem de lugar nenhum

Não ando muito, quando vejo a luz de uma lanterna e ouço uma voz chamando.

– Molly! Molly!

– Vó!

Corro até ela.

– Molly!

Ela me abraça, depois me empurra e me sacode; não com força, mas o suficiente para me deixar chocada.

– Por que você fugiu desse jeito? Será que já não temos o suficiente com que nos preocupar?

– Mas eu não...

Começo a dizer e começo a chorar, tudo ao mesmo tempo. E a Vó me abraça.

– Pronto, pronto. Shhh. Não chore. A vovó encontrou você.

Mas eu me lembro.

– Vovó! Tem um homem.

Ela me olha de frente.

– Um homem?

– Ele está machucado. Olhe.

Sei exatamente onde ele está, perto do arbusto de espinheiro.

A Vó põe a luz da lanterna na direção que estou apontando. Só vemos a estrada vazia.

– Você não está inventando histórias de novo, Molly?

– Não! Olhe! Venha que vou lhe mostrar!

Eu puxo ela para perto.

– Molly, se acalme. Devagar. Onde está ele?

– Aqui!

Agarro a mão dela e direciono a luz da lanterna. Ali está o arbusto de espinheiro e as marcas na lama quando caí do barranco, mas nenhum homem. Corro tentando ver para onde ele foi.

– Ei! – eu chamo. – Cadê você?

– Moll – diz minha vó. – *Molly!* Volte aqui. Volte e conte o que está acontecendo.

Corro de volta para perto dela.

– Tinha um homem, um homem estranho, sem sapatos e sem camisa, correndo pela estrada e então apareceu uma caçada do nada, uma caçada de verdade, com cães – lobos na verdade – e um homem com chifres que cresciam dos lados de sua cabeça. E os lobos atacaram ele e eles teriam me atacado também, só que fiquei escondida. Mas então eles desapareceram, os caçadores e todo mundo, a não ser ele, e ele conversou comigo e me disse para ir bem e ir segura e ir agora, então eu fui e então...

– E então ele desapareceu – diz a Vó – ou virou um bule de chá?

– Sim – eu digo. – Quero dizer, não. Ele apenas desapareceu. Mas estava aqui! Olhe!

Arranco a lanterna das mãos dela e ilumino o canto da estrada onde ele estava.

– O que estou olhando? – diz a Vó, irritada.

– Aqui! Não, aqui. Não, espere, foi aqui em algum lugar, eu sei – puxo ela para mais perto. – Ali! Olhe, é sangue! Foi aqui que ele estava!

Fica difícil, na escuridão, dizer onde acaba a chuva e a lama e começam as manchas de sangue. A Vó olha para baixo com seus olhos míopes.

– Pode ser – diz ela, finalmente. – Pode ter sido uma raposa por aí matando coelhos. Vamos para casa agora, Moll. Não tenho mais idade para ficar ensopada assim.

– Mas o homem – eu digo. – Ele está machucado!

– Se ele não está mais aqui – diz a Vó –, então não pode estar tão machucado assim. E se tiver juízo, já deve ter ido para casa também. De qualquer forma, vamos para casa e contar ao Vô e para a Hannah que já encontrei você.

Então a Hannah acabou voltando. Devia ter sabido que ela não teria fugido. Sinto-me traída, de repente, da minha aventura e do meu momento de ser aquela com bom senso. Agora sou a menorzinha, fazendo a coisa errada de novo.

Vovó me dá a mão.

– Você acha que estou inventando, não acha? – pergunto a ela. Eu costumava inventar histórias, quando era pequena, mas não faço mais isso.

– Eu? Tenho coisas muito mais importantes para me preocupar.
O que não quer dizer que ela realmente acredite em mim.

3

Pensamentos noturnos

O Vô está subindo a estrada quando nos vê.

– Molly-mô – diz ele. – O que aconteceu? Ela...

– Ela está bem – diz vovó, antes que eu possa responder. – Mas poderia ficar melhor com um banho de banheira; olhe só para ela.

O Vô me leva para o banheiro sem dizer mais nada. Enche a banheira. Depois me põe na cama, no meu quartinho estreito, com um prato de lingüiças frias e batatas amarelas e duras. Senta na cama ao meu lado e espera até eu terminar de comer. As cortinas foram fechadas e escondem a noite, mas eu também não quero olhar. Não gosto de pensar sobre o que ainda está lá fora.

– Logo arrumamos suas coisas – diz Vovô. – Pegamos uns quadros de seu quarto e penduramos aqui e pronto, não é?

– Hummm – respondo. Papai prometeu que ficaríamos aqui por apenas uma visita. Colocar quadros na parede dá a impressão de que vamos ficar para sempre.

– Seu pai vem no sábado – diz Vovô. – Que bom, não é?

– É.

– Bom, então. Ele afaga minha mão, constrangido. – Você me diria, não é, se houvesse alguma coisa lhe incomodando, Molly-mô? Hannah, a escola... ou outra coisa qualquer?

– Hummm – respondo, de novo. Me aconchego na cama. Vovô suspira.

– Está bem. – Ele se levanta e me dá um beijo na testa. – Durma bem, meu amor.

Depois que ele vai, eu fico deitada de costas, olhando para o teto. Sobre minha cabeça, a chuva bate no telhado. Lembro do homem caçado, sua voz na escuridão, dizendo: “Ninguém se machucou, ninguém vai machucá-la.” Fico imaginando onde estaria ele agora. Se achou um lugar seco para dormir, ou em vez disso, o caçador o encontrou.

E me lembro de suas mãos me segurando, de como eram delicadas. Lembro a gentileza na sua voz, dizendo. “Shhh. Ninguém vai machucá-la.

Shhh.”

4

O mundo de acordo com os livros

Só tem uma coisa neste quarto de que eu gosto: o parapeito da janela. É grande e largo e, se eu me sentar nele com um livro e fechar as cortinas nas minhas costas, posso fingir que estou em um lugar secreto e ninguém no mundo vai me descobrir.

Sempre fui doida por ler. E tenho lido muito mais desde que viemos para cá e paramos de ter aulas de teatro, de ginástica e de piano o tempo todo. Tem uma estante cheia de livros no corredor, livros que eram de papai e da tia Meg quando crianças. Realmente antigos, capa dura, como o Peter Pan e o *Swallows and Amazons*, de Arthur Ransome, que é um livro sobre crianças aventureiras e vários livros sobre escoteiras. Já conheço quase todos, porque sempre os leio quando venho visitar meus avós.

Gostaria de viver dentro de um livro. O mundo funciona melhor dentro de um livro. Se você vai a um piquenique, o sol sempre brilha. Se alguma coisa é roubada, você pode desvendar o crime apenas pensando muito. Se alguém está para morrer, basta ligar que a emergência salvará a pessoa. É sempre óbvio quem é bom e quem é mau e as crianças podem acampar em lugares desertos ou ir ao Polo Norte ou podem ser detetives de fama mundial com apenas dez anos de idade.

Tudo é muito mais simples nos livros. Nos livros, pais perdidos sempre voltam do mundo dos mortos e quem é mau sempre acaba derrotado. O sol sempre brilha no seu aniversário e as coisas acabam bem no final.

5

Um rosto assim

– Você está inventando – diz Hannah.

Estamos descendo a rua a caminho da escola.

– Você sempre diz isso. Por que sempre diz isso? Ele era de verdade. Ele estava *lá* sim.

– Porque é sempre inventado. Tudo o que você diz que viu. É isso ou você está ficando louca. – Ela me olha cheia de dúvida. – Você está ouvindo vozes? Elas lhe dizem o que fazer? *Mate a Vô, Molly, Mate eeeela...*

– Cale a boca. – Levanto a mochila sobre os ombros. – Se não fosse por você, eu não estaria lá. Por que voltou para a casa do Vô e me deixou sozinha, hein?

– Não teríamos conseguido chegar à casa do papai, você sabe – diz Hannah, com sua voz de irmã mais velha, como se tivesse sido tudo minha idéia. Ela corre para a escola antes que eu tenha tempo de responder, e eu sigo atrás.

Como dá para saber se alguma coisa é real? Sombras na parede, ruídos na noite, formas que se movem e que podem ser tanto ratos como homenzinhos, ou, simplesmente, a imaginação. O homem da noite passada *parecia* real. Mas sonhos também parecem reais. Sonhos são reais?

– Vamos! – grita Hannah na minha frente.

Nossa escola é pequena – um prédio quadrado de tijolos com um parquinho do tamanho de um selo e um campinho mal cuidado do outro lado da rua. Só tem uma sala de aula e uma mesa redonda para todo mundo sentar. Tem apenas uma classe com oito alunos.

Estamos atrasadas. Os outros já estão lá dentro. Sascha – que tem seis anos – está parada na frente da gaiola de um hamster, chorando.

– Eu só queria passar a mão no pelo dele!

Todo mundo está olhando para Josh e Matthew, que estão deitados de barriga, embaixo da Mesa da Natureza, gritando:

– Estou vendo ele!

– Não deixe ele escapar!

Josh e Matthew são como Hannah. Eles ocupam um espaço enorme. São irmãos. Estão sempre com Alexander, que está inclinado sobre a mesa, também gritando.

– Não – assim não! Tente encurralá-lo...

Alexander é um pouco gordinho. Seu blusão da escola está torcido em um ombro e já tem uma mancha de suco de laranja no peito. Seus pais trabalham para a Universidade de Northumbria. Ele é daqueles meninos que sabem mais do que devem sobre os romanos.

– Não, olhe...

Josh e Matthew o ignoram. Somente Oliver, que tem quatro anos e é o menor de todos na escola, se vira e olha para ele; o rostinho rosado, os olhos castanhos e uma boca molhada e vermelha mordendo o punho de seu suéter.

E só resta Emily. Emily não está caçando o hamster. Emily tem cabelos loiros e olhos azuis. E sapatos brilhantes prateados. Emily está perto da bandeja de água, olhando para fora da janela.

Do lado de fora, o céu está cinza.

Vai chover de novo.

– Então! – exclama Mrs Angus, que chegou da cozinha. – Joshua Haltwhistle, saia de baixo da mesa *neste instante!* Quero dizer, *agora mesmo!*

– Peguei!

Josh desliza de debaixo da mesa com as mãos em bojo, os cabelos cobertos com pedacinhos de cogumelos da Mesa da Natureza.

– E o que pensa que está fazendo? – pergunta Mrs Angus para Josh, que parece indignado.

– Estamos ajudando, Miss! Sascha deixou o hamster escapar!

Mrs Angus o ignora. Mrs Angus é a assistente de professora, mas é muito dura.

Sascha chora mais alto, pressentindo o apuro. Sinto uma mão no meu ombro. Olho e vejo Miss Shelley parada atrás de mim na porta, observando.

– Eu creio que hoje é um bom dia para uma excursão, vocês não acham?

Nunca soube que havia escolas tão pequenas como esta. E esta então é muito mais confusa do que a minha escola antiga. Estudamos muito mais

Arte do que Matemática. Além disso, fazemos um monte de excursões.

Hoje, vamos à igreja.

No pórtico, Miss Shelley entrega a todo mundo uma prancheta e pede que façamos um desenho.

– Achem algo que fale a vocês e façam alguma coisa com isso. Os meninos abrem a boca para discutir, mas ela não deixa. – Se não descobrirem nada excitante, então podem fazer esquetes de cobre. Todo mundo precisa de mais lápides roxas. Agora vão! Vão! Os lápis de cera estão na caixa.

Miss Shelley é bem jovem. Tem cabelos loiros e usa saias longas e pretas que farfalham quando caminha. Ela parece uma bruxa. Uma bruxa boa, que faz poções para o bem, usando flores e árvores. Ela é linda.

Ela gosta de coisas que *falam a você*. Eu não me importo. Gosto da igreja. É escura e fechada e tem o cheiro de poeira pisada e pedra antiga. Fico imaginando se papai e tia Meg estiveram aqui com sua escola e desenharam alguma coisa que “falou” a eles.

Os meninos caminham pelo corredor do meio.

– Olha! Homem morto!

– É uma estátua!

É Josh e Matthew. Hannah olha zangada para eles pelas costas.

– Bobo – diz ela, mas é ignorada. Ela não procura algo para desenhar. Fica parada na frente de outra estátua, observando os meninos.

Sigo atrás deles no corredor do meio, passando meus dedos na madeira dos bancos. Eles têm pequenas portas talhadas com folhas de hera na madeira escura.

No meio da igreja encontram-se duas colunas de pedra. No topo de cada uma tem um rosto esculpido em pedra. Um homem. Ele tem olhos grandes e um rosto longo e largo. Tem folhas que saem de seu rosto e cabelos. Parece inteligente e selvagem, como um deus antigo ou um duende de conto de fadas. Não parece do tipo que se possa achar numa igreja.

É o homem caçado.

Paro e fico olhando. O homem da noite passada não tinha folhas, mas tinha os mesmos olhos, o mesmo nariz; a mesma curvatura arredondada sobre as faces. É definitivamente ele.

– Este é o meu homem!

Estou tão surpresa que digo isso em voz alta. Os meninos param de deslizar nas estátuas de pedra e olham para mim. Olho para Miss Shelley.

– Aquele homem! Foi ele que eu vi ontem à noite, sendo caçado.
– Ele estava no meio de uma coluna? – pergunta Josh. Matthew dá uma risadinha de desprezo.

– Ele tinha folhas saindo do nariz?

– Claro que não!

Emily se aproxima agora e me observa com seus olhos calmos.

– Ele estava fugindo, ontem à noite!

– Você não pode tê-lo visto ontem à noite – diz Josh. – Este cara já está ali faz muitos anos. Ele deve ter, vamos ver, pelo menos mil anos. Seria um fantasma.

Quero dar um murro nele.

– Quem é você para saber, Josh Haltwhistle? Você estava lá? Como pode saber quem ele é?

– Ele é o Homem Verde – diz Miss Shelley.

Ela está parada no corredor, a saia preta balançando e mesclando-se à sua sombra; então, não se sabe onde uma começa e a outra termina. Os meninos ficam quietos. Até Hannah fica curiosa.

– Ele é da Bíblia? – pergunta Alexander, meio em dúvida.

Miss Shelley ri. A magia se quebra.

– Não exatamente – responde ela. – Homem Verde é o nome para um rosto assim – feito de folhas ou com folhas ao redor. Ele aparece em igrejas antigas e em lápides. Ninguém sabe por quê.

– Lápides? – pergunto.

– Sim – diz ela. – O Homem Verde está ligado ao ciclo de morte e renascimento. Ele é colocado em túmulos como símbolo de esperança.

– Mas as pessoas não renascem, miss – diz Alexander.

– Não frequentemente – diz Miss Shelley. Ela parece tão linda ali, que eu fico toda encantada. – Vejam, o Homem Verde é um deus antigo – de um tempo antes que a maioria das pessoas pudesse ler e escrever. Por isso, não sabemos nada sobre ele. As pessoas acham, porém, que ele deve ter sido o deus do verão – ou da primavera. Compreenderam?

– Entendi – eu digo. Atrás dela. Emily pende a cabeça para um lado, atenta.

– Então – continua Miss Shelley –, imaginem que ele seja como um ano. Nasce na primavera, cresce com todos os seus poderes no verão, fica fraco no outono e morre no inverno. Por isso, você tem o período do ano em que

nada cresce. A terra está morta. Mas uma coisa maravilhosa acontece. A primavera vem de novo e o mundo renasce.

Ela fala como se isso fosse uma coisa maravilhosa. Um homem sendo destruído pelos lobos, maravilhoso! Não consigo imaginar algo mais horrível. E para isso acontecer ano após ano, enquanto o mundo girar. Meu pobre homem caçado.

– Isso é horrível! – eu digo. – Por que ninguém faz nada para parar isso? Ninguém pode parar isso? E ele nasce de novo como a mesma pessoa?

Hannah diz:

– É uma lenda, Molly.

Atrás dela, Josh dá risada cobrindo a boca com a mão. Miss Shelley sacode a cabeça.

– Nunca se deve rir de coisas que não se compreende – diz ela. – Se não tiver cuidado, elas podem acabar rindo de você.

Quando os outros se espalharam, me sentei em um dos bancos, fechei a portinha e fiquei com os pés no banco e a prancheta nos joelhos. Desenhei o homem da coluna. Ele tinha um corpo de galhos e as mãos de folhas. Tinha olhos grandes, mas não tinha boca.

Desenhei homens sobre cavalos com cães e cornetas. O maior era Josh e o segundo maior, Matthew. Eles tinham sorrisos vermelhos e espadas com sangue pingando. Estavam perseguindo o homem feito de folhas. Uma menina com cabelos claros e sapatos brilhantes observava. Ela poderia ser Emily, mas poderia ser outra pessoa. Ela não incentiva e também não chora.

– Muito bonito, Molly! – diz Mrs Angus, quando passa pelo banco.

6

Emily

Se eu pudesse ser qualquer um no mundo, incluindo uma estrela pop, ou a Rainha da Inglaterra, eu seria a Emily⁷. Emily usa um diadema rosa com estrelas e um par de elásticos na forma de unicórnios, tem uma mãe, um pai e um irmãozinho que moram todos juntos numa fazenda. Tudo ela combina, coisa que nunca acontece se você mora com seu avô e metade das suas coisas está em Newcastle.

– Emily – Hannah diz – é um tédio, a pessoa mais sem graça que já conheci. A mais sem graça em toda a Inglaterra. No mundo inteiro!

Só que Hannah está errada. É verdade que Emily não fala muito. Ela quase nunca fala na sala de aula e no recreio fica sentada no banco só olhando, ou deixa o Josh mandar nela.

Ela pode não falar muito, mas pensar, ela pensa. Às vezes, na aula, ela parece que vai dizer algo, ou olha para Miss Shelley como se estivesse escutando, pensando ou imaginando. Tento mostrar que eu também estou pensando e imaginando, mas não sei se ela me entende. Não sei se eu sou o tipo de pessoa com quem alguém como a Emily faria amizade. Não sou pequena, nem loira – tenho cabelos curtos, pretos e cacheados, que estão sempre fazendo nós, e olhos tão escuros que são quase pretos.

– Você é minha cigana feiticeirazinha – diz meu Vô, o que é legal, mas não significa nada além das fronteiras do país de meu Vô.

Subindo a estrada

Depois da aula, subo a rua na minha bicicleta, brincando.

Brincar aqui não é a mesma coisa que em casa. Em casa, eu vou e chamo minha melhor amiga Katy, ou minha segunda melhor amiga, Chloe, e vamos jogar peteca na rua, ou fazemos uma cabana no jardim da casa da Chloe, ou jogamos no computador da Katy ou qualquer coisa assim.

Na casa do Vô não tem ninguém, só a Hannah, e quase nunca brincamos juntas em casa. Aqui, tudo o que fazemos é brigar e quase fugimos. Assim, hoje estou sozinha.

Pego a bicicleta e primeiro desço a ladeira; três vezes, para dar sorte. Depois pedalo ladeira acima, do lado contrário, para longe do vilarejo, na mesma direção que fui na noite passada.

Quando chego perto do lugar com os arbustos de espinheiro, paro. Tem manchas escuras na grama que a chuva não lavou. Fico arrepiada, mas sinto alívio, também.

– Está vendo! – digo para um Josh imaginário –, ele *era* real.

O Josh imaginário fica impressionado.

Muito cuidadosamente, olho para a sujeira de novo. Ele estava deitado em um tipo de buraco, que se encheu de água da chuva, só que a água está manchada com pingos de algo vermelho escuro quase preto e pegajoso, como tinta. As manchas não estão apenas onde o meu estranho estava deitado. Tem muito mais manchas no barranco ao lado da estrada. É uma trilha, como as migalhas no conto *João e Maria*. Lá vão eles, pingo aqui, pingo ali, pingo para a direita, passando pela placa que diz PROPRIEDADE PRIVADA e continuando numa trilha onde nunca passei antes.

Desço da bicicleta e olho para a placa. PRIVADO quer dizer PERIGO e NÃO ENTRE e INVASORES SERÃO PROCESSADOS.

Mas quero encontrar o homem de novo. Quero provar ao Josh, à Hannah e à Vó que eles estão errados. Quero saber, com certeza, que ele não foi invenção minha, porque, às vezes, invento coisas e, às vezes, esqueço o

que é real e o que não é. Como inventar que a casa está pegando fogo, até que chego a ver a fumaça passando por baixo da porta do meu quarto. Além disso, quero saber quem são os caçadores e como podem ter desaparecido no meio do nada, e por que o meu homem tem seu rosto esculpido numa coluna de igreja.

Faço uma careta feia para a placa: a testa enrugada, os lábios cerrados, as sobrancelhas arcadas. Não me importa se ficar em apuros. Passar por um campo que pertence a alguém não é tão ruim quanto abandonar suas filhas, e foi isso que papai fez com a gente. E não foi punido, logo...

Esta parte do caminho tem uma cobertura de árvores que crescem de cada lado. Parece um túnel vivo, cheio de ferrugem. As folhas estão começando a ficar vermelhas nas beiradas e farfalham acima de mim; as árvores passam segredos, uma para as outras. O sangue ainda é aparente aqui, também. Se os caçadores voltaram de onde desapareceram, aposto que levaria apenas cinco segundos para aqueles lobos farejarem a sua caça.

Mas será que eles conseguiriam pular um portão? Porque tem um no caminho, com um campo cheio de vacas, o chão batido e a lama com marcas das patas das vacas voltando para a ordenha. O portão está fechado, mas lá, no campo, tem uma pequena casa de pedra, com um telhado arruinado. É uma cabana para os cortadores de madeira. Ou a cabana de uma bruxa. É exatamente o tipo de lugar em que alguém pode se esconder se outros estiverem tentando machucá-lo.

Subo no portão e pulo para o outro lado. Meus sapatos da escola estão cheios de lama, como, também, minhas meias e minhas pernas.

Continuo andando. A casa não é exatamente uma casa. É um celeiro. Tem uma porta antiga de celeiro, com duas partes, a de cima que abre com um ferrolho diferente, para que os cavalos (ou as vacas) possam olhar. A madeira está carcomida e a parte de cima da porta não existe mais.

Olho para dentro através da porta estragada. Tem uma pilha de madeira e uns sacos de cimento, cinzas no lugar em que alguém acendeu uma fogueira, mas, no resto, está vazio. Metade do telhado já ruiu.

Não tem ninguém dentro. Não sei se estou aliviada ou decepcionada.

– Olá? – eu digo. – Olá? Sou eu. Molly. É Molly.

Ninguém responde.

– Por favor – eu digo para a pilha de madeira e para o céu. – Por favor, esteja aqui. Por favor, não esteja morto.

E então, uma forma escura contra a parede se move.

– Estou aqui – diz ele.

8

Um homem no celeiro

Ele não está morto. Está encostado na parede, com as pernas abertas. Não parecem estar sangrando, mas é difícil dizer porque ele está deitado na parte sombreada, a parte ainda coberta pelo telhado. Estou na parte com o sol, que tem apenas um buraco entre as vigas, com as nuvens e o céu. Seu rosto está escondido nas sombras. O que posso ver claramente é a sola de um pé descalço, que está esticado na minha direção; branco e duro, coberto de lama.

De repente, me faltam as palavras.

– Você chegou em casa bem? Eles não encontraram você?

Confirmo com a cabeça.

– Então, está tudo bem – diz ele, e inclina a cabeça para um lado, fazendo careta, como se aquele movimento doesse.

Aproximo-me.

– Você não tem sapatos?

– Não.

E também não tem uma capa. Agora que estou mais perto, posso ver que ele está nu da cintura para cima. Posso ver os músculos de seu peito, salientes sob a sua pele morena.

Os músculos do meu pai não são tão salientes quanto os dele.

– Você precisa de alguma coisa? – pergunto. – Comida? Ajuda?

Ele encosta a cabeça na parede e sorri. É um sorriso bonito. Meio cansado, mas satisfeito.

– Não – ele responde.

Isso me lembra o jeito que mamãe costumava me olhar, meio adormecida, quando eu subia na sua cama nas manhãs de domingo, quando era pequena. Cheguei mais perto dele. Não tinha certeza se acreditava no que ele dizia. No caminho, fiquei quase convencida de que ele era o deus que a Miss Shelley falou, mas agora, que estou aqui, tenho minhas dúvidas. E se ele for apenas um homem, que esteja sofrendo como mamãe sofreu?

Se ninguém o ajudar, será que ele morre também?

– Você é real? – pergunto, de repente.

Ele estira a mão.

– Toque.

Pego a sua mão. A pele é dura e morna. As unhas estão quebradas e seus dedos cobertos de lama seca e outras coisas.

– Real – diz ele.

Seu rosto é exatamente como o rosto na igreja – faltam apenas as folhas. Ele é moreno, cabelos cacheados, com mechas vermelhas e alaranjadas que reluzem quando o sol as iluminam. Está usando uma calça feita de material grosso que faz pregas como se fossem rugas, como a pele do rinoceronte no livro *Just so stories*, do Rudyard Kipling. Chegam ao meio das pernas. Estão rasgadas e com furos feitos pelos caninos dos lobos, cobertas de lama e sangue fedorento, mas se eu piscar e olhar para longe, quase posso esquecê-las.

– Seu rosto está na igreja – eu digo.

Ele não parece surpreso.

– Está? – diz ele e olha para mim com o mesmo olhar bondoso. Depois fecha os olhos, e dorme.

Fico ali por um tempo, observando, mas ele não se move. Levanto, bem devagar, sem fazer barulho, volto para a porta. Quando me viro para olhar, ele não está mais lá.

9

Realmente real

Fico sentada em cima do portão, olhando para o céu. *Realmente* real!
Analisando a situação, no estilo do *Famous Five*, há duas possibilidades.

1. Ele é real, mas é uma pessoa comum, sem mágica. Eu deveria (provavelmente) ligar para o número de emergência, chamar uma ambulância, como nos ensinaram na escola, para que venham salvá-lo. Vou ficar famosa em todos os jornais – *Menina salva um homem ferido*. Pode ser até que ganhe uma medalha.

2. Ele é uma coisa completamente diferente – o Homem Verde e o deus antigo da igreja. E qualquer coisa pode acontecer agora.

O Vô está atendendo uma fila de fregueses quando entro na lojinha. A Vó não está em lugar nenhum. Hannah está na cozinha, ajoelhada em umas das cadeiras. Está praticando sua assinatura em letras elaboradas e roxas:

HANNAH BROOKE
HANNAH DIANA BROOKE
HANNAH DIANA WATSON-BROOKE
HD BROOKE
HDB.
HANNAH

– Hannah. Hannaaah.

Ela se vira um pouco, embora esteja de costas para mim. Ela fez de todos os pontos finais e dos pingos de seus ‘is’ pequenos corações.

– Hannaah.

Pego no seu braço.

– Eu o encontrei. O homem da igreja – o deus que a Miss Shelley mencionou na igreja. Aquele que tem de morrer para fazer o inverno. Sei onde ele está. Podemos ir até lá e salvá-lo!

Hannah puxa o braço de volta.

– Me deixe *em paz* – diz ela. – Estou ocupada. Não tenho tempo para essas brincadeiras.

– Hannah, não estou brincando. É sério, é sério mesmo. Encontrei o homem. Ele está ferido. Podemos ajudá-lo!

Hannah olha para mim com uma faísca de interesse.

– Eu prometo, prometo de verdade. Honestamente. Juro... juro pela vida de papai.

– Sabe que não é para jurar – diz Hannah, mas põe a caneta na mesa. – Primeiro me mostre. Depois, se ele for de verdade, contamos ao Vô.

Eu vou na frente e Hannah vem atrás. Sei que deveria ficar preocupada a respeito do homem, mas, na verdade, estou muito empolgada com a idéia da missão de resgate. Fico pensando se não deveríamos ter trazido algo para fazer curativos ou, pelo menos, aspirina.

– Precisamos pular um portão – digo a Hannah. – Ele está no celeiro. Ali!

– Você não disse nada sobre *lama*! – exclama Hannah. Ela não pula na lama, como eu (meus sapatos da escola não poderiam ficar mais enlameados). Ela vai pelas pontas, se equilibrando nas pedras. – Ui!

Chego primeiro ao celeiro. Ele está lá; dormindo no mesmo canto. O sol se moveu e agora tem um raio de luz que vem do buraco no telhado iluminando seu rosto. Ele parece um Jesus de cabelos cacheados.

– Olá – eu sussurro. Ele pisca para mim.

– Ai! – o piso dentro do celeiro é mais baixo do que o batente da porta e Hannah tropeça e pisa em uma tábua. Escorrega e se segura em mim. – Que lugar é esse?

– É aqui que ele está – e aponto. – Olhe.

– Onde? – pergunta Hannah. – O que é que você está mostrando?

Eu olho. Ele desapareceu.

10

Mamãe

Quero mamãe esta noite. Quero contar a ela sobre o homem no celeiro. Quero levá-la até lá e dizer: “Um homem estava aqui e depois não estava. Ele é real?”

“O mundo é um lugar estranho e maravilhoso, Molly-mô.” É isso que ela diria.

– O mundo é um lugar estranho e maravilhoso – murmuro, mas isso só me faz sentir ainda mais sozinha.

Da minha cama, posso ver a luz no corredor. Escuto as vozes rindo na televisão. Eu poderia ir até lá e conversar com a Vó e o Vô, poderia contar para eles, dizer que caçadores passaram pelo vilarejo ontem à noite, e depois desapareceram. Poderia dizer que há um homem no celeiro e minha professora disse que ele vai morrer. E que eu vou salvá-lo, mas eu não me movo.

O nome de mamãe era Diana Eleanor Brooke. Ela morreu no dia oito de agosto. Tinha trinta e nove anos, o que soa muito velha, mas não é. Não quando se compara com a Vó, que tem sessenta e nove e o Vô, que tem setenta e quatro.

Minha mãe era a pessoa mais linda do mundo inteiro, provavelmente. Mais linda até que a Miss Shelley. Tinha cabelos longos e claros e olhos verdes de bruxa e um nariz arrebitado com sardas, que é uma coisa que nenhum adulto tem. Nem Hannah, nem eu nos parecemos com ela. Quando eu era pequena, costumava desejar que meus cabelos negros e cacheados se transformassem em loiros e lisos, para que, assim, quando crescesse, me parecesse com ela; mas nunca aconteceu. A única coisa que temos em comum são as sardas. Ela era a única pessoa adulta que eu conheci com sardas. Mas ela não era de jeito nenhum como uma pessoa adulta. Era adulta com coisas, como o horário de ir para cama e escovar os dentes, mas era como uma criança com outras coisas, como árvore de Natal e fogos e fadas. Ela acreditava em fadas. Achava que uma vez chegou a ver

uma, quando era menor que eu. Só que foi por um momento, da janela de um carro; assim, ela nunca teve certeza. Eu quase acredito em fadas, também. E gosto de árvores de Natal, sorvete de banana e de pular as ondas na praia, como ela gostava.

Mamãe é a pessoa que quero comigo agora. Ela é a pessoa para quem quero contar sobre o meu homem. Ela jamais pensaria que eu estava fazendo brincadeiras, ou que estava inventando, como a Vó e a Hannah pensam. Ela saberia o que fazer. Ela... Não sei o que ela faria, mas sei que acreditaria em mim.

A flor e a árvore

Assim, estou sozinha. Mas tudo bem. Quando volto para casa, da escola, vou direto para a cozinha. A lojinha é um lugar melhor para ir, mas a Vó está lá e, de qualquer maneira, ela notaria se alguma coisa estivesse faltando. A cozinha é o lugar do Vô e ele é muito menos observador. Pego uma sacola da gaveta e encho com coisas. Maçãs. Pão. Suco de laranja. Um pacote de presunto. Uma lata de feijão cozido, uma latinha de pêssego, uma lata de sopa de tomate com arroz. Um garfo. Fósforos.

Se ninguém quer saber de ajudá-lo, isso não quer dizer que eu não possa.

Tem amoras crescendo nas cercas vivas da estrada. Tem mais árvores se transformando nas cores de outono – tons de amarelo e laranja. Parece que alguém pegou um pincel e pintou o mundo com uma mistura de tintas.

Os barrancos estão cobertos com os galhos secos de cerefólios do campo. O ar ficou mais fresco e mais frio. Tem o cheiro de folhas, grama, terra molhada.

Quando entro no celeiro, ele está lá. Está acordado. E se moveu. Da última vez, estava encostado na parede, mas agora está encolhido em um canto, longe do vento.

– Olá – eu digo.

Ele levanta a cabeça quando entro.

– Molly, não é? – ele diz. – Fiquei pensando se você voltaria. – Ele estende a mão e eu venho e me sento ao lado dele.

Na luz da tarde, posso ver suas pernas com clareza. Seu estado é terrível. Posso ver as manchas e as mordidas, até os pés. Tem um cheiro forte, como se alguma coisa estivesse apodrecendo, e as moscas sobem pela sua calça estranha. Olho para longe.

– Está doendo? – pergunto.

Ele boceja e sacode a cabeça de novo.

– Devo chamar uma ambulância? Alguém que possa ajudar?

– Uma ambulância não me encontraria – diz ele.

Sentamos ali, quietos, olhando a poeira dançar na luz do sol que penetra pela porta.

– Eu trouxe umas coisas. Achei que você... quero dizer, se você quiser... Não precisa aceitar, se não quiser.

Coloco a sacola na frente dele. Ele olha para ela, inquisitivo, e tira uma latinha de pêssegos. Vira a lata para cima e para baixo, cheira. Sua boca faz um movimento engraçado para o desenho e ele põe a lata no chão.

– É bonita – diz ele. – Obrigado.

– É uma latinha de pêssegos! – eu digo. —Você não sabe o que um enlatado?

Ele me olha, expectante. Arranco a tampa e abro a latinha para ele.

– Olhe. São pêssegos.

Ele enfia um dedo sujo dentro do xarope e toca o dedo na língua, cauteloso. Eu fico olhando. Um olhar de surpresa passa pelo seu rosto e ele ri alto.

– É doce!

– Você pode comer. Trouxe um garfo – olhe.

Mas ele não quer o garfo. Enfia os dedos no xarope e come as fatias de pêssego sem mastigar, o líquido escorrendo pelo queixo. Não sei o que a Vó diria sobre comer com as mãos sujas como as dele, mas ele parece contente.

Ele sacode a cabeça quando mostro o resto da comida na sacola.

– Está bom. Já é suficiente. Obrigado.

– Não está com fome? – pergunto, e ele diz que não com a cabeça.

Fico matutando sobre isso, quando percebo outra coisa. Tem alguma coisa crescendo no chão ao lado dele. Uma árvore. Uma árvore bebê. Uma mudinha.

Ela é quase tão alta quanto ele. E tenho quase certeza de que não estava lá da última vez.

– De onde veio a árvore?

Ele olha para cima; levanta a mão e toca nos galhos acima de sua cabeça. Ela *cresce* – juro – se esticando como se quisesse se enrolar nos seus dedos. Ele desce a mão e o galho novo a acompanha.

E percebo outras coisas. Vejo a grama crescendo ao redor de seus pés, onde não havia grama antes. E a hera subindo pelas paredes – muito mais densa atrás dele. Será que sempre foi assim? Ou...

Ele vê que eu estou olhando e ri. Mostra suas mãos. Estão vazias. Ele sopra nelas e alguma coisa começa a crescer, do nada. Uma semente. Uma mudinha verde. Folhas. Uma flor. Uma campânula azul.

– Para você – diz ele, e me dá a flor.

Seguro a campânula azul com muito cuidado na palma da mão. Tenho medo que ela possa desaparecer se eu me mexer.

Ele fica olhando para mim. Parece contente. E se encosta na parede.

– Não – diz ele – não preciso da sua comida.

12

Jack

Quando volto, Jack está trabalhando no nosso jardim. Paro no portão e fico olhando.

Jack mora ao lado da lojinha, com a Ivy. Ivy é meio maluca. Ela fica o dia inteiro de chinelos e um chapéu com flores rosas. Não é para ela ir além do jardim, mas, às vezes, ela escapa e sai andando pela rua e Jack tem de trazê-la de volta para casa. Uma vez, eu vi quando ela escapou e corri atrás dela e a trouxe de volta. Jack estava na cozinha e disse para ela: “Ei, moça, para onde estava indo desta vez?”. Ela olhou para ele e sorriu um sorriso enorme sem dentes e disse: “Estava indo ao circo!”

Eu gosto da Ivy, mas gosto mais do Jack. Jack é homem, mas é ele quem faz a comida e limpa a casa. Ele até dá banho na Ivy na banheira. Ele me contou. Jack e meus avós dividem um jardim enorme e Jack é quem toma conta dele.

Jack descansa o queixo no cabo do ancinho quando me vê e acena.

– O que há, pica-pau?

– Nada – respondo, subo e me sento no topo do portão. Jack volta a trabalhar com o ancinho.

– Tenho uma flor – conto a ele.

– Tem?

– Uma campânula azul.

A flor está no meu bolso, se ele quiser ver, mas ele não pede. Continua trabalhando.

– Então é uma campânula azul muito corajosa – diz ele – para crescer em outubro.

– Ela é mágica – eu digo. – Um homem fez ela crescer do nada.

Jack fica calado. Continua fazendo pilhas de folhas com o ancinho.

– Você não acredita em mim, não é? – Mas você acredita em mágica?

Jack para.

– Está vendo aquelas árvores? – ele aponta. Eu digo que sim. – Fui eu que as fiz crescer do nada. – Ele ri. – Existe mais magia em árvores do que

em truques de mágica – diz ele, por fim.

Um pedido ao Deus Carvalho

Vou para dentro de casa. Fico pensando um pensamento. Não é um pensamento muito grande. Fica bem lá no fundo da minha mente; tão pequeno que não tenho coragem de trazê-lo à tona ou até mesmo pensá-lo de verdade, apenas um jeito de pensar de lado, no cantinho. Porque se eu pensar direito, ele pode se esmigalhar para o nada, do jeito que acontece com certas coisas quando você mostra para alguém.

E este é o pensamento: se o homem no celeiro *é* um deus, e se ele pode trazer o verão e fazer coisas crescerem do ar e faz tudo aquilo que um deus do verão faz, *o que mais ele pode fazer?*

Não quero dizer superpoderes, ou jóias, ou palácios de fadas. Não quero nenhuma dessas coisas. Meu desejo é muito simples e fácil. Será que ele pode fazer meu pai nos querer de volta? Será que pode trazer minha mãe de volta?

Momentos não preciosos

Ele mexe com a minha cabeça, esse homem. Quando vou vê-lo, acabo me esquecendo de tudo que quero perguntar – como *Quem é você?* – e fico distraída pelos seus pés descalços e pelas folhas de hera.

Nem sei como se chama. Se eu fosse um dos *Famous Five*, já teria resolvido o mistério.

É claro que, se eu fosse um dos *Famous Five*, então ele seria um contrabandista, um cigano ou um detetive disfarçado, mas tudo bem.

No sábado, no café da manhã, faço uma lista com todas as perguntas que quero fazer, começando com *Qual é o seu nome?* e assim por diante, como *Você é realmente um deus pagão?* até chegar a *O que mais você sabe fazer além de fazer árvores crescerem? E será que você pode me ensinar para que eu possa fazer isso também?*

– Posso sair? – pergunto ao Vô, mas ele diz que não.

– Hoje não, meu bem.

O que tem hoje? Mais um dia com a tia Meg, ou com uma das amigas de mamãe? Ou será que vamos “brincar” com meus primos, que são meninos e estão no colégio e gostam de computadores e futebol e de olhar para a gente como se o gato tivesse engolido a língua deles?

– Seu pai vem hoje, meu bem. Lembra?

Ah. Papai.

– Molly Alice – diz a Vó, colocando a faca no prato. – Não faça essa cara. Você quer ver seu pai, não quer?

– Quero – respondo. Arranho a mesa de plástico com a unha. – Claro que quero.

– Mas eu não – diz Hannah. E espeta o garfo no meio do ovo cozido, olhando brava para o Vô.

Ele olha para longe.

Toda vez que papai vem, eu fico ansiosa para vê-lo e toda vez é horrível.

Estamos parados no estacionamento. Hannah está emburrada em um canto do carro, com seu fone de ouvido e a música no volume máximo.

– Ah, meu bem – diz papai. – Vamos comer alguma coisa.

– Me deixe em paz.

Papai está abaixado ao lado da porta do carro. Dá para ver que ele não sabe o que fazer. Mamãe, geralmente, é quem conversava e brigava na família.

Estou parada ao lado de papai, olhando para dentro do carro. Para mim, parece que estamos aqui há *horas*. Queria que ele dissesse para Hannah o quanto ela está sendo infantil. Alguém (não eu) teria de dizer.

– Não podemos deixar ela no carro, papai? Estou com fome.

– Ah, vê se cresce – rosna Hannah, como um tigre diria, eu imagino – e não se meta nos negócios dos outros.

Papai se afasta. Abre a boca, mas logo fecha de novo. Ergue-se e caminha para o outro lado, sem olhar para nenhuma de nós.

Eu corro atrás dele. Hannah se comporta como um monstro toda vez que saímos com papai. Da última vez, ele nos levou para ver o castelo de Harry Potter em Alnwick e ela cantou *Eu sei uma música que vai deixar você louco* durante todo o passeio. E da vez anterior, quando fomos à praia, ela jogou areia no banco dele e em todos os sanduíches só porque ele disse que não podíamos comer peixe com batata frita.

E hoje, nem sair do carro ela quer.

Encontro papai na fila da lanchonete. Era para irmos ver um casarão antigo com jardins. Eu não sei por quê. Papai detesta jardins. E o único casarão antigo de que eu gosto é o Newby Hall, porque lá tem barcos de pedalar e uma tirolesa.

Toco no ombro de papai para ele ver que estou ali. Ele me dá um sorriso rápido, mas que desaparece imediatamente.

– O que você quer comer? – ele pergunta. – Tem sanduíches ali, olhe. Vá e escolha um.

Não é para menos que ele não nos quer por perto, se tudo o que acontece quando ele vem é briga. Vou e pego na geladeira um sanduíche de queijo que parece de plástico, com um pegajoso pickles no meio. E está frio.

Papai acha uma mesa longe da janela, como se não se importasse com Hannah. Mesmo assim, fica olhando por cima do ombro na direção do

carro. Não é justo. Este é meu dia com papai, tanto como o dela.

Pego um cubinho de açúcar do açucareiro e mordo um pedaço. Fico esperando ele reclamar, mas ele nem nota.

– Não podemos deixar a Hannah em casa da próxima vez? – pergunto, para ele poder olhar para mim. – Ela é sempre tão odiosa.

Papai esfrega o rosto com as mãos.

– Hannah não é odiosa – diz ele –, nem mais nem menos do que você ou eu. Ela está... – ele hesita, como se tivesse tentando achar uma maneira legal de dizer “odiosa”. – Bom – ele diz –, isso não é fácil para ninguém.

Quando se esfrega o rosto, quer dizer que se está cansado. Será que papai está cansado? Não sei. Ele é mais velho do que os pais de outras crianças que eu conheço. E mais feio. Seus cabelos são ralos e estão ficando grisalhos nas pontas, seu rosto é todo achatado e torcido, como o de um cão *pug*.

– Não sei o que você viu nele – resmungava a Vó para mamãe, quando ela estava irritada com ele. E mamãe se inclinava na mesa, seu rosto brincalhão, e dizia:

– Ele me fez rir, é claro.

De repente, desejo ardentemente que ele fique comigo.

– Talvez devêssemos ir morar com você – disse. – Aí a Hannah não seria tão odiosa o tempo todo.

– Quem me dera, meu bem, quem me dera – diz papai. Mas seus olhos não ficam vivos quando ele diz isso.

– Mas nós podemos – eu digo e me aproximo dele. – Não me importa o tanto que você trabalhe. Hannah e eu podemos nos virar. Podemos até cozinhar para você e tudo mais. Posso cozinhar. Sei fazer chá, café e bolinhos de chocolate e menta, sopa e feijão com torrada e sanduíches. E isso é suficiente para se viver.

Mas papai nega com a cabeça.

– Não, meu bem – ele diz. – Não vamos começar esta discussão de novo. Você não pode ficar em casa sozinha e a Hannah também não. Especialmente à noite. E com meu trabalho, não posso garantir que vou estar sempre lá.

É enormemente injusto. Um monte de crianças da idade de Hannah fica em casa sozinha. E tem crianças que tomam conta dos pais, se eles usam cadeira de rodas ou coisa assim. Vi no programa do *Blue Peter*⁸.

– Você pode contratar uma babá – eu digo. – Eu não me importo. Ou uma governanta, ou podemos ir para um clube depois das aulas – muita gente faz isso.

– Moll – diz papai, começando a se irritar. – Não vamos brigar sobre isso agora. Não se pode exigir que uma babá venha de última hora, que é o tempo que posso avisar. E não se pode ficar em casas de governantas durante a noite.

Sinto um frio na espinha.

– Mas vamos voltar a viver com você – eu digo. – Você *prometeu!* Não podemos viver com o Vô *para sempre*.

Papai fecha os olhos e eu paro, assustada. Ele está indo embora de novo. Será que ele me deixaria aqui do mesmo jeito que deixou a Hannah? Seguro a respiração, mas aí ele abre os olhos de novo.

– Para sempre não, meu bem – diz ele. – Não posso ter vocês comigo nesse momento, Moll. Não tenho nem condições de tomar conta de mim mesmo. Uma vez que eu encontre outro trabalho, então vamos ver.

Fico com raiva por ele ter-me assustado tanto e por estragar o meu dia feliz. Não é justo. Pais devem sempre querer que suas filhas se divirtam.

– Então ache um outro trabalho! – eu digo. – Não é só preencher um formulário e fazer uma entrevista ou qualquer coisa? Deve levar uns cinco minutos! Não leva semanas e semanas e semanas assim!

– Estou tentando – diz papai. – Realmente estou, meu bem.

– Então, tente mais. Todo mundo tem empregos. Não é difícil assim!

Papai deixava mamãe maluca porque não brigava com ela e está fazendo a mesma coisa comigo, agora. É como se houvesse um muro ao redor dele que não deixa nenhuma palavra atravessar.

– Vamos – diz ele. – Vamos voltar para Hannah. Vamos ver se ela vai nos deixar entrar no carro.

No carro, o rosto de Hannah está franzido, como se estivesse fazendo um esforço enorme para não chorar. Papai lhe entrega um pacote com um sanduíche de queijo e ela pega sem dizer nada. Ele dá partida no carro e voltamos para o vilarejo.

Quando chegamos na casa do Vô, Hannah sai do carro a toda velocidade e corre para dentro. Papai dá de ombros, tristemente, como se não soubesse o que fazer. Um pai *tem de* saber dessas coisas! É para isso que é pai!

– Vamos, meu bem – diz ele, com a voz triste, colocando a mão no meu ombro. Eu saio e corro para dentro de casa, passo o Vô e subo as escadas.

Às vezes, sei exatamente como é ser Hannah porque, às vezes, detesto o papai também.

Papai

Há duas razões por que não moramos com papai.

A primeira é o seu trabalho. Papai é jornalista, o que quer dizer que as pessoas, isto é, seu chefe, ficam ligando para ele dizendo: “Precisamos acompanhar um acontecimento em Coventry, com pressa.” E lá vai ele até Coventry para descobrir que acontecimento era aquele⁹ e acaba não voltando para casa até bem tarde, às vezes depois que já tínhamos dormido.

A segunda razão é que depois que mamãe morreu, papai adoeceu também. Começou a trabalhar o dobro do tempo e a chegar muito mais tarde todas as noites (tia Rose estava tomando conta da gente, assim ele podia nos deixar em casa). E, algumas vezes, ele chegava em casa e ficava olhando para o nada e não respondia quando a gente falava com ele. Se isso já é uma coisa assustadora por parte de um mendigo pior ainda, duas, três até quatro vezes pior se a pessoa que está fazendo isso é o seu próprio pai. E tia Rose fazia todas as coisas importantes, como comprar comida, mas as outras coisas, como aulas de piano e sapatos para a escola, acabaram esquecidas. Um dia, a Vó veio ficar com a gente, porque a tia Rose tinha que ir tomar conta de seus próprios filhos, e o pai começou a chorar, ali no meio da cozinha. A Vó me mandou para fora, mas eu fiquei escutando mesmo assim. E ouvi ela dizer: “Você sabe que podemos ficar com as meninas, Toby.”

E quando Vovó disse aquilo, foi como se houvesse duas partes de mim. Uma que ficou contente – porque eu gosto da Vó, especialmente do Vô, e também porque era como uma aventura empolgante morar no campo com eles, assim tipo ser evacuado com um crachá no pescoço. Mas a outra parte de mim sabia que a única razão para ser tão empolgante era porque nunca aconteceria. Porque eu não queria acreditar, realmente, que um pai como o nosso, um pai bom, que nos amava e que não nos prendia em armários ou esquecia de nos dar de comer, jamais poderia nos abandonar. Mas foi isso o que ele fez.

Uma garoa cheia de perguntas

Depois que papai foi embora, desci e fiquei parada na porta da lojinha. Chovia de novo. Não uma enxurrada, mas uma chuvinha fina, fria, com gotas prateadas no meio; tão fina que você quase duvidava que estava chovendo. Era aquela chuva que escorrega do telhado e desliza na manga da minha camisa quando ponho o braço para fora.

– Um chuveiro – eu falo alto.

– Uma garoa – diz o Vô. – A garoa é mais fina. Garoando. A garoa garoando.

– Posso sair? – pergunto. – Descobri onde está o homem – aquele que sumiu para o nada. Ele está escondido numa cabana. E faz crescer flores.

– Pode ir – diz o Vô. Ainda não sei se ele acredita em mim. – Mas pelo menos tente não se molhar.

– Eu gosto de ficar molhada.

– Então está bem, meu cachinho doce – diz o Vô. Ele vem e fica parado atrás de mim na porta. Ficamos olhando a chuva.

– Não fique com raiva de seu pai. Ele está fazendo o que pode.

Viro o rosto para ele, surpresa. Ele me dá um beijo na testa.

– Pode ir – diz ele. – Pode ir procurar o seu homenzinho. Antes que eu mude de idéia.

Tudo parece diferente no meio de uma garoa. É como um nevoeiro. As árvores mais distantes estão quase invisíveis. Abro a porta do celeiro bem devagarzinho.

– Olá?

Ele está lá.

Mudou de lugar de novo. Teve que mudar. Sua árvore cresceu. Não é mais uma muda; é uma árvore de verdade. Os galhos no alto já passam da parede quebrada. Está cheia de folhinhas, todas cobertas com gotinhas de garoa. Folhas de carvalho, como nuvens em um desenho.

A hera cresceu também. Tomou a metade da parede de trás. Pequenas flores amarelas estão crescendo do chão. Ele está sentado, encostado no tronco da árvore. Ele parece alegre e estranho com um jeito selvagem – no entanto parece mais velho do que antes. Não sei o que concluir sobre ele. Em casa, acho que ele seja um mendigo ou um fugitivo da lei ou algo assim, mas aqui

eu realmente acredito que ele é um deus, como a Miss Shelley disse.

Tiro minha caderneta e começo a perguntar do começo.

– Como é seu nome?

Ele não entende.

– Eu, por exemplo, me chamo Molly. Quem é você?

– Eu não tenho um nome como Molly – diz ele. – Por que deveria ter?

Ele não diz isso com raiva, como a Hannah diria. Mas sim com curiosidade. Como se realmente não entendesse o que quero saber.

A próxima pergunta na minha lista é: *Você é o deus do verão?* Mas o problema é que, agora, aqui, não tenho coragem de perguntar. Tento outra coisa.

– Quantos anos você tem?

Se ele é o deus da Miss Shelley, então ele nasceu apenas na primavera.

– Sou mais velho que uma bolota de carvalho.

– Você viu o inverno?

– Um inverno? Por quê? Você perdeu um?

– Logo vai chegar um e você vai ficar com frio.

Ele me olha com o olhar mais carinhoso que já vi.

– Não fico com frio.

Descanso meu queixo em cima dos joelhos e abraço as pernas. Sou *eu* que estou com frio. Mesmo aqui, embaixo do telhado, a chuva ainda me pega quando o vento sopra.

– Por que é que ninguém mais pode vê-lo? Por que você fica sumindo?

– Você se importa? – diz ele. – Não quero preocupar você.

– Eu...

Não sei o que dizer. Ele estira a mão e toca na minha mão. Eu dou um arrepio.

– Não quero que eles me descubram – diz ele.

– Os caçadores?

Ele não responde.

– Você está tomando cuidado – diz ele –, não está? As noites estão ficando mais longas. O Rei Azevinho está ficando mais forte...

– O Rei Azevinho. Quem é ele? – pergunto, mas já sei da resposta. – Ele é o homem no cavalo, não é? Aquele que era o líder da caça? Aquele que está atrás de você?

Mais uma vez, ele fecha os olhos.

– Não fique assustada. – Não quero assustá-la.

– Ele pode me machucar, não pode?

– Claro que sim – ele se mostra surpreso de eu perguntar isso. – Talvez fosse melhor você não vir mais. Não quero que ele machuque você...

– Ele machucaria?

Ele não responde.

– Ele quer machucar você – eu digo –, não quer?

Meu homem me observa sem se mover, encostado na árvore.

– Sim – diz ele. – Ele quer me machucar.

Ficamos em silêncio. Estou cheia de incertezas, misturadas com apreensão. Será que ele vai ficar sentado aqui, esperando que o Rei Azevinho apareça? Será que não vai fazer nada?

– Você não pode usar sua magia nele?

– Magia?

– É. Como você fez com a minha flor.

– Sua flor se formou por ela mesma.

– Pode fazer outras coisas se formarem por elas mesmas? – pergunto, esperançosa.

Ele começa a rir e a risada se transforma em tosse, uma tosse feia, molhada. E eu me assusto. Parece que ele não consegue parar de tossir, mas, por fim, ele para.

– Você está bem? – pergunto.

Ele sacode a cabeça. Fico pensando se devo ir embora, mas ele segura minha mão, como se para eu ficar com ele.

– Você pode fazer tanta coisa – eu digo.

Estou pensando em todas as coisas que acontecem na primavera: as celidônias nos campos atrás da casa do Vô, os filhotes de pássaros-pretos com os bicos abrindo e fechando nos seus ninhos na ameixeira, as teias

prateadas de aranha na grama de manhã. – Pode... – começo e paro. – Você é quem faz os filhotes de animais nascerem?

Ele levanta a mão de novo, conscientemente, deixando a palma para cima. Imagino que ele vá fazer algo para mim – um ratinho, talvez, ou um esquilo. Gostaria de ter um esquilo. Ele deve ter adivinhado o que eu estava pensando, porque olha para mim e seus olhos estão sorrindo.

– Não se pode fazer um bebê sem uma mãe, não é mesmo? – diz ele, brincando. A hera se desenrola da palma da mão e sobe pelo braço. Ele fica com a mão aberta, olhando.

Os músculos do peito se enrijecem. Eu olho para o chão.

– Você pode fazer a mãe também? – pergunto, bem baixinho – Você pode fazer alguém voltar a viver para mim se eu pedisse? Minha professora me disse que seu rosto é usado em lápides, é isso? Você é o deus do renascimento, ela me disse. Então, se alguém está morto, você pode fazê-lo voltar a viver? Pode?

Ele não me responde. E quando olho de novo, não está mais ali.

Longa distância

Papai telefona à noite.

– Está tudo bem, meu amor? – quer saber.

Faço que sim com a cabeça, e então lembro que ele não pode me ver.

– Sim – respondo.

– Sinto muito por ter sido tão rude, meu bem. – A voz soa cansada, como se o resto dele estivesse em outro lugar. – Estou fazendo o que posso.

– Eu sei – encosto a cabeça na parede. – Também sinto muito.

– Vamos ficar de bem?

– Vamos.

Silêncio. Bato os saltos do sapato contra o degrau da escada, esperando que ele diga alguma coisa.

– Como foi sua tarde hoje, boa? – diz ele, por fim.

– Fui ver o meu homem – conto a ele. – O homem que eu conheci. Ele vive numa cabana, como em um livro, porque está se escondendo dos caçadores que estão tentando matá-lo. Ele pode criar coisas do nada, como árvores, flores, poções mágicas.

– Parece muito útil – diz papai. – Quem sabe você não pode me apresentar a ele da próxima vez que eu for lhe visitar.

– Talvez – digo, mas duvido. – Só que ele não deixa ninguém mais vê-lo, só eu. Ele fica invisível.

– Tudo bem – diz papai. E dá uma risadinha, embora não saiba o que ele está achando engraçado.

Hannah aparece na porta da cozinha.

– Jantar! – ela grita.

Cubro o aparelho com a palma da mão.

– Quer falar com papai?

Hannah diz que não com a cabeça e desaparece.

– Tenho de ir – eu digo.

– Está bem – diz papai, e respira fundo. – Me dá um beijo?

Beijo meus dedos e toco no telefone.

– Aí. Pegou?

– Espere... Sim... Não, não. Ah, agora sim! Peguei!

– Agora é sua vez.

– Ok – papai diz. Posso ouvir seu sorriso. – Enviando agora. Pronta?

Fecho os olhos bem apertados e espero para que o beijo viaje de Newcastle pela linha de telefone. O beijo passa pelos fios e corta o espaço. E chega explodindo pelo aparelho de telefone e cai na minha face com um *sshplat*.

– Recebeu? – papai pergunta.

– Recebi sim.

– Então pode ir.

E agora sua voz soa triste. Desligo o telefone, porque não quero ouvir.

Folhas douradas e reis

As folhas nas árvores estão mudando de cor; vão de verde para amarelo e caem do céu. Lá em casa é o mesmo, só que a gente não percebe, porque não tem tanto assim. Tem frutos na roseira das cercas vivas e as amorinhas vermelhas dos arbustos de espinheiro, um frio cortante no ar e as folhas caídas na grama para a gente pisar.

Numa manhã na escola sopra um grande vento. Vamos para fora tentar pegar as folhas que caem das árvores para o chão da rua. Pegamos as folhas e levamos para colocar entre as páginas de dicionários e Atlas. Na quarta-feira, tiramos as folhas para plastificá-las e fazemos móveis com elas para pendurar no teto. Mrs Angus – que parece saber muito sobre árvores – nos ensina o nome em latim, coisa que nunca aprenderíamos na nossa escola antiga. Carvalho – *Quercus robur*. Freixo-europeu – *Fraxinus excelsior*. Espinheiro – *Crataegus monogyna*.

Gosto de pensar que estes são os nomes verdadeiros das árvores; o nome amigo que usaríamos se um dia ela falasse conosco. Quercus Robur soa engraçado e simpático. Fraxinus excelsior soa corajoso, como um cavaleiro. Crataegus Monogyna dá um pouco de medo, uma velha e carrancuda árvore-bruxa com dedos longos e vermelhos.

Não falamos sobre o azevinho, o que é bom, porque não quero nada sobre o Rei Azevinho no meu caderno. No entanto, pergunto sobre ele para a Miss Shelley.

– O Rei Azevinho? Onde ouviu falar sobre ele?

– O homem contou para mim sobre ele. Você lembra – eu lhe contei. A estátua na igreja, que eu conheci.

Do outro lado da mesa, Josh cochicha alguma coisa para Matthew e Matthew finge se engasgar. Miss Shelley os ignora.

– Ah, bem – diz ela. – Bom, o Rei Azevinho é um outro arquétipo pagão. Ele é o oposto do Rei Carvalho – que é outro nome para o seu Homem Verde. O Rei Carvalho reina na primavera e no verão e o Rei Azevinho reina no outono e no inverno.

Então o meu homem é o bom e o Rei Azevinho é o mau.

– Eles lutam entre si? – pergunto. – É isso que oposto quer dizer – que são inimigos?

– Algo assim – diz Miss Shelley. – Olhe, Molly, é mais complicado do que isso. Existem muitas lendas...

O Rei Azevinho, porém, não é uma lenda! Por que será que ninguém entende isso? Ele é uma pessoa de verdade e está caçando o meu homem. O Homem Verde ou o Rei Carvalho ou o que for que ele se chama.

Miss Shelley me observa. E a Emily também, do outro lado da mesa.

– O Rei Azevinho o mata – eu digo. – Ele mata, não mata? O Homem Verde morre, é isso que você quer dizer. Então o Rei Azevinho o mata, não é?

– Em algumas versões da lenda – diz Miss Shelley. – Sim. O Rei Azevinho e o Rei Carvalho lutam no meio do inverno e o Rei Azevinho vence o Rei Carvalho.

Cerro os lábios, tão rígidos como as raízes do carvalho.

– Molly? – diz Miss Shelley.

Olho para ela.

– Ele vem com caçadores como numa caça? – pergunto.

– Caçadores?

– Uma caça selvagem? O Rei Azevinho tem um grupo de caça selvagem?

– Ah, a caça selvagem – diz Miss Shelley. – Todo tipo de gente fazia caça selvagem, Molly. Wodan e Odin, Herne, é claro – o demônio em algumas versões. O Rei Artur em outras. Até mesmo o seu Homem Verde também é um líder, em algumas histórias.

– Ele não lidera! Ele não!

Matthew faz um estalo de desprezo com a boca. Por trás de Miss Shelley, Josh está fazendo giros ao lado do ouvido. *Louca.*

– Pare com isso – eu digo. Miss Shelley pula de susto.

– Molly!

– É o Josh! – eu digo.

No recreio, Hannah me encurrala.

– Por que você tem de fazer isso? – diz ela, me empurrando contra o muro do parquinho. – Por que você tem de ficar falando de caças e deuses idiotas? Todo mundo acha que você é louca. Sabe disso, não sabe? Se você

tiver que inventar histórias, então pelo menos invente uma que faça sentido.

– Não é uma história – exclamo, furiosa. Hannah me olha com ódio.

– Vê se cresce – diz ela, ao me soltar e se afastar.

Sinto as lágrimas se formando no fundo dos meus olhos. Hannah era para ser minha irmã. Irmãs devem proteger uma a outra.

– Mamãe teria acreditado em mim – grito para ela.

Ela não olha para trás.

Um aneurisma na família

Um aneurisma é uma doença que acontece às vezes com as pessoas. É quando a parede de uma das veias fica danificada e o sangue entra na parede e faz uma bolha, que cresce e cresce até explodir dentro da pessoa e ela morre.

Um aneurisma pode acontecer com qualquer um a qualquer momento – até mesmo crianças podem ter, embora tia Rose diga que é muito improvável que eu ou Hannah tenhamos. Ela diz que isso acontece raramente, muito raramente. E também porque a maioria de quem tem é de idade. Assim, das pessoas que conheço, o Vô é quem mais pode ser acometido por um, porque ele é o mais velho.

O que quer dizer, então, que ele vai ser a próxima pessoa que eu amo e que vai morrer.

Um aneurisma é o que aconteceu com mamãe. Foi por isso que ela morreu. Ela nos deu tchau no portão da escola e depois entrou no carro. Foi embora e, meia hora depois, estava morta. Nós fomos as últimas pessoas a vê-la com vida.

É provável que, se fôssemos médicos, ou os *Famous Five*, ou se soubéssemos sobre aneurisma, teríamos percebido alguma coisa estranha e a teríamos salvado. Dá para pensar que, se uma pessoa está para morrer dali a meia hora, suas filhas perceberiam. Mas não percebemos nada.

Quando aconteceu, telefonaram para o papai no trabalho, mas ele não ligou para a gente. Só descobrimos quando saímos das aulas e a Vó estava parada esperando por nós. De qualquer maneira, ela já estava morta. Assim, nunca pudemos dizer adeus.

Um homem na estrada

Chute. Chute. Chute. Subo a estrada, chutando as folhas. Você não sabe do que está falando, Hannah. Nem você, Josh Haltwhistle fedorento. Chute. Nem você, papai. Poderia nos levar de volta, se quisesse. Sei que poderia.

Faço a curva... e paro.

Ele está lá. Um homem alto, farejando a estrada. Eu me escondo na cerca viva. Ele está de costas para mim, olhando para a trilha que leva à cabana do meu homem. Está tão perto que posso até atirar uma pedra e acertá-lo. É o caçador. O Rei Azevinho.

Por trás da cerca viva, observo. Na luz do dia, ele parece metade humano, grosso e curvado, baixo, com ombros estranhamente erguidos, e pernas que mais parecem as de um touro do que as de um homem. Está usando uma espécie de capa, mas as pernas estão cobertas de pelos grossos e escuros, como os de um fauno. Seu rosto, quando ele se vira para olhar para a estrada, é bastante humano, embora mais achatado e mais largo do que um rosto normal, e seus chifres já sumiram. Ele tem o mesmo... jeito selvagem que o meu homem. Parece alguém que acabou de sair de uma lenda, não o tipo que você vê na lojinha do meu avô entrando para comprar selos.

Devagar, dou passos para trás. Ele está olhando para a trilha, para o campo onde se encontra o meu homem. Será que ele sabe que meu homem está lá? Por que ele não vai atrás dele? O que está esperando?

Arrasto-me como um índio pela estrada e faço a curva. Tem outro campo ali. Subo no portão, pulo e, então, começo a correr.

O campo dele deve ficar atrás deste. Atrás ou ao lado. Passo por baixo do arame elétrico e olho ao redor. Este campo é maior, mais longo, cheio de buracos, com grama amarela cheia de lama e árvores finas. Não tenho certeza se este campo vai acabar naquele em que o meu homem está. Acho que o campo dele fica... ali.

Atravesso, com as galochas se atolando na lama. Quando chego ao muro, paro.

É este o campo certo. As árvores se movem de um lado para o outro, como se um furacão estivesse soprando.

Chego me atropelando no celeiro.

– Homem! Homem!

Ele não está.

– Homem!

Corro para fora do celeiro e dou a volta ao redor, caso ele esteja se escondendo. Não está.

– Homem!

Corro de volta para o celeiro. Ele sumiu. Não está em nenhum dos cantos nem se escondendo atrás dos sacos ou do entulho no canto. Seu carvalho se mexe, as folhas alaranjadas caindo como pingos do focinho de um cão. As folhas cobrem meus pés até o calcanhar.

– Homem!

Corro de novo para fora.

– Molly...

Ele está de pé contra a parede, segurando o batente da porta. Está tremendo como a árvore lá dentro, tremendo tanto que acho que ele vai cair.

– Ele está aqui! Na estrada! O Rei Azevin...

Pego na sua mão e ele aperta meus dedos tão forte que acho que meus ossos vão quebrar.

– Não fale – diz ele. – Shhh.

Posso sentir como ele está tenso. Posso sentir a tensão na sua mão e isso me assusta. Este não parece o meu deus forte de madeira.

– Ele está vindo para pegar você? – murmuro para ele. Ele me olha e toca meu braço.

– Não – diz ele. – Ainda não.

Ainda não.

– Me ajude – ele pede. Não compreendo o que ele quer dizer de início, mas logo põe um braço nos meus ombros e então percebo.

Ele se apoia em mim e eu o seguro. É mais pesado do que imaginei: um peso trêmulo e quente contra o meu braço. Seu odor é pungente e eu cubro o nariz. Juntos – passo a passo – voltamos para dentro do celeiro.

Uma vez lá dentro, ele cai sobre as folhas ao redor do carvalho, que tremula uma vez e para. Agora o carvalho é uma árvore de verdade, com os galhos alcançando o furo no telhado. Ele deita a cabeça no tronco e fecha os olhos. Sei que está pálido sob sua pele bronzeada. Os cortes nas suas pernas estão fétidos. Posso ver os machucados roxos e pretos na sua pele e uma mistura horrível de sangue seco e pus ao redor das feridas e nas suas calças rústicas.

Percebo que estou tremendo também.

– Por que ele não vem agora? – pergunto. – Por que ele está atrás de você? O que você fez para ele?

Ele abre os olhos.

– Me diga! Me diga agora! Não me deixe de novo.

Ele sacode a cabeça contra o tronco da árvore.

– Fique aqui! Não vá embora! Por que ele não vem agora?

– O sol...

– O que tem o sol a ver com isso?

Quero sacudi-lo. Sua pele tem uma cor cinzenta, um azul-esbranquiçado ao redor dos lábios.

– Não – ele diz.

– Não o quê?

– Não posso mais ficar aqui – diz ele, e começa a sumir, a desaparecer. Eu seguro firme, mas ele some, me deixando com nada além do carvalho e das folhas secas.

A árvore treme e fica quieta.

*

Na estrada, o homem-coisa – o Rei Azevinho – está parado de pé na beira da trilha, como se tivesse acabado de sair de um mundo realmente mágico. Vejo as folhas caírem da árvore acima dele. Ela está mais despida do que as outras da estrada. A grama ao redor de seus pés de patas está branca com a geada; bem grossa onde ele está parado e menos ao se afastar dele. Enquanto observo, gotas de água caem de um galho da árvore, translúcida e gelada. Eu me arrepio. Ao meu redor, está ficando escuro.

21

Deméter

Como pode um deus controlar o tempo? Eu conheço outra história sobre o inverno. É a história de uma deusa grega, cuja filha some. Num minuto, ela estava brincando na floresta, no outro, tinha sumido.

A deusa andou o mundo inteiro em busca da filha, cujo nome era Perséfone. Ela ficou tão triste que tudo parou de crescer. As folhas caíram das árvores. As flores que saíam do chão secavam de volta à terra. Nada crescia e ninguém tinha nada para comer, e todo mundo ficou faminto.

Um dia, quando ela estava procurando perto de um rio, a deusa encontra o cinto da filha no chão. Pega o cinto e começa a chorar de novo. E ao vê-la chorar, a cabeça de uma mulher sai da correnteza do rio. É uma ninfa aquática.

– Mulher – diz a ninfa –, pare de chorar. Sua filha é a Rainha do Mundo Averno. Hades, Senhor dos Mortos, a roubou e casou-se com ela.

Quando a deusa escuta isso, ela pula e voa direto para Zeus, que é o Rei dos Deuses e o pai de Perséfone.

– Zeus – diz ela, curvando-se à sua frente –, peço-lhe que me ajude. Me ajude a salvar minha filha.

Mas Zeus está furioso. Está furioso porque nada cresce, porque seus súditos estão morrendo.

– O que você tem contra meu irmão, O Rei do Mundo Averno? – pergunta ele. – Perséfone é tão boa rainha quanto a minha esposa é aqui.

(A Perséfone casou-se com seu tio. Mas esse tipo de coisa era muito comum entre os deuses gregos; assim, ninguém ligava muito para isso).

A mãe de Perséfone continua chorando e suplicando. E no fim, Zeus relenta.

– Ela pode ficar livre – diz Zeus –, mas somente se ela não tiver comido nenhum fruto do Mundo Averno.

A deusa então se levanta, sorrindo de alegria, mas Zeus é quem ri por último, porque Perséfone tinha comido oito sementes de romã do jardim de Hades; assim, ela tem de ficar.

No entanto, Hades não quer que sua esposa fique triste. Desta forma, ele faz um acordo. Perséfone pode passar seis meses com sua mãe na Terra e seis meses com ele no Mundo Averno. E assim os gregos pensavam que era

por isso que havia verão e inverno – inverno porque a mãe de Perséfone ficava triste por sua filha ir embora, e, verão, porque ela ficava contente de vê-la de novo.

Gosto dessa história. Acho que é verdade, que a tristeza em alguém faz as coisas escuras e frias, mas a alegria deixa tudo mais claro e brilhante.

A mãe de Perséfone chama-se Deméter. Ela é a deusa do amor materno e das plantas que crescem.

O rei das castanhas-da-índia

No fim da estrada que leva à escola, tem um castanheiro-da-índia enorme. Hoje, na escola, os meninos trouxeram um monte de castanhas.

- Professora, as castanhas se abriram!
- Professora, podemos ir catar castanhas?
- Professora, é educacional!

Na minha escola antiga, as castanhas não eram educacionais. Elas eram violentas e competitivas e Se Você Não Pode Jogar Um Jogo Sem Violência, Então Não Pode Jogar de Jeito Nenhum. Aqui, porém, Miss Shelley nos leva até o castanheiro na hora do recreio e catamos quantas castanhas podemos carregar. Josh e Matthew pegam um monte, um batalhão

de castanhas. Alexander pega três – as maiores que ele acha.

Na sala de aula, aprendemos sobre as castanhas. Seu nome completo é castanha-da-índia, mas elas não podem ser torradas na fogueira. São sementes. Tem uma pequena faísca de vida dentro delas, adormecida até a primavera. E aquelas que caem no lugar certo, quando chega a primavera, são transformadas em mudinhas. E as mudinhas crescem até se tornarem novos castanheiros-da-índia. Ou pelo menos foi isso que Miss Shelley nos explicou.

Nenhum dos meninos presta atenção em sementes e árvores. Na hora do almoço, todos correm para a Mesa de Arte e começam a brigar para ver quem vai pegar as chaves de fenda e as furadeiras. As coitadas das castanhas são enfiadas e penduradas em cordões e levadas para fora, para serem destruídas. A castanha de Alexander é destroçada por Matthew. A de Matthew é destruída por Josh. E a de Sascha também, o que é muito

injusto, porque Sascha só tem seis anos. Mas Mrs Angus disse que Josh tinha de deixá-la jogar; então, é, de fato, culpa dela.

A castanha de Josh é tricampeã. A castanha de Josh ganha de todas. Ela destroça a segunda castanha de Alexander e mais duas de Matthew. Agora ela vira hexacampeã.

Josh anda pelo parquinho procurando castanhas para destruir.

– Você tem uma castanha? – pergunta ele para mim. Digo que não. Minhas castanhas não foram furadas e estão sãs e salvas no meu bolso.

– Você tem uma? – pergunta ele para Hannah.

Hannah está sentada no banco no fundo do parquinho. Está escutando o iPod do meu pai como se não ligasse a mínima para o que os outros fazem. Ela tira os fones de ouvido e faz Josh perguntar de novo.

– Castanha – diz Josh. – Você tem uma?

– Castanhas são para crianças – diz Hannah. Josh fica vermelho.

– Você furou a sua – ele retruca. – Eu vi.

Hannah se levanta. As sandálias de plataforma a deixam mais alta que Josh.

– Então vamos jogar – diz ela.

Josh foi o primeiro a atacar todas as outras castanhas, mas Hannah não lhe dá chance. Ela tirou a castanha e está pronta para a batalha. Josh abre a boca, mas logo fecha.

Hannah estreita os olhos. Puxa para trás a castanha e a solta no ar. A castanha de Josh balança para trás, mas não sofre nada.

Agora é a vez de Josh. Ele faz uma careta e puxa o cordão. Poing! Mas a castanha de Hannah também não sofre nada.

Hannah se prepara de novo. Desta vez, quando ela bate na castanha de Josh, um pedacinho dela voa. Ela pode bater mais uma vez. Um pedaço enorme da castanha de Josh se quebra. A castanha se desprende do cordão e cai. Hannah ganhou.

– Pronto – diz ela.

O rosto de Josh fica vermelho, parecido com o de Sascha, quando ela estava prestes a chorar ao vê-lo quebrar a sua castanha.

– Ladroneira – diz ele. – Você *roubou*. Você deve ter roubado!

No portão da escola, Oliver está tocando o sino. *Dingdong, dingdong, dingdong*.

– Na fila, todo mundo! – chama Mrs Angus.

– Ladroneira! – resmunga Josh.

Hannah apenas *olha*, com aquele olhar especial de fúria que tem. Nem se dá ao trabalho de responder. Apenas pega o iPod e entra na fila.

Josh faz cara de zangado.

– Sua irmã é uma ladrona – diz ele. – E você é uma idiota.

Alexander está no fim da fila com sua última castanha. É a melhor de todas, uma castanha-rei, grande e brilhante.

– Não jogue com a Hannah – eu digo. – Ela acaba ganhando.

Alexander olha para a sua castanha com carinho.

– Não vou jogar com mais ninguém – diz ele. – Vou plantar a castanha como a Miss Shelley falou. Depois vou ter um castanheiro somente meu.

Olho para a castanha de Alexander.

– Mas ela tem um furo.

– E daí? Eu tiro o cordão.

– Será que pode crescer com um furo no meio?

Alexander dá de ombros.

– Talvez nasçam castanhas já com o furo no meio.

Quando volto para o meu quarto, tiro as castanhas e as ponho enfileiradas no parapeito da janela. São quatro. Tinker, Tailor, Soldier, Sailor. Deito a cabeça no parapeito e fico olhando de lado para as castanhas. Poderia fazer furos e deixar Hannah destruir todas. Ou posso plantá-las e deixá-las se transformar em castanheiros-da-índia na primavera.

23

Vazio

Volto para o celeiro naquela tarde. Chamo e chamo, depois vou para fora e chamo; volto para o celeiro e chamo de novo.

Ele não responde.

Ele não vem.

Ele também sumiu.

Em estado de terror

A chuva cai em enxurradas nas janelas e desce em grandes rios a ladeira. Meus cabelos estão ensopados e grudados na cabeça enquanto luto para descer a ladeira. Já virou um riacho. O riacho de Molly.

A Vó está atendendo o Jack quando entro na lojinha.

– Ela é uma menina mimada – ela está dizendo. – Não sei quanto tempo...

Ela para de falar quando me vê.

– E onde você estava, menina?

– Lá fora. Na minha bicicleta.

– Está bem. Agora tire suas galochas. Não leve a lama pela casa toda. E não acorde o seu avô!

Ela não diz nada por eu estar toda molhada. Ou o porquê de eu ter ficado lá fora por tanto tempo, tanto

que o dia já está quase escuro e o céu está cinzento, escuro e chuvoso.

Tiro as galochas no corredor. Escuto um barulho da cozinha. Coisas quebrando.

– E a outra, então... – vovó está dizendo.

Hesito. Mais barulho de pratos quebrando na cozinha. Abro a porta e paro. O chão está cheio de vidro quebrado e cacos de tigela e pratos. Hannah está em pé em cima de uma cadeira com a cabeça dentro do armário de cima. Quando ouve eu entrar, vira-se com as mãos abraçando a caçarola grande do Vô.

– *Hannah!*

Hannah olha para mim com seu olhar mais afiado, daqueles que diz não-tente-me-impedir-senão... Ela segura a caçarola de vidro no ar e deixa cair.

Grito e pulo. Cacos da caçarola se espalham pelo chão.

– *Hannaaaah!* Pare com isso! O que está *fazendo?*.

– Quero ir para casa – diz Hannah. Ela diz isso com muita calma. E pega uma caneca da prateleira.

– *Hannah!* – é a voz da Vó que entra na cozinha.

Ela fica parada na porta ao meu lado por um instante, apreciando a destruição. De repente, ela já está do outro lado da cozinha segurando Hannah pelo pulso e arrancando a caneca das suas mãos. Depois, dá um tapa no rosto dela.

Hannah fica sem ar. Ninguém jamais nos bateu, nunca, não importa o que estivéssemos fazendo. Pode até ser ilegal. A Vó segura Hannah pelos punhos e Hannah luta para se livrar dela, a cadeira sacudindo contra o armário.

– Parem! – eu grito. – Parem!

E então o Vô chega. Ele corre e coloca as mãos na cintura de Hannah, para evitar que ela caia.

– Chega – diz ele. – Agora chega. Chega.

– Olhe! – vovó exclama, mostrando a ruína que ficou a cozinha. – Olhe o que ela fez!

– Estou vendo – diz vovô. – Eu sei. – ele fala como se estivesse acalmando um animal selvagem. Olha para Hannah, ainda se equilibrando na cadeira. Seu rosto está branco, com uma mancha vermelha no lugar em que a mão da Vó a atingiu. – Hannah, vá para o seu quarto – ele manda.

Hannah não se move.

– Ela me bateu. Ela me *bateu*.

– Eu sei – diz vovô. Ele levanta a mão. – Agora pronto. Chega. Conversamos depois.

Ele empurra Hannah para a porta e Hannah sobe, ainda estupefata, como se ainda não acreditasse.

Eu ainda estou parada na porta. Espero o Vô dizer alguma coisa para mim, perguntar se estou bem, se tive alguma coisa a ver com a quebra de pratos, mas ele não diz nada. Ele vai até a Vó e a abraça.

Vovó está quase chorando.

– Não dá mais – ela está dizendo. – Não agüento mais. Não peça para eu continuar, porque não agüento mais.

O Vô tenta abraçá-la, mas ela bate as mãos contra seu peito, o rosto avermelhado.

– Não me toque – diz ela. – Não! Não posso mais!

Quero que o Vô olhe para mim. Não quero ser ignorada. Mas esta não é minha casa: é a casa do Vô e da Vó e o Vô está alisando os braços da Vó. Eu não teria coragem de tocá-la do jeito que ela está toda quente e furiosa, dizendo “Eu sei, eu sei, meu bem”, e, de repente, fico assustada. Não sou bem-vinda aqui. Então, vou sentar na escada e desejar com toda a força que haja guarda-roupas mágicos ou fadas madrinhas para ficar invisível e estar o mais longe possível dali.

Na cozinha, posso ouvir a Vó falando alto e o Vô, bem baixinho. O Vô diz: “Se é isso que você quer fazer”, e a Vó diz: “Alguém tem de fazer”. Ela empurra a cadeira e se levanta. Pega o telefone e começa a falar. Sei que está falando, mas não consigo ouvir o quê ou com quem. Fico pensando se vamos ser mandados para a casa da tia Meg ou da tia Rose e se vou ter que dividir um quarto com meninos crescidos e horríveis, meus primos, ou bebês que bagunçam tudo, ou se vou passar minha vida inteira vivendo em um cantinho da família dos outros.

Não quero ir para o meu quarto – quero mesmo é que o Vô me encontre ali sentada e veja quanto estou triste e miserável. Ouço o barulho de panelas na cozinha e a chuva ainda açoita as janelas. No rádio está começando a música da novela *The Archers*. Sinto as lágrimas crescendo dentro dos meus olhos. Estão fazendo o jantar sem mim.

É a Vó que me encontra por fim. Ela sai da cozinha com as mãos cheias de jornais com cacos de vidro e me vê.

– Molly Alice! O que você está fazendo aí?

– Não sei – respondo.

– Não adianta ficar aí sentada, sentindo pena de si mesma – diz a Vó. – Vamos, levante-se ou vai pegar um resfriado.

Mamãe jamais teria dito uma coisa dessas se tivesse me encontrado na escada, no escuro. Minha mãe também ficava com raiva – ela derramou um prato de espaguete na cabeça da Hannah uma vez –, mas ela sempre pedia desculpas depois, e aí tomávamos sorvete ou outra coisa para mostrar que tínhamos ficado de bem. E *falávamos* sobre as coisas: o que eu fiz, o que ela fez, o que ambas faríamos dali em diante. Mamãe gostava de falar. Ela nunca me deixaria sentada nos degraus a noite toda. Meu pai também não. Provavelmente. Sinto as lágrimas de novo e me viro para que ela não pense que estou sentindo pena de mim mesma. Mas, ao mesmo tempo, quero que ela veja, sim. Para que saiba exatamente o mal que está me fazendo.

– Vamos – diz vovó. – Vamos, levante-se. Levante-se, Molly – e eu aperto os lábios, mas as lágrimas escorrem dos meus olhos, descem pelas minhas faces e não tem nada que posso fazer para pará-las.

– Oh... – diz vovó. – Oh, meu bem. Não chore, não. Vovó sente muito. Venha, meu amor.

Ela me leva para a cozinha e me senta na cadeira. Vovô tira os olhos da tábua de cortar legumes.

– Molly? O que foi? Está tudo bem?

Não, eu quero dizer, não dá para ver? Mas a Vó não me deixa responder.

– Ela está cansada, só isso – diz a Vó. – Não é uma coisa boa ficar ouvindo a Vó e o Vô discutirem, não é?

Esfrego os olhos. Só porque estou chorando, não quer dizer que gosto de ser tratada como uma menininha de cinco anos. O Vô me dá uma olhada rápida, mas não diz nada. Continua cortando as batatas. Vovó prepara uma xícara de chá numa caneca de bebês com desenhos de coelhinhos. Seguro a caneca e fico olhando o Vô fazer a comida e a Vó enxugar as mãos em um pano de prato.

– Conversei com seu pai – diz ela, abruptamente. Levanto a cabeça e quase derramo o chá na saia.

– Vamos voltar para casa?

– Ele vai ficar com vocês duas por um fim de semana – diz vovó. – E aí vamos ver como vai ser.

– Este fim de semana? – pergunto. Sinto uma dorzinha no fundo do estômago. Era para eu ficar alegre, sei que era. Mas tudo o que lembro é o que se passou da última vez que estivemos em casa. Lembro o olhar vago com que papai nos olhava, como se estivesse esquecido de quem éramos. E como Hannah o perturbou tanto que ele se transformou em uma pessoa que eu mal conhecia, alguém que podia simplesmente desligar a parte que nos amava. E desta vez não tem uma tia Rose. Só vamos ser nós três. Estou com medo, logo percebo que é isso.

– Está contente? – pergunta vovô. De repente, ele se parece tanto com papai. Não havia percebido antes. Como papai, embora papai não seja tão encurvado e a pele do Vô seja mais pálida e mais enrugada; dá para ver a pele solta e flácida por cima dos ossos. Ele é todo branco, meu Vô; branco, com cabelos ralos, olhos claros e úmidos, como se a vida o tivesse lavado e encolhido parte dele. Fico imaginando se a mesma coisa pode acontecer

com papai. A vida passar e levá-lo para longe da gente, para sempre. Sim. Pode acontecer.

– Um fim de semana inteiro com seu pai! – diz vovô.

Cerro os lábios e respondo com um gesto de cabeça. Um fim de semana inteiro com papai. É o que quero, mais do que qualquer coisa no mundo. Sacudo a cabeça para cima e para baixo, tentando não chorar.

Solstícios e Equinócios

Chegou o Halloween. Na escola, fazemos um mural. Uma bruxa com meias de listras pretas e laranjas, um vampiro com uma gravata de borboleta roxa e uma múmia feita de papel higiênico roubado do armário de limpeza.

– Se as faxineiras perguntarem, não tem nada a ver comigo – diz Miss Shelley, enquanto Mrs Angus sacode a cabeça e finge que não vê.

Fazemos lanternas de abóboras com as bocas cortadas em serrote e os olhos chineses. Miss Shelley fecha as cortinas e enfileira as lanternas no parapeito da janela. Elas parecem incrivelmente arrepiantes.

– Na época medieval – diz ela –, o costume era talhar os nabos, em vez de abóboras. Para afugentar os maus espíritos.

– Eles faziam isso todo dia – pergunta Alexander, mostrando sua inteligência de novo – ou somente no dia das bruxas?

– Apenas durante o dia das bruxas. As pessoas acreditavam que em certas noites do ano as barreiras entre os mundos enfraqueciam. Coisas – estranhas – podiam atravessá-las.

– Legal – diz Josh. – Vamos chamá-las!

No entanto, Mrs Angus diz que precisamos esperar até estarmos na escola secundária antes que possamos fazer esse tipo de coisa.

– Que tipo de coisa atravessava? – pergunta Matthew.

– Ah, fantasmas, espíritos – diz Miss Shelley. – Sua caça selvagem, Molly. O dia das bruxas era uma das noites em que eles costumavam cavalgar.

– Quando mais? – pergunto. – Em que outras noites eles aparecem?

Miss Shelley move os fios claros dos cabelos para trás das orelhas. Na meia luz, ela se parece tanto com minha mãe.

– Solstícios e equinócios – diz ela. – No dia mais longo e no dia mais curto do ano. E nos dias em que a noite e o dia são exatamente iguais. Vinte e dois de setembro era o equinócio do outono. As noites ficam cada vez mais longas e mais escuras de agora até o solstício de inverno.

Na sala escura, com as cortinas fechadas e as lanternas de abóboras iluminadas, até os meninos ficam calados. Tenho um arrepio. Vinte e dois de setembro.

Será que foi o dia que o caçador apareceu? Será que virão esta noite?

Quando o Vô sugere para irmos pedir doces nas casas¹⁰, Hannah resmunga:

– Quantos anos você acha que *eu tenho*? Vovô fica decepcionado.

– Moll? – diz ele para mim.

– Eu já sou grande para fazer isso, Vô – eu digo, embora não seja, e Hannah também não. Em casa, até mesmo o pessoal da escola pública colocava uma máscara só para ganhar doces. Mas não quero sair sozinha se o Rei Azevinho estiver no seu cavalo por aí.

Vovô tenta não demonstrar sua decepção.

De volta para casa

Sexta à noite. Papai deve vir nos buscar, mas está atrasado. Hannah e eu estamos prontas e esperando na sala. Hannah chuta a perna do sofá com seu salto. *Dum—du-dum—du-dum—du-dum*.

– Ele *já* chegou?

– Está chegando – diz vovó. – Para que essa pressa? Por que não liga a televisão?

Hannah fica mudando de canal, mas não escolhe nenhum. E começa a ligar e desligar a TV, assim os personagens na novela *Neighbours* aparecem e desaparecem, agora sim, agora não, agora sim, agora...

– Chega – diz vovó. – Hannah!

Hannah se levanta e corre para a janela.

– Ele chegou?

Não chegou.

Seguro o livro na frente do rosto, tão perto que as letras se emaranham e se separam, palavras se misturando com outras, até que nada faz sentido. Sei que devia me sentir alegre, porque estamos voltando para papai, mas não me sinto. Não sinto nada.

Quando ele chega, está todo constrangido. Ele inclina a cabeça para o lado e nos olha de esguelha.

– Olá – diz ele. – Estão prontas?

Eu confirmo e Hannah diz:

– Estamos prontas faz *muito tempo* – e não demonstra um pinga de alegria ao vê-lo.

Ficamos calados no carro. Por fim, Papai diz:

– Ouvi dizer que você está causando problemas – e dá uma risada nervosa.

Hannah diz:

– *Não* – o que é totalmente ridículo, porque a Vó já contou a papai exatamente o que aconteceu.

Eu digo:

– Eu não fiz nada. Hannah quebrou metade da cozinha do Vô e tivemos que comer as lingüiças nas tigelas de cereal.

– A Vó me bateu – diz Hannah.

– Pelo jeito, você mereceu – diz papai.

– Mas ela *me bateu* – diz Hannah.

– Foi mais como um tapa – eu digo.

Sei exatamente o que Hannah está pensando. Conheço aquela expressão no seu rosto. Ela está pensando: “Mamãe ficaria furiosa com isso. Mamãe sabia ficar furiosa de uma maneira que papai não sabe.”

– O que você quer que eu faça a respeito? – diz ele. Dá sua risada nervosa de novo. – Você mora com sua avó agora. Se vai sair quebrando tudo que ela tem, ela tem todo direito de punir você.

– Ela não tem o direito de me bater – diz Hannah. – Além disso, ela está me fazendo pagar por tudo. Você é nosso pai! Por que não manda ela parar?

Papai está concentrado no trator à sua frente.

– Não – diz ele, irritado. – Não tem nada mais a ver comigo.

Hannah e eu ficamos boquiabertas. Agora sou eu que quero *bater* nele.

– Se não tem nada mais a ver com você – diz Hannah, por fim –, então por que está nos levando para casa para passar o fim de semana?

Um bom tempo passa, tanto que acho que papai não vai responder. Mas, finalmente, ele responde, sem olhar para a gente.

– Porque sua avó me pediu.

Nossa casa não parece mais nossa casa. Tem um cheiro de mofo que não me lembro de ter sentido antes. Cheiro de meias sujas, quartos de janelas fechadas. Tem canecas mofadas e outras coisas em cima da mesa, e, no chão, ao lado do sofá, pratos com pontas de pizza velhas e duras, com caldo de feijão grudado neles. Uma pilha de cartas e jornais, com outras coisas em cima do console no corredor. A lixeira da cozinha está com tanto lixo que não dá mais para abrir a tampa. Papai deve ter desistido de abri-la, mas não se deu ao trabalho de esvaziá-la. Tem um saco de lixo pendurado na porta de um dos armários cheio de lixo, também.

– O que aconteceu com esta casa? – pergunta Hannah.

Papai não responde.

Meu quarto está uma bagunça também, mas foi assim que deixei. Alguém – a tia Rose, talvez – lavou todas as roupas sujas, mas o resto das minhas coisas eles simplesmente puseram em cima da minha escrivaninha. O quarto já parece que pertence a outra pessoa. Pego Humphrey da minha mochila e ponho em cima da cama, não para me dar conforto, apenas para ter alguma coisa que ainda sinto pertencer a mim. Só quando vejo a estante de livros é que sinto que o lugar é meu. Meus livros! *Tracy Beaker* e o meu antigo *Winnie the Pooh*! Quero pegar e ler todos de novo. Quero saber quantos livros papai vai me deixar levar para a casa da Vó.

Não acho que vamos mais nos mudar para cá.

– Molly. Molly!

Hannah está encostada na porta do quarto.

– O que foi?

– Ele nem arrumou a casa para a gente. Tem resto de comida embolorado dentro da geladeira, entre outras coisas.

Provavelmente, deveríamos limpar a casa para ele. Provavelmente, isso é parte daquilo que é o tomar-conta-de-seus-pais que as crianças no programa do *Blue Peter* fazem. Provavelmente, precisamos limpar a casa para o papai, se é que queremos voltar a morar com ele.

– Você quer arrumar a casa? – pergunto. Hannah faz um gesto de desprezo.

– Quero um chá – diz ela. – Venha.

Papai está sentado na frente da televisão. Ele não se importa com a sujeira. Está assistindo a um jogo de *cricket*.

– Papai. Papai. *Papai*!

– O que é?

– O que vamos comer?

Papai esfrega os olhos.

– Podemos comer batata frita, eu acho. Ou ovos, talvez...

Seguimos atrás quando ele vai à cozinha. De jeito nenhum meu pai teria deixado a casa neste estado em tempos normais. De modo geral, ele é sempre mais arrumado do que mamãe; é ele quem brigava com ela por deixar os livros abertos, marcas de lama nos degraus ou por trazer pedrinhas e conchas da praia, deixando o monte na mesa do corredor para logo se esquecer delas.

– Para que precisamos de mais tranqueira nesta casa? – ele dizia, olhando para o monte de algas marinhas.

E mamãe dizia: “Oh, as meninas vão fazer um quadro!” Ou então: “Esta pedra achamos naquela caminhada em Dorset – você se lembra? Não pode jogar fora!”

E papai fingia que estava com raiva e dizia: “Como é que vou me lembrar? É exatamente igual às outras pedras! Se continuarmos assim, vamos acabar morando em uma cabana de praia!”

E mamãe e eu dizíamos ao mesmo tempo: “Então vamos!”

Ainda tem um punhado de conchas, amonídeos e pequenos vidros rolados do mar sobre a janela da cozinha, mas uma aranha fez uma teia entre eles. Papai abre a porta da geladeira e olha para dentro como se tivesse um jantar completo escondido lá dentro (não tem). O que tem são coisas apodrecendo no fundo da gaveta de legumes e um pimentão coberto de mofo. E o cheiro é horrível.

– Por que você não joga essas coisas fora? – Hannah quer saber.

– Desculpe?

– Olhe esse pimentão apodrecido cheio de fungos. Por que ainda está aí dentro?

– Oh...

Papai pega o pimentão e toca na tampa da lixeira. A tampa não cede. Ele olha para o pimentão por um momento e depois o põe de volta na geladeira.

– Que tal uma pizza? – ele pergunta.

Eu não digo nada.

Hannah está toda animada por causa da pizza. Ela fica pulando e dizendo que quer pão com alho e asa de frango e Coca-Cola, e será que ela pode ligar para a pizzaria?

– E sorvete de morango – diz ela para o homem no telefone. Papai abre a boca para discordar, mas não diz nada. Parece muito cansado para reclamar.

– Eu pedi sorvete – diz Hannah. – Você ouviu?

– Ouvi – diz papai. – Eles disseram quanto tempo vai levar?

No livro *O que Katy fez*, de Susan Coolidge, Katy toma conta da casa sozinha. Ela, pelo menos, é organizada. Eu volto para a cozinha e tiro as

crostas de pizza do prato. Tento enfiá-las no saco de lixo pendurado na porta do armário. O saco cai e derrama restos de comida no chão.

Papai aparece na porta.

– O que está fazendo?

– Nada. O saco de lixo caiu do armário.

Papai esfrega o rosto.

– Pensei que você ia fazer comigo igual a Hannah. Venha, meu bem. Deixe isso para lá. A pizza já deve estar chegando.

Sigo atrás dele. Aposto que Katy nunca teve este problema.

Na sala, Hannah está assistindo *Os Simpsons* com os pés sobre a mesa. Eu sento no canto de uma poltrona. Se mamãe estivesse aqui, não estaríamos esperando por pizza e assistindo televisão. Estaríamos fazendo coisas próprias de uma família.

– Papai – eu digo.

Ele não olha.

– *Papai*. Podemos jogar *Monopoly*?

Hannah se endireita no sofá.

– Sim! – ela diz. – Podemos? Posso ser o banqueiro? Posso jogar com o cachorrinho?

– Não – diz papai, sem deixar de olhar para a televisão. E ele nem gosta dos *Simpsons*.

– Aaaah, por que não? – pergunta Hannah.

– Porque a pizza vai chegar daqui a pouco.

– Vamos jogar baralho, vamos jogar Mentira¹¹? – eu peço.

– Não.

– Depois da pizza?

– Não.

Enfio o dedo no buraco da poltrona. Sei que o que vou dizer é errado, mas como está tudo errado mesmo.

– Mamãe deixaria.

Hannah prende a respiração. Papai não se move. Continua olhando para a TV como se não estivesse me ouvindo.

– Mamãe teria jogado *Monopoly*. E teria feito um jantar de verdade. Você não comprou nada para o café da manhã! Mamãe não teria ficado sentada aí como...

– Sua mãe está morta.

– Eu sei que ela está morta! Você acha que eu não sei disso? Mas pelo menos ela teria sido *boazinha* com a gente! Ela teria pelo menos nos olhado na cara! Não ficaria aí sentada sem fazer nada! – agora estou chorando, um choro de verdade, com soluços e lágrimas. – Eu queria que você estivesse morto e mamãe, viva. Mamãe não nos abandonaria.

Papai se levanta, tão de repente, que acho que ele vai bater em mim, meu pai querido vai bater em mim.

– Isso é ridículo – diz ele.

Um soluço fica preso na minha garganta.

– Não sei o que sua avó está querendo com isso – ele diz. – Não sei o que vocês estão querendo com isso. Fingindo que podem voltar a morar aqui.

Hannah fica tensa.

– Não vamos? – eu digo.

– Não.

O tempo para.

– Sinto muito eu não estar morto – diz papai. – Se estivesse, esta situação teria se resolvido de vez.

O que ele diz é tão assustador que não dá nem para chorar. Papai também não está chorando, mas seu rosto treme por baixo da pele.

– Vou ligar para a sua avó – diz ele, e sai da sala, passando por mim do mesmo jeito que a Hannah faz.

A campainha toca. Hannah está me olhando feio.

– Muito obrigada mesmo – ela diz – por ter estragado tudo!

Ela corre da sala e vai atrás de papai. A campainha toca de novo. É o entregador de pizza.

– Você pediu pizza? – pergunta ele.

Não respondo. Não paro de chorar.

– Você pode chamar seu pai ou sua mãe para mim? Alguém tem de pagar a conta.

Papai está no computador lá em cima. Seus olhos estão abertos e ele fita a tela, mas as mãos não se movem.

– Papai – eu digo –, papai, precisamos de dinheiro para pagar a pizza.

Ele não se move. Posso ver a carteira no seu bolso, mas não me atrevo a pegá-la.

– Papai – eu digo –, a pizza chegou. *Papai*.

Eu me aproximo e vejo que ele está chorando.

No sábado de manhã, o Vô joga quatorze jogos de Mentira em seguida conosco. Mas isso não ajuda em nada.

Órfã

Se você tem apenas o pai ou a mãe vivo, como Hannah e eu, porque mamãe já morreu, então você é uma órfã. Sempre pensei que teria de ser ambos os pais mortos, mas pode ser um ou os dois.

Ser órfã soa grandioso, como o Harry Potter ou a Mary do *Jardim Secreto*. Hannah e eu deveríamos estar morando em um orfanato, como a Tracy Beaker¹², ou em uma esquina de rua, com furos nas botas e nada para comer. Ser órfã não é nada assim.

Ser órfã soa muito dramático, mas, na verdade, não é. Você se acostuma com tudo. Você se acostuma a morar na casa dos outros e não ter suas coisas, a estar longe das amigas, ou de seu pai, e a estudar numa escola minúscula e estranha em que ninguém fala com você, e Josh e Matthew riem de você o tempo todo. Você se acostuma com as brigas constantes da Hannah com a vovó e a ter um pai que está sempre longe e de não saber nunca se você vai viver aqui para sempre ou se vai voltar para casa amanhã.

Você pode até se acostumar com o vazio na sua vida onde antes havia alguém. Um vazio onde você pensava que aquela pessoa iria viver ali para sempre, mas um dia essa pessoa sai, sem olhar para trás, ou dizer adeus, e some para sempre.

Novembro

O Vô nos leva de volta para a casa dele. Durante o caminho inteiro, fico esperando que a Vó esteja com muita raiva da gente e penso que o Vô, também, porque ele diz: “Não foi culpa delas, Edie” assim que entramos em casa.

Vovó passa a mão entre os cabelos.

– Sei que não foi – diz ela, com desagrado. Olha para Hannah. – Então, mocinha – diz ela –, pelo jeito vamos ter você aqui por mais um tempo. Vamos ver então se pelo menos deixamos a cozinha inteira, não é?

Hannah não quebra mais nada. É novembro agora e as noites estão aumentando. Cada dia fica escuro mais cedo. Se o meu homem tinha razão, isso quer dizer que o Rei Azevinho fica cada vez mais forte. Desde que voltamos da casa de papai, tudo parece mais pesado e cinzento. Até o céu parece pesado – nuvens cinzentas, com um céu cinzento por trás.

Papai nos visita apenas duas vezes em novembro. E não fica muito tempo – acho que tem medo do que a Vó possa dizer para ele. Os dois quase não se falaram desde aquele nosso fim de semana com ele. Ele não nos leva para nenhum lugar interessante. Em vez disso, fomos comer peixe com fritas na praia em Alnmouth uma vez e fazer uma longa caminhada pelo vilarejo uma outra vez – a mesma caminhada chata que fazemos com meus avós.

Hannah não briga e não quebra nada, mas fica totalmente apática. Quando papai fala com ela, ela se afasta. Duas vezes, quando saímos juntos, ela começou a chorar sem nenhuma razão.

Eu não choro. Não é que perdoei papai, mas não posso dizer isso para ele. Não depois do que aconteceu da última vez. Não posso. Pais devem amar suas filhas, não importa o que elas façam, mas talvez aquela parte de papai tenha sido danificada, se ele pode nos mandar de volta depois de apenas uma briga. Agora já pensou se brigamos um dia e ele vai embora para Newcastle para nunca mais voltar?

Começo a sonhar com o Rei Azevinho. Ele está farejando ao redor da casa à noite. Está trazendo o inverno. Manda pingos de gelo pela chaminé e a geada sobe pelas paredes da casa. Ele sopra pelas frestas das portas e bate no vidro da minha janela. Está tentando entrar.

Eu leio muito. Acabei todos os livros da série *Secret Seven* e começo uma série de mistérios. Vovó reclama do custo de ter de encomendar tantos livros para mim e por que eu não tiro os livros da biblioteca. Mas eu já li todos os livros da Enid Blyton e todos os da Jacqueline Wilson da biblioteca de Hexham; então, o que posso fazer? Eu ajudo o Vô na lojinha.

Cresço um pouquinho. Chega dezembro.

Sino de magrela

Os cartões de Natal começam a chegar. Hannah e eu escrevemos cartões para todo mundo na escola.

– E papai? – eu pergunto.

– Pais não recebem cartões de Natal – diz Hannah. Ela está escrevendo sem parar, com a cabeça inclinada sobre o cartão. Espio por cima do seu ombro.

Caro Josh,

Espero que você tenha um Natal totalmente terrível. Espero que você não ganhe absolutamente nada, mas sei que você vai ganhar, você vai ganhar UM PEDAÇO DE CARVÃO do Papai Noel, o que vai fazer você CHORAR, porque você ainda acredita em Papai Noel. Infelizmente, Josh, ele não existe.

In—**FELIZ NATAL**
E UM
Miserável (PRÓSPERO) ANO NOVO
 Com muito ódio

Hannah

– Você não vai mandar esse cartão! – eu digo.

– Mas é claro que vou – diz Hannah. Ela põe o cartão dentro do envelope, lambe as pontas e escreve SEGOCO no verso.

– Selado com Gosma de Coco – diz ela. – Ou Cocô, talvez...

– E papai – eu peço. – Vamos enviar um cartão para papai? Ele sempre manda um para a Vó e para o Vô.

– A Vó, o Vô e papai não moram no mesmo teto – diz ela. – Não é? E nós devíamos estar morando com papai, só que não estamos. E não queremos que ele pense que está tudo bem; assim, não vamos mandar cartões de Natal para ele, porque não se manda cartão de Natal para as pessoas com quem se mora, ou se devia morar. Entendeu?

- Entendi – respondo.
Hannah fica satisfeita.
- Certo – diz ela, e começa a desenhar bostinhas no envelope.

Fico meio que esperando que papai nos mande um cartão de Natal, mas ele não manda, nem mesmo para o Vô e a Vó.

Vai saber o que entender com isso!

Pensei que Josh fosse ficar com raiva quando recebesse o cartão da Hannah, mas ele deu risada.

- Agora leia o meu – diz ele.
Todo mundo se aproxima de Hannah e ela começa a ler.

*Querida Hannah Banana
Bate o sino, pequenino, sino de magrela,
de magrela como a Hannah, cheia de ramela.
Hoje à noite o pai dela embaixo da janela
com a Page Three bela felizes a trepar*

JOSH The Boss
Feliz Natal, *Joyeux Noel, Fröhliche Weihnachten,*
Feliz Navidad
A venda deste cartão auxilia a organização *Salvem as Crianças*

Sinto um friozinho na barriga quando leio o cartão.

- O que é *Page Three*? – pergunto.
- É a página depois da dois – diz Matthew, rindo.
- Idiota – diz Hannah. – É a página três no jornal *The Sun*. Tem sempre uma mulher nua nela.

Hannah não fica com raiva por causa do cartão. Ela o lê de novo e sorri. Depois coloca o cartão no seu estojo de lápis.

Fico me perguntando se jamais vou entender minha irmã.

A chegada do Natal traz outras coisas para me preocupar. Pergunto ao Vô:

- Vamos ter meias na lareira, não vamos?
- Claro que sim – diz vovô. Ele está abrindo uma caixa de latas.

– Ponha estas latas na prateleira, está bom, meu bem? Assim posso dizer ao Papai Noel como você foi boazinha.

Ponho as latas de qualquer jeito na prateleira e volto para perto do balcão. Tem um adesivo na caixa registradora com um código de barra inútil. Fico tentando arrancá-lo sem deixar a marca da cola. Sei que Papai Noel não é real. Sei que é a mãe da gente.

– Só que nossas meias estão na casa de papai.

– Ele vai trazê-las.

Puxo o adesivo tentando não deixar marcas na caixa registradora.

– Ele *vem* passar o Natal, não vem?

A Vó está pendurada no topo da escada, decorando as prateleiras de cima com enfeites de Natal. Ela olha para mim, as mãos cheias de enfeites brilhantes.

– Molly Alice – diz ela. – Que pergunta é essa? Mas é claro que ele vem. Para onde iria?

Mesmo assim, ainda estou preocupada.

Temos uma árvore de Natal de verdade, vinda da pequena fazenda dos pais da Emily. Já tem um monte de presentes embaixo – muito mais do que o normal.

– Presente de quem está com pena – diz Hannah. – Tente fazer uma cara mais triste da próxima vez que alguém vier visitar e podemos ganhar até mais.

Também temos mais gente para dar presente este ano. Vamos mais uma vez à Hexham com a tia Meg. Eu compro:

Para a Vovó: um vidro de chutney¹³ todo sofisticado e um ímã de geladeira escrito *Avós são perfeitas*, na esperança de que ela se toque.

Para o Vovô: uma gravata borboleta com bolinhas roxas para fazê-lo rir.

Para Hannah: um saco de pancadas para ela bater, em vez de bater em mim e em Josh.

Para o Papai: uma moldura com a foto tirada na escola, no ano passado para que ele não esqueça quem somos.

Compramos também uma bruxinha com meias listradas para Miss Shelley e uma caixa de bombons para Mrs Angus porque, como Hannah diz, “Se você der doce para os adultos, eles abrem e oferecem para todo mundo. Então não escolha estes – eu não gosto de caramelo. Compre este aqui”.

Tenho um montão de dinheiro guardado, porque não tem nada para comprar por aqui, a não ser doces, e doces o Vô nos dá de graça. Compro um gorro de lã e uma caixa de chocolates com Papai Noel para o meu homem – só no caso de ele aparecer.

Quadros na terra

Viro a chave na fechadura bem devagarzinho, para não fazer barulho. Vovó está na lojinha e ela tem ouvidos afiados. Não me deixam sair sozinha depois que escurece, o que quer dizer que não posso sair mais à noite, porque escurece tão cedo.

Abro a porta; devagar, devagar. Ouço os risos na loja e escapo debaixo do nariz deles, empurrando a porta por trás. Livre!

Estou com a lanterna e a chave extra no bolso. Além disso, não estou indo muito longe. Só quero deixar os presentes de Natal para o meu homem – caso ele volte.

A lua brilha acima dos morros, pálida e fina, com um anel de gelo ao redor. O céu tem um tom azul profundo e escuro. Não estou com medo. Vejo a camada fina de geada na grama e sinto uma espécie de magia de bruxas no ar e no céu, o que me deixa empolgada. É o tipo de noite de que minha mãe e eu gostamos mais.

A casinha dele adquire um ar misterioso sob o céu de névoas. Como se escondesse um segredo. Meu coração começa a bater mais rápido. Ele pode ter retornado, por que não? Só para o Natal? Não. Não pode.

O celeiro está vazio. As raízes do carvalho se espalham pelo chão e seu cume espeta o furo no telhado quebrado do celeiro, os galhos alcançando o céu aberto. Vou e toco na árvore. Está fria. A madeira é seca e escura.

Será que ele morreu? Não sei.

Ponho os presentes no chão e me sento em um saco de cimento. Descanso a cabeça nos joelhos e abraço as pernas.

– Queria tanto que você voltasse – eu digo –, de onde quer que esteja.

Nada acontece. Começo a arranhar o chão com o canto afiado de uma pedra. Tento desenhar uma lua cheia, mas ela parece apenas um círculo. Faço então um rosto, com chifres e olhos redondos. Fica uma coisa boba.

Faço dos chifres, folhas, que crescem da cabeça. Faço galhos se esticando do lugar onde deveria ser o nariz, se ele tivesse um nariz.

Acima de mim, os galhos do carvalho tremulam.

Desenho uma lápide ao redor do rosto. Embaixo do túmulo, faço uma mulher com cabelos longos. Faço os cabelos crescerem até ela ficar enterrada sob os fios, como a Bela Adormecida.

Parece que ela foi apagada por linhas. Ou como se fosse enterrada viva.

– Será que um morto pode voltar para uma visita? – pergunto, em voz alta.

O carvalho treme. Os galhos se movem em um complicado movimento de boas-vindas ou de aviso. Uma mão aparece e cobre a minha.

– Quem está morto? – ele pergunta.

31

Dois reis

Ele! *É* ele. Está meio sentado, encostado na árvore, sombras cinzentas cobrem seu rosto.

– Você voltou!

Estou tão contente, que me esqueço da timidez. Pulo e o abraço, do jeito que posso, por ele ter as costas contra o tronco da árvore.

– Onde você *esteve*?

Ele não responde. Eu me afasto.

E, pela primeira vez, o vejo claramente.

Sua aparência é terrível. Seu rosto está muito mais magro do que eu me lembro, com bochechas sugadas e manchas escuras sob os olhos. Sua cor é um branco acinzentado horrível. Fica difícil de dizer, no escuro, onde ele termina e a árvore começa.

E está tremendo.

– Você está bem? – pergunto. E como ele não responde, acrescento: – O que há de errado com você?

Ele se sacode. Toco sua mão. Está gelada.

Ele ainda está coberto apenas com as suas calças estranhas. Tiro meu casaco e cubro seu peito. Ele não se move.

– Não pode ficar aqui – digo. Posso não saber muito, mas isso eu sei. Ponho meus braços ao redor dele e tento levantá-lo. Ele respira com esforço e grita, e eu paro, sem saber o que fazer.

– Você precisa vir comigo. Tem de vir.

– Não – diz ele. E põe a mão no meu braço.

– Mas...

Ouçó um barulho que vem da porta atrás de mim. Viro-me muito rápido para dar tempo de sentir medo e prendo a respiração por um instante.

É o Rei Azevinho.

Está parado na porta. É muito maior do que eu me lembro – mais alto, mais forte, também.

A luz se reflete na geada, no batente onde ele põe a mão. Mordo os lábios. Será que ele me seguiu? Será que fui eu que o trouxe aqui? Será que é minha culpa de novo?

Olho para o meu homem, o meu Rei Carvalho. Ele move sua mão sobre a minha e me dá um leve aperto. Está tremendo de frio, mas ainda pode falar.

– Ainda não – diz ele.

O Rei Azevinho não responde. Fita-me com seus olhos negros.

– Não deveria estar aqui – diz ele.

– Deixe ela em paz – balbucia o meu homem. Por que é isso mesmo, apenas um balbucio. Sua mão ainda treme por cima da minha.

– Vá para casa – diz ele.

– Não – eu sussurro.

No celeiro é silêncio, a não ser pela sua respiração dolorida.

– Olhe – diz ele, enquanto eu me aproximo, tentando compreender suas palavras. – Você me perguntou uma vez... sobre trazer alguém que morreu de volta – ele treme. Eu seguro firme a sua mão. No escuro do celeiro, suas palavras têm um significado sinistro e, de repente, sinto medo. – Para você – diz ele – eu posso...

– O que você quer dizer? – pergunto. – O que pode para mim? O que você vai fazer?

Será que vai trazer minha mãe de volta? Como? Como um zumbi? Um fantasma? De verdade? O terror toma conta de mim, tão súbito como água numa enxurrada.

– O que você vai fazer?

Atrás de mim, o Rei Azevinho se mexe, o gelo rachando no batente da porta. Meu homem se enrijece. Aperta minha mão.

– Vá para casa – diz ele.

Eu aperto sua mão também. Não sei o que dizer. *Eu te amo?* Soa bobo e muito dramático. *Vai ficar tudo bem com você?* E se não ficar, o que vou fazer? Chamar a polícia?

E o que ele quer dizer com “ainda não”? Quanto tempo mais ele vai durar?

Pego a pedra com o canto afiado com que estava desenhando. O Rei Carvalho, o Homem Verde, solta minha mão. O homem-monstro dá um passo para o lado, dando espaço para eu passar. Acho que o meu homem olha para cima, mas está tão escuro que fica difícil saber com certeza. Ele está na parte sombreada do celeiro; sua forma cinza que se funde com o tronco da árvore; na escuridão, não se sabe onde uma começa e a outra termina.

Passo com cuidado pelo Rei Azevinho. Estou tremendo. Nem ele, nem o meu homem se movem. Estou segurando a pedra fria na palma da mão. Se eu jogasse a pedra nos seus olhos, será que ele ficaria cego? Será que a pedra o mataria?

Estou perto dele na porta. Seu odor animalesco me envolve. Tudo o que preciso fazer é levantar meu braço e atirar.

Mas não atiro. Continuo andando, atravesso a porta e o momento passa. Paro e deixo a pedra cair na lama e, de repente, me vejo correndo, uma menina sob o vasto céu escuro, atravessando correndo o campo já tão familiar, correndo para casa.

Loki

Vou contar uma coisa sobre deuses. Você pode pensar que todos os deuses são bons – sabe como é, o deus do vinho pode ficar embriagado de vez em quando, ou o deus da matemática pode ser um tédio, mas não são realmente *maus* ou coisa assim. É que, sabe como são essas coisas, se você é o deus da matemática, então você tem de falar o tempo todo sobre divisões, frações e multiplicações. Mas a gente precisa de todos os deuses diferentes, mesmo os deuses das frações, ou da chuva, ou das calcinhas, porque, se não fosse assim, não teria ninguém para pedir ajuda quando se está lutando com um problema de matemática. Ou quando não se acha nem ao menos uma calcinha na gaveta.

Bom. Talvez seja o que você pense, mas não é verdade. Porque existem alguns deuses que são só maldade. Tem o Loki, por exemplo, que é um deus dos Vikings que sai por aí fazendo coisas ruins sem uma razão qualquer, como matar outros deuses só por diversão, e depois se recusa a chorar, para que o tal deus morto não renasça jamais. Ele era tão mau que os outros deuses o amarraram numa caverna subterrânea e puseram uma serpente venenosa em cima da cabeça dele e agora a serpente pinga o veneno sobre ele o dia inteiro e a noite inteira e a mulher dele tem de ficar em pé com uma vasilha juntando o veneno. E quando a vasilha está cheia, ela precisa esvaziá-la, e o veneno pinga na cabeça de Loki e ele se sacode tanto que a Terra inteira treme, e é por isso que acontecem os terremotos. Ou pelo menos é isso que os Vikings achavam.

E isso prova que nem todos os deuses são bonzinhos. Alguns deuses podem matar outros deuses e fazer com que eles jamais renasçam. Só por diversão.

Dormindo e acordando

Durante toda a noite, eu fiquei entre dormir e acordar. Foi aquele tipo de noite em que você acha que não dormiu nada, mas deve ter dormido, porque para onde teria ido à noite?

O deus da caça bate à minha porta.

– Ainda não – eu grito. – Ainda não!

Mas, “agora”, diz ele, e continua batendo na porta com força e o vento sopra dentro do quarto, espalhando tudo pelo ar – as revistas na loja, as latas caem das prateleiras – e eu estou escondida atrás da porta e ele está de pé com seus pés de patas, olhando. E minha mãe está lá também, levantando-se de seu túmulo, um esqueleto muito querido com calças jeans e com longos fios de cabelos loiros.

E então grito e grito e, de repente, o Vô está lá, então devo ter sonhado, e ele está dizendo:

– Pronto. Pronto. Está tudo bem. Estou aqui.

E sinto seus braços me abraçando e estou chorando e digo:

– Ele está vindo! Ele está vindo!

E o Vô me abraça e me balança, com muito carinho, muito mais carinho que a Vó, e diz:

– Pronto, não chore. E eu fico pensando: “se eu contar sobre o Rei Azevinho, será que ele poderá salvar o meu homem?” E imagino que se eu sair agora, no meio da noite, posso chegar até antes que o Rei Azevinho e, de alguma maneira, salvá-lo. Mas a noite é escura e profunda e o vento açoita os vidros da janela, depois se acalmando por completo, só para começar tudo de novo, e o Vô dizendo, “Pronto, pronto”, do mesmo jeito que o homem na estrada, e os chifres crescem da sua cabeça e as folhas crescem de suas orelhas e nariz e ele é um gigante acima de mim, tão alto como o carvalho no celeiro, sacudindo na brisa, e meus olhos se fecham e estou caindo no sono de novo, antes que possa fazer qualquer coisa.

Medo

Sei que deveria voltar para o celeiro, mas não volto.

Vou assistir ao concerto do *Seaman's Mission Carol Service*, que é um coral de marinheiros, com a Vó, porque sempre vamos, em homenagem ao meu bisavô, que era da Marinha. Vou ver meu primo Tom representar uma irmã feia na pantomima de sua escola. Fico ajudando o Vô a pendurar todos os cartões de Natal para ficar tudo pronto para a chegada de papai.

Sei que deveria voltar lá, mas não vou.

O ano morre no meio da noite

É a última semana de aulas na escola e quase não fazemos lições. Cantamos canções de Natal (com Hannah e Josh cantando as versões sujas) e ensaiamos a peça de Natal. Estamos fazendo uma versão moderna da Natividade¹⁴. Em casa, nunca havia papéis suficientes para todo mundo e acabávamos sendo anjos ou pastores extras, mas aqui todo mundo, a não ser Maria e José, fazem dois papéis. Eu sou um anjo com asas de papelão e também um dono de albergue.

– Sim – eu digo. – Vocês podem dormir na extensão, que é minha garagem.

Queria muito que o Vô tivesse uma extensão-garagem em que meu homem pudesse ficar. Ele também é um deus, como Jesus.

Hannah e Josh são Maria e José. Coitado do pequeno Jesus. Josh é um encanador, em vez de carpinteiro, porque carpinteiros não são suficientemente modernos.

– Mas como você vai ter um bebê?! – diz ele para Hannah. – Ainda não nos casamos.

– É tudo de que você precisa saber – diz Hannah. – Ele é filho de Deus, evidente, não é?

No último dia de aula, cortamos a frente dos cartões de Natal já usados para fazer calendários. Quem será que vai ganhar o nosso este ano, vovô ou papai? Decido dar o meu para quem a Hannah não der o dela, mas não deixa de ser triste. Nossos calendários ficam sempre pendurados um ao lado do outro na porta da geladeira da nossa antiga cozinha. Olho para a Hannah, para ver se ela está triste como eu, mas ela está ocupada, pondo chifres e um rabo em um Joseph de um cartão de Natal, e não parece se importar.

No recreio, está muito frio. Tem gelo na parede onde há sombra. Os meninos começam a deslizar no gelo e logo todo mundo está deslizando também, até mesmo Emily. Hannah e Josh tentam empurrar um ao outro.

Depois que eu quase caio duas vezes, vou procurar um lugar para deslizar no gelo bem longe deles.

De repente uma lembrança me vem à cabeça, de uma vez quando faltei às aulas para ir ao dentista. Eu e mamãe estávamos voltando para o carro quando vimos uma pista de patinação ao ar livre no centro da cidade.

– Vamos patinar – disse ela, e fomos. No começo, fiquei segurando na beirada, sem saber o que fazer, mas mamãe segurou minha mão e me puxou e ficamos fazendo giros pela pista cada vez mais rápidos, até ficarmos com tanto calor e rindo que acabei me esquecendo de ficar com medo.

E depois que me lembro disso, não quero mais deslizar. Fico agachada no frio olhando os outros.

Imagino se o meu homem já está morto.

Matthew vem e enfia gelo dentro do meu casaco.

Eu sinto que vou chorar, que é uma coisa que não se devia sentir quando é o último dia de aula e apenas quatro dias antes do Natal.

A tarde é um pouco melhor. Fazemos a peça e todos os pais vêm assistir. Na verdade, são apenas nove pessoas, o Vô e a Vó, Miss Shelley e a Mrs Angus, mas um dos nove é papai; então, não me importo que sejam tão poucos. Ele chega com o Vô e a Vó e quando eu vejo seu rosto torto, deixo escapar a respiração que eu não percebi que estava segurando e me dá aquele arrepio de surpresa que sempre tenho quando o vejo – que ele continua o mesmo, que ele não ficou mais longe de nós desde a última vez que o vi. E todos dizem que gostaram da peça e dão risada nos momentos certos e tem chá, café e suco com pastéis doces de frutas cristalizadas depois.

O espetáculo era para ter terminado com a peça, mas Miss Shelley começa a conversar com papai sobre nós. Ela conta a ele sobre os poemas de Vikings que escrevemos para o nosso tema. Então, Hannah se levanta e lê em voz alta um que ela escreveu.

Vikings
De Hannah Brooke

Os Vikings
Tinham prazer
Em saquear
E velejar
Vencendo os mares

De muitos lugares.

Raptavam donzelas
Todas tão belas
Não por terror,
Mas por prazer.

Bebiam cerveja
Com gritos ferozes
Como você.

Ah, eu não seria tão triste
Se fosse um Viking!

Depois Josh e Matthew lutam *kick boxing*. E Alexander toca *O Boneco de Neve* no piano da escola. Ele não queria tocar, mas sua mãe o obrigou. E Emily dança alguns passos de balé, porque ela faz aulas de balé.

É de se pensar que Sascha e Oliver fossem muito pequenos para fazer qualquer coisa, mas eles se levantam e cantam canções infantis com a Mrs Angus, e Sascha conta uma história longa e confusa sobre uma fada que parece não terminar nunca. Assim, só faltou eu.

Mrs Angus diz:

– Por que você não mostra a seu pai um de seus desenhos?

Só que desenhos não é coisa que se usa em show de talento. Eles são do tipo vamos-dar-a-Molly-alguma-coisa-para-fazer-para-ela-não-se-sentir-deixada-de-lado, e eu não quero fazer isso.

Assim, me levanto na frente de todo mundo. Ponho as mãos para trás e os pés para frente, como a Emily fez quando dançou seu bale, e recito:

Soem, sinos selvagens

Soem, sinos selvagens, soem a céu aberto
Luz efêmera, nuvens de açoite;
Pois o ano morre dentro da noite:
Soem, sinos selvagens, podem deixá-lo morrer.

Soem para trazer o novo, soem para apagar o velho
Soem, sinos alegres, no meio da neve:
O ano se vai, partir ele deve:
Soem para trazer a verdade, soem para levar o falso.

Soem e levem a dor que aflige a mente
Da saudade dos que partiram para sempre
Soem para longe a discórdia entre ricos e pobres
Soem para despertar a união de toda humanidade

Que é um poema escrito por Lord Alfred Tennyson, que mamãe me fez decorar para o Natal do ano passado. Quando eu termino, ninguém bate palmas, como fizeram para os outros. Todo mundo fica quieto por um bom tempo. Volto para o meu lugar ao lado de papai e ele põe o braço sobre meus ombros. Então, devo ter me dado bem. Mrs Angus, então, vai ao piano e começamos a cantar as canções de Natal e de início de ano.

Cantamos *Noite Feliz* e *Sino de Belém* e uma sobre as janeiras, que é uma tradição antiga de cantar as canções de Natal.

Miss Shelley pergunta:

– Algum pedido?

E Emily diz:

– Quero cantar *A Hera e o Azevinho*.

Assim cantamos esta também

Oh, o nascer do sol
O correr dos veados
O toque alegre do órgão
O canto doce do coral

Quando saímos está escuro e pequenos flocos de neve caem do céu, como em um livro de contos. É tão lindo que me dá vontade de chorar. As pessoas voltam para seus carros, saudando umas às outras com “Feliz Natal! Feliz Natal!” e eu seguro a mão do Vô para não escorregar no gelo e desejo com fervor que seja Natal para sempre.

Gelo

No entanto, quando chegamos em casa, eu me lembro do homem no celeiro, e uma vez que me lembro, não consigo tirá-lo da cabeça. Olho pela janela para a neve caindo e me lembro da metade descoberta de seu telhado – a neve deve estar cobrindo o chão bem no lugar onde ele estava.

Uma pessoa pode morrer congelada numa noite como esta. Até mesmo um deus.

Papai está embaixo na cozinha com a Vó, tomando chá. Chego até a porta e quase entro, mas paro. Não creio que eles sairiam atrás de um homem – que não acreditam que existe – no meio de uma noite como esta.

Volto para a sala. Hannah está assistindo à novela *Neighbours* com sua mão enfiada numa caixa de chocolates.

– Hannah.

– O que é? – e quando eu não digo nada. – *O quê?*

– O meu homem. No celeiro.

– Já vem você de novo – Hannah se joga para trás no sofá e fecha os olhos. – O que tem ele? – pergunta ela, dramática, a cabeça jogada para trás.

– Está nevando.

– Talvez as fadas possam tricotar um cobertor para ele.

Torço a barra de meu pulôver, torço e torço.

– Hannah, por favor.

– Por favor *o quê?*

– Venha comigo. Para ter certeza de que ele está bem.

– Molly – Hannah faz sua voz de adulta. – Amigo imaginário não sente frio, sabia?

Ela volta sua atenção para a televisão.

– Mas ele não é imaginário! – Hannah não se move. – Ele pode *morrer*.

Ela aumenta o volume. Eu agarro o controle remoto. Ela berra.

– *Molly!* Pare com isso!

– Você está é com medo – eu digo. – Está com medo porque se você vier comigo, vai ver que ele é real e vai ver que estava errada, e não quer sair porque está escuro e está com medo de ver um cadáver, porque é isso que ele *vai ser*, e...

– Você é realmente pirada – diz Hannah. – Acho que precisa saber disso. Ela dá um suspiro profundo e dramático e se levanta.

– Se ele não estiver no tal celeiro, então não vamos sair procurando por ele, concorda?

– Concordo.

Desço os degraus atrás dela. Ela atravessa a cozinha.

– Molly e eu vamos brincar na neve – diz ela. – Onde está a lanterna?

– Oh... – diz papai. – Bom... Dá para ver que ele não está querendo nos deixar sair no escuro, mas também não quer proibir de brincarmos juntas. – Está... – ele para. – Não vá muito longe, está bem?

– Claro que não – diz Hannah. Ela olha para ele com sua expressão de maior desprezo.

Está gelado. Eu ponho as mãos nos bolsos e fico perto de Hannah.

– É esse o caminho? – ela pergunta. Liga a lanterna e ilumina com um raio difuso um metro à nossa frente.

– Por aqui.

– Vamos, então.

Ainda neva. Tanto que já está cobrindo o chão. Penso na neve cobrindo o meu homem e me arrepio.

A noite tem um ar estranho. As árvores estão balançando, fazendo ruídos. Como murmúrio de vozes. Chego mais perto de Hannah e acabo por empurrá-la sem querer.

– Ai!

– Desculpe.

– Onde devemos virar?

– Tem um portão na cerca viva.

– Onde?

– Fica por aqui – aqui!

Seguro a mão de Hannah e direciono a luz da lanterna. Hannah dá gemidos exasperados e passadas sonoras na direção do portão. Eu corro atrás dela.

– Como é que ele abre?

- A gente pula. Hannah – as árvores...
- Puxa! Tem neve em cima dele. Não consigo *ver* nada.
Atrás de mim, ouço algo que parece com risadas.
- Hannah...
- Vamos.

O portão já está coberto de neve e está gelado. Eu escorrego quando vou descer e caio na lama congelada. E dói.

Hannah está na minha frente, uma sombra atrás do facho da lanterna.

- O que foi isso? – sua voz soa assustada. Hannah nunca tem medo.
- O quê?
- Ali – tem alguma coisa ali.
- É a cabana dele. Lembra?

Está muito escuro dentro do celeiro. A neve cobre o chão e a sombra formada pela árvore e os sacos no canto.

Não tem ninguém lá dentro.

- Satisfeita? – diz ela. – Agora podemos voltar?
- A neve bate no telhado. E cai nas minhas costas.
- Olá – eu sussurro.

Ninguém responde.

– Ele provavelmente está numa festa com as fadas – diz Hannah. – Vamos embora.

Vou até o canto que era dele no celeiro. Está escuro como breu. Tropeço em algo que jaz no chão.

– Moll?

Ajoelho. Ele está de costas para o chão. A neve cobre suas pernas e sua barriga. Os olhos estão fechados. Ele está tremendo tanto que chego a ouvir o tiritar de seus dentes.

Toco no seu braço. Está frio como gelo.

- Hannah – eu digo baixinho.
- E então ela o vê.

Por um longo, longo momento, ela não diz nada. E, então, fica furiosa.

- Sua menina boba, *tola*!

Eu olho.

- Por que você não disse a *ninguém* que ele estava aqui? Ele poderia ter *morrido*! Por que não chamou uma *ambulância* ou o Corpo de Bombeiros?
- Mas eu disse! Eu contei para você! Contei para papai e para o Vô...
- Você não nos disse que ele era *de verdade*.

Ela corre para fora do celeiro. Eu corro atrás dela.

– Para onde você vai?

– Para onde acha que eu vou?

– Não me deixe aqui!

– Você acha que eu me importo com você?

Ela corre na minha frente, pisando em neve e em grama congelada. Eu corro atrás, tentando alcançá-la.

Todo mundo está na cozinha quando abrimos a porta com alvoroço.

– Tem um homem no meio da neve – diz Hannah.

O Vô se levanta.

– Na neve? Está ferido?

– Não sei – diz Hannah. Agora que estamos aqui dentro, ela não está mais com raiva. Começa a tremer.

– Está vivo – eu digo. Corro para papai e puxo na sua manga. – Precisamos ir salvá-lo.

– Onde é que ele está? – pergunta vovó. – Calma, Moll. Fale devagar.

– Chamamos uma ambulância? – pergunta papai. – Vocês ainda estão com a lanterna? – pergunta vovô.

– É o homem de Molly – diz Hannah. Todo mundo para de falar.

– O homem de Molly? – vovó diz.

– Ele estava lá o tempo todo – diz Hannah.

– Molly? Você estava conversando com uma pessoa de verdade?

– Claro que estava. Eu não disse para você?

– Espere aí – diz papai. – O quê – de quem estamos falando aqui? O homem invisível que faz as flores crescer? Ele é *real*? Você estava visitando um homem de verdade no bosque? – ele olha para vovó. – E você estava *deixando* ela ir?

Eu pego a mão dele. É óbvio agora que somos de responsabilidade do meu pai de novo, mas não tenho tempo para descobrir o que isso quer dizer. Alguma coisa mudou, eu sei que mudou. Ninguém podia vê-lo antes. Então, por que agora podem?

– *Depressa* – eu digo. – Venha ver.

Tempestade

Vamos todos juntos. O Vô, papai, Hannah e eu. A noite está mais escura. A neve está caindo mais grossa e o vento começou a soprar forte.

Papai e o Vô não querem que eu venha, mas eu não quis ficar para trás. Alguma coisa sacudiu o meu pai de sua dormência de não brigar, não falar. Nunca o vi tão furioso.

– Você não fala com estranhos – diz ele. – *Nunca*. Que parte de *nunca* você não entende?

– Ele não é um estranho! – eu digo. – Somos amigos.

– Não – diz papai. E bate a mão com força na mesa. – Pelo amor de Deus, Molly! Você não entende como isso é importante?

Começo a chorar.

– Ei – diz vovô. – Toby. Ele põe a mão no braço de papai. – Vamos esperar para ver, hein? Ver o que achamos lá.

Mas papai puxa o seu braço para longe.

– Você não tem nenhum direito de se intrometer nesta conversa – diz ele para o Vô. – Nada! Eu ainda nem *comecei* a dizer o que penso de você.

Agora que comecei a chorar, não tem como eu parar.

– Ele está doente – eu digo. Não me atrevo a olhar para papai. – Ele está doente e pode estar morrendo e tudo o que vocês fazem é brigar.

Então agora estamos aqui, caminhando pela neve. As árvores fazem barulho, como vozes. *Depressa, depressa, ou vai ser tarde demais*. Estou tão assustada que quase não consigo respirar.

Tenho um peso no coração, enorme, como se algo estivesse errado. Tem uma coisa estranha a respeito desta noite. O mundo não se encaixa. As beiradas se movem. Se não chegarmos logo lá, alguma coisa terrível vai acontecer.

Depressa, dizem as árvores.

Papai e o Vô estão tentando abrir o portão. O Vô consegue abri-lo. Que estranho, o tempo todo eu estive pulando um portão que pode ser aberto.

Corro pelo campo.

– Molly, espere – grita o Vô, mas não paro. Tropeço pela neve na direção do celeiro.

Agora.

Ouçó um baque. Trovão. O relâmpago rasga o céu em dois. Estamos no olho da tempestade mais uma vez.

Caio para dentro do celeiro pela porta. O relâmpago brilha de novo e, por um momento, vejo uma imagem – dois homens, um alto e chifrudo, de pé, o outro deitado com o rosto para o chão. O homem de pé está com seu punho erguido no ar. Tem alguma coisa desumana na sua quietude e na maneira como o outro jaz. Logo o relâmpago apaga e o celeiro está vazio, a não ser pelo estrondo do trovão ao meu redor.

Sei, sem a mínima sombra de dúvida, que o meu homem não está mais aqui. Fico aterrorizada. Aí a tempestade desaba.

Nevasca

Estou rodeada pela neve açoitada pelo vento. Tem neve acima, embaixo e ao meu redor, como neblina.

Muito alto, você não pode passar por cima.

– Homem! – eu grito. – Homem! Sou eu! É Molly!

Ouçoo vozes no vento e formas. Formas altas acima de mim, depois sendo levadas para o nada. Coisas com asas e olhos.

Muito baixo, você não pode passar por baixo.

– Homem!

Muito largo, você não pode atravessar.

– Volte!

Eu sei onde ele está.

– Por favor!

Cheguei tarde demais.

Ele está morto, e é minha culpa.

Agora choro e tremo. Tem formas negras ao meu redor, dando risadas no vento. É o deus de chifres, o Rei Azevinho, ou coisa pior. As criaturas que Miss Shelley disse que atravessam quando as barreiras entre os mundos enfraquecem. Fantasmas, espíritos e bestas de pernas enormes e coisas que fazem ruídos na noite.

Outras vozes chamam.

– Molly! Molly!

Sinto o gelo nos meus pulmões. Não consigo respirar.

– Molly! Cadê você?

Aparece o facho de uma lanterna e formas na escuridão.

Tropeço, cega com a noite. Criaturas dão risadas em meio ao vento, pegando meu casaco, arranhando minhas mãos, agarrando meus dedos. O ar está muito fino esta noite.

As criaturas estão atravessando os mundos.

– Molly!

Eu me afasto com força das criaturas que me pegam e me puxam os cabelos, e agora outra coisa está se enrolando nos meus dedos. São galhos. Mãos de árvore, seus galhos se inclinam e me seguram.

– Molly! Cadê você?

Estou segura nos braços-galhos das árvores. Mãos escuras se aproximam e tocam minha face. Eu não me movo. Quase não respiro. A neve e o frio se foram. Aqui e agora me sinto segura. Segura e intocável.

– Aqui está ela!

Os braços de galhos somem. Eu caio com meu rosto na neve. Estou chorando sem parar.

– Molly, meu amor, o que foi?

É papai. Grande e escuro e nervoso. Estou chorando tanto, que quase não consigo vê-lo.

– Mamãe! – eu soluço. – Quero mamãe!

– Moll, Molly, meu bem...

– Quero mamãe!

– Molly-mop...

Tento me afastar. Grito e dou chutes.

– Não! Eu quero mamãe! Quero mamãe!

Ele me levanta nos braços e me carrega na escuridão da noite.

O fim do mundo

Estamos exatamente no meio da noite. Os policiais já se foram. Não encontraram nada, nem mesmo pegadas na neve que cai sem parar. Eu disse para a Vó que não encontrariam, mas ela chamou a polícia assim mesmo. Já é tarde da noite. A não ser por mim, todo mundo já adormeceu.

Humphrey e eu estamos na cama de Hannah. Hannah está na minha cama, que era onde papai deveria dormir, mas ele está no meu colchão, no chão. Foi idéia da Vó.

– A criança precisa do pai – disse ela. – É óbvio. – E ela põe a mala dele aos seus pés. Papai não discute. Fica sentado comigo no colo, o queixo tocando minha cabeça, me segurando tão forte que sinto a borda de seu relógio pressionando minha cintura.

Tudo está ao contrário e de cabeça para baixo.

Papai está dormindo no chão ao lado da minha cama. Está de costas para mim, mas ouço sua respiração.

Está escuro. A única luz vem da lâmpada na mesinha de cabeceira. Um círculo de luz suave, dourada; longas sombras de um cinza alaranjado se formam na parede e, do outro lado da janela, escuridão.

O vento ainda sopra forte e a neve continua caindo. Acho que chove também, se é que se pode ter chuva e neve ao mesmo tempo. É como estar no meio de uma nevasca. É como se fosse o fim do mundo.

Não consigo dormir. Não consigo parar de pensar. E se ele não era o deus da Miss Shelley? E se ele era apenas um homem comum?

Hannah e eu deveríamos ter feito alguma coisa. Alguma coisa para salvá-lo. Se eu fosse mais velha – se eu fosse melhor –, se eu fosse mãe, ou papai, ou Hannah, ou o vovô...

Se eu fosse uma dessas pessoas, eu teria feito alguma coisa. Se eu fosse qualquer outra pessoa que não eu, eu o teria salvado. Ele não tinha ninguém. Só eu. E eu não fiz nada.

Dentro e fora

Fico deitada de costas olhando para o teto.

Escuto ruídos contra a janela. A neve bate no vidro, molhada e pesada. – Mamãe – eu sussurro, mas ela não está aqui. Sei que não está, mas se eu fechar os olhos posso quase imaginar que ela está perto – talvez no quarto ao lado, ou no chão, perto de papai. Esta noite, tudo é tão estranho. Talvez se eu disser exatamente as palavras certas ou fizer exatamente a coisa certa no momento certo, ela volte para mim.

Levanto da cama, embrulhada na colcha de retalhos feia e antiquada. Os degraus rangem a cada passo meu – crique, crique, criiiique. Apalpo a parede com as mãos para não cair.

O piso da cozinha está gelado, mesmo através das meias. Vou até a porta e olho pela janelinha. Tudo o que vejo é escuridão e a neve dançando, até o fim.

– Moll?

É Hannah. Seu rosto é vermelho e branco no escuro.

– O que você está fazendo?

Ela se aproxima de mim.

– Olhando.

Está muito escuro no jardim. As árvores estão se movendo com o vento; posso ouvir seu rangido.

Esta é a noite mais longa do ano. O meio absoluto do inverno.

– Moll – diz Hannah –, está frio. Volte para o quarto.

Mas hoje a noite é diferente. O Homem Verde se foi e isso muda tudo.

– Venha – diz Hannah. – Vamos subir.

Eu não dou um passo.

– O que foi isso? – pergunta com a voz alta e assustada. – *Molly!*

Eu ouço também. Tem alguma coisa lá fora.

Um barulho. Não é da neve, não é do vento, é outra coisa, como um murmúrio. E tem luz também – não é de lanterna, é mais fraco. O que é? É...

– Moll – diz Hannah. – Tem algo ali! – ela puxa meu braço, mas eu me solto.

E então a vejo. Ela está parada no meio da neve, claro como o dia. Ela não parece um fantasma. Parece totalmente real. Tão real que eu penso em

abrir a porta para deixá-la entrar.

Ela fica parada, sorrindo para nós, muito normal, apenas sorrindo através do vidro. Mas logo desaparece.

Quietude

Do lado de fora, o mundo está quieto. Dentro, estamos aconchegadas, juntas na minha cama, dedos frios dos pés apertados contra as pernas frias, os braços entrelaçados, embrulhadas em um monte de cobertores e edredons.

– Você a viu? – pergunta Hannah, mais uma vez.

– Vi – respondo.

– Era real? – pergunta ela. – Era mamãe?

– Era. Acho que sim.

Estamos quietas, pensando. Hannah se move ao meu lado, embaixo do edredom.

– Molly?

– Hummm?

Estou observando a sombra das cortinas na parede. Uma sombra é algo real? É um fantasma?

– Você não se importa? – pergunta Hannah.

E isso importa?

– Me importo com o quê?

E o frio? Estou pensando. O frio é uma coisa real? Ou a noite? A gente não pode tocá-los. Mas existem.

– Viver aqui. Com a Vó.

– Claro.

– Você nunca diz.

Penso um pouco.

– Não podemos voltar e viver com papai – digo por fim. – Mesmo se ele quisesse, não poderíamos.

Hannah se cobre com a colcha.

– Mas outros pais podem – diz ela. – Mães. Mamãe poderia, não poderia? Então ele pode. Se realmente tentar, ele pode. É que ele simplesmente não quis.

De repente, estou cansada. Cansada de mamãe ter ido embora e papai morar longe e de tudo ser tão complicado. Cansada de tentar compreender tudo. Descanso a cabeça no ombro dela.

– Será que isso é verdade mesmo? – eu digo.

Hannah não responde por muito, muito tempo.

– Hannah?

Ela se vira e esfrega o rosto na minha face.

– Não – diz ela. – Na verdade, não.

Ficamos caladas. É a noite mais longa do ano. Ficamos deitadas na cama, esperando o dia amanhecer.

Papai (quase) fala comigo

– Moll – diz papai, se ajoelhando no chão ao meu lado. – Está ouvindo, Moll?

Estou sentada enrolada em um cobertor na poltrona grande do Vô. Estou assistindo *Um Conto de Natal dos Muppets*, comendo torrada com queijo e sopa de tomate. É como estar doente, a mesma sensação ruim.

– Havia... – ele para, depois começa de novo. – Havia realmente alguém na neve?

Digo que sim com a cabeça.

– Meu homem.

– Moll... – Papai começa, mas não continua. Dá para ver que ele está sofrendo para dizer alguma coisa para mim. – Não acho que o seu homem era assim de verdade – ele diz, por fim. – Era? Hummm? Não real

como... – ele me olha como se esperasse que eu completasse a frase, mas fico calada. – Real como Papai Noel é real – ele continua. – Ou o Coelho da Páscoa. Assim?

– Real é real – eu digo.

– Sim, eu sei, mas... os policiais procuraram ontem à noite. Moll, não tinha ninguém lá. Eu acho... É... é como numa história. Dá a *impressão* que é real – mas não acontece de *verdade*.

– Mas aconteceu – eu digo, inutilmente. – Aconteceu.

Fico esperando ele discutir comigo. Mamãe teria discutido. A Vó teria simplesmente me ignorado. O Vô teria me dado um beijo e dito que me amava de qualquer jeito. Mas pai simplesmente abre e fecha a boca, como se não pudesse colocar o pensamento em palavras.

Dia de Natal

É cedo. Muito cedo. Ainda está escuro.

Manhã de Natal, a meia aos pés da minha cama está cheia; dá para ver. Quero saber o que tem dentro, mas fico com receio de olhar. Receio porque papai não sabe como funciona a meia de Natal, como mamãe sabia. Será que ele sabe que tem de ter uma laranja? E nozes ainda com casca? E dinheiro de chocolate e caixinha de bombons? Será que ele sabe que tem de ter sempre um livro e um bichinho de pelúcia?

Lá fora parou de nevar, mas ainda tem uma camada fina de neve sobre os telhados das casas. É um Natal branco. Normalmente, isso seria a coisa mais incrível do mundo, mas agora parece apenas vazio. Como se o mundo inteiro soubesse que o meu homem não está mais lá. Tenho medo que este vazio tome conta do Natal e estrague tudo. Natal é muito importante para ser estragado.

Pego a minha meia e vou para o quarto de Hannah. Ela ainda dorme, deitada de bruços, seu rosto afundado no travesseiro. Eu sacudo seu ombro.

– Hannah. Han-nah.

Ela geme.

– É Natal.

Hannah se vira e esfrega os olhos.

– Tem presentes?

– Um monte.

Hannah não se importa se as coisas não estão certas, contanto que haja presentes. Ela espalha o conteúdo de sua meia e começa a rasgar o papel de presente. Tem um cachorrinho de pelúcia, uma caixinha de bombons, um CD... mas eu não agüento mais esperar.

E no fim está tudo em ordem. Não sei se papai comprou as coisas ele mesmo, ou se a Vó, ou uma das minhas tias ajudou, mas tudo bem. Todas

as coisas que deveriam estar na meia, estão. E mais: um livro de capa dura da Jacqueline Wilson (mamãe sempre comprou as edições de bolso), um caderninho de anotações com uma capa de unicórnio e com adesivos também de unicórnio, um kit para uma pulseira de amizade e um DVD *do Jardim Secreto*, que a tia Rose deve ter comprado por engano, ou será que quer dizer que vamos voltar para casa, porque o Vô não tem um aparelho de DVD?

E o melhor é o montinho de coisas no fundo da fronha, coisas do catálogo da Unicef, que é como meu pai sempre compra os presentes de Natal. São as coisas mais comuns do mundo – como uma camiseta com uma pomba desenhada, ou um quebra-cabeça, ou um livro de receitas de comida típica do mundo inteiro. Hannah quase nem dá atenção para o que ela ganha. Mas eu fico com os meus bem pertinho de mim, porque sei, com certeza absoluta, que todos eles são presentes de papai.

E chega o Natal. Ganho presentes de todo tipo de pessoas, gente que normalmente não dá presentes para mim. Ganho presentes até de pessoas que eu não sabia que existiam – a tia-avó June, que é a irmã de meu avô e que cria gatos – Terry e Maggie, que eram os nossos vizinhos quando eu era bebê –, de alguém chamada Linda, que nem mesmo papai sabe quem é.

– Quem são essas pessoas? – pergunta Hannah.

– São pessoas que têm carinho por você – diz papai, mas Hannah não parece satisfeita.

– Vou ter de escrever cartões de agradecimento para todo mundo? – diz ela, mostrando um frasco de espuma de banho. – Até para coisas *assim*?

– No ano que vem – diz vovó – eu não vou me incomodar de comprar um presente para você, se é assim que vai se comportar.

– Eu gostei do seu presente – diz Hannah, bem rápido.

Eu ganhei patins de roda do Vô e da Vó, mas Hannah ganhou dinheiro, que é o que ela mais gosta.

Depois que abrimos todos os presentes, ficamos quietos na sala. Está escuro, a não ser pelas luzes da árvore de Natal, que brilha em um canto, com pontinhos coloridos refletidos nos enfeites. Não acho que exista outra coisa mais bonita no mundo que uma árvore de Natal.

Hannah está sentada no chão arrumando seu monte de presentes de novo. Hannah não consegue ficar sentada por um minuto. O Vô está

inclinado em sua poltrona observando papai. A Vó está bebendo o seu xerez de Natal, observando o Vô, que, por sua vez, nos observa.

Esta é minha família, eu penso. Fecho os olhos apertados para guardar a imagem na minha mente. Lembro do Rei Azevinho que ainda está lá fora.

Vá embora, eu penso, o mais alto possível. Não venha pegar esses. *Eles são meus. Não venha pegar mais nada que pertença a mim.*

Você me deve um ursinho

Chega o Ano-Novo. Papai volta para casa. No ano passado, eu teria esperado que ele nos levasse para casa com ele, mas este ano não ficaria surpresa se ele fosse embora sem ao menos se despedir.

Mas ele parece se importar. À noite antes de partir, ele ensina Hannah e eu a jogar pôquer, e fica acordado até a meia-noite jogando conosco por notas promissórias de mentirinha escritas em folhas de papel. Ele é melhor com os jogos do que com a conversa sobre o que é real e o que não é. No fim, ele perde tudo, nos deixando com um monte de pedaços de papel, prometendo para mim um ursinho, um junco chinês e uma espada de luz, e, para Hannah, uma mansão, uma Mercedes e um milhão de libras.

Quando vou para a cama, ele me ergue e me abraça forte.

– Tudo bem, Molly minha? – diz ele.

Eu enlaço as pernas na cintura dele e ponho a cabeça no seu ombro.

– Você me deve um ursinho – eu digo.

– Eu lhe devo muito mais que isso – diz ele, que me põe de volta no chão e desce as escadas, e eu fico matutando sobre o que ele disse. Quando acordo de manhã, ele já foi embora.

Voltamos para a escola. Terminamos o projeto dos Vikings e começamos a fazer pontes. Miss Shelley diz que não é para reclamarmos, porque não Foi Idéia Dela e, pelo menos, nos dá alguma coisa para fazer com as caixas de cereais.

Continua frio. Não o frio gostoso de neve e granizo. Um frio chato, cinza, miserável.

Não vejo mais o Rei Azevinho. Talvez porque ele não precise mais voltar, porque saiu vitorioso.

Volto ao celeiro uma vez, antes que papai vá embora. Procuro lá dentro e ao redor. Chamo por ele com todos os nomes que conheço. Rei Carvalho, Homem Verde. Não chamo muitas vezes. Pareço boba, chamando por alguém que não está ali.

Quando paro de chamar, vou até a árvore. Está morta. A madeira está pálida, descascada e arranhada. Tem um brilho molhado e está cheia de musgo apodrecido. Parece que tem uns quinhentos anos.

Olhando para ela, acho difícil lembrar que acredito em coisas vivas que podem voltar do mundo dos mortos. Quase não acredito, olhando para ela, que jamais foi viva.

E de volta ao mundo real, ninguém notou que tudo mudou. Josh e Hannah continuam sendo Josh e Hannah. Emily ainda é a Emily e papai ainda é papai. Ele continua com as visitas, nos leva para sair, embora agora pareça fazer um esforço maior.

– Olhe – ele diz –, trouxe um presente. – E me dá uma revista ou um *Kinder* ovo ou um calendário de Advento que ele comprou na liquidação.

– Obrigada – eu digo, e ele pende a cabeça para um lado.

– Então – ele diz. – Moll. Não é o fim do mundo.

Eu fico calada.

Vovô continua sendo vovô. Quando voltamos da escola, ele olha para nós de seu canto no caixa.

– Como foi a aula?

– Horrível – resmunga Hannah, e vai batendo os pés para a cozinha, para comer os biscoitos que já passaram da data de validade.

– Realmente horrível? – pergunta vovô, e eu descanso os braços no balcão e ponho a cabeça no meio.

– Não tão mal – eu digo, e ele me dá um afago no ombro.

– E que tal se você me ajudar a arrumar as prateleiras com o estoque que chegou? – ele diz – Ou passar o pano no chão – ou levar aquelas caixas para fora – ou tomar conta do caixa enquanto eu vou preparar uma xícara de chá? Eu digo que sim com a cabeça e vou fazer o que for que ele deixou para mim; contanto que eu possa ficar aqui perto dele.

Enquanto eu trabalho, dou com ele olhando para mim.

– Não tão mal mesmo? – ele vai dizer, às vezes, como se eu estivesse escondendo um segredo enorme e terrível. Eu não digo para ele que não preciso de um segredo enorme e terrível. As coisas que ele conhece já são suficientemente terríveis.

Então janeiro se transforma em fevereiro, e eu subo a ladeira da escola para casa com o vento nos cabelos, e o frio nos meus dedos, e fico

pensando se vou me sentir assim para sempre.

Candelária

Hoje, quando entramos na sala de aula, Miss Shelley está na frente do quadro com aquele jeito que, eu sei, quer dizer que hoje não vamos estudar matemática.

– Hoje – diz ela – é um dia muito especial. Alguém pode me dizer por quê?

Os meninos levantam a mão.

– É seu aniversário!

– É o aniversário da Mrs Angus!

– Vai ter festa!

– Vamos fazer uma excursão!

– Vamos todos para casa!

Eu não quero ir numa excursão e minha casa é muito longe. Espero que a gente faça alguma coisa com arte. Alguma coisa calma e relaxante, com água ou contas coloridas, ou com lápis de cera de cores pastéis.

– Não – diz Miss Shelley. – Hoje é a Candelária.

– O que é candelária, professora? – pergunta Matthew.

– Candelária, também chamado de candelária, é o dia exatamente na metade entre o solstício de inverno e o equinócio da primavera – diz Miss Shelley. Ela olha para as expressões bobas na cara de todos (mas a minha não! Eu me lembro disso!) e ri. – De uma certa maneira, é o primeiro dia da primavera. Na época romana, as pessoas costumavam fazer uma procissão pelas ruas com velas e tochas. Levavam as velas para as igrejas para serem abençoadas.

– Tochas? – perguntou Matthew, como se os romanos tivessem tochas elétricas, com baterias.

– Tochas de fogo, seu burro – diz Hannah.

Miss Shelley nos divide em grupos e fabricamos velas a manhã inteira. Geralmente somos três grupos: meninos, meninas e os pequenos. Isso

acaba com Hannah mandando em Emily e em mim. Mas hoje Miss Shelley pôs Hannah com Josh e Matthew e Emily e eu com Alexander.

É uma mudança boa não ficar no grupo com a Hannah. Ouço ela discutir com os dois por causa da tesoura.

– Mas você *nem* estava usando!

– A tesoura é *minha*!

Emily, Alexander e eu olhamos um para o outro, tímidos.

Miss Shelley entrega papelão para prepararmos os moldes e cera em pó grosso e cordões brancos e macios para o pavio.

Emily faz velas em forma de cones. Um monte de velas em forma de cones.

A vela de Alexander é como um foguete. Usando o rolo de dentro de um papel higiênico com um cone feito de papelão pregado com fita adesiva, ele faz o molde e depois fica olhando para ela por uma eternidade.

Eu ainda não tinha conversado com Alexander de verdade. Ele sempre acompanha Josh e Matthew, mas acho que é porque não tem outros meninos na escola.

Gosto do molde de foguete de Alexander. E acho que gosto de Alexander. Por isso, eu digo:

– O que foi?

Alexander coça a nuca. Depois diz:

– São as aletas. Ele precisa de aletas. Que possam ficar por dentro.

Olhamos para a vela.

– Você pode usar papelão – diz Emily, com sua voz suave.

– Precisam ser de cera – diz Alexander. – Uma vela de cera vermelha, com aletas de cera azul.

– Então faça mais formas – eu digo. Chego perto para mostrar a ele. – Com massa de modelar. Depois, quando a cera ficar firme, você tira a massa de modelar e cola as aletas à vela de foguete. Assim!

Parece que as aletas do foguete feitas de massa de modelar funcionam. Todo mundo só tem formas de papelão, a não ser a gente. Emily faz um molde de massa de modelar na forma de peixe e outro na forma de um cachorro. Eu faço moldes que devem parecer flores, só que não saem do jeito que deveriam ser. É legal. É quase como ter amigos.

– Olhem só o Alexander! – Matthew exclama, ao passar por nossa mesa.

– Fazendo florzinhas com as meninas!

Alexander enrubesce todo.

– Não estou!

E depois passa o resto da aula grudado à sua vela de foguete, só para não parecer que está conversando comigo e com a Emily.

Derretemos a cera e colocamos nos moldes. E enquanto a cera endurece, aprendemos matemática, fazemos pontes de transporte e decoramos o ciclo da água (mais uma vez). Quando está chegando a hora de ir para casa, Miss Shelley apaga as luzes e acendemos nossas velas. Velas de foguetes, velas de arco-íris e velas desenhadas com grafite. Uma mesa inteira iluminada de pontinhos de luz amarela.

Fecho os olhos. Mesmo com eles fechados, posso ainda ver as chamas difusas de cor laranja das velas. Pontinhos de luz na escuridão.

Fogueiras e magia

Quando chegamos em casa, Jack, nosso vizinho, está acendendo uma fogueira.

Fico olhando. A fumaça tem um aroma gostoso de madeira. O ar está penetrante e o céu de um azul tão claro e tão imenso e vazio que quase machuca, com apenas uns poucos fios de nuvem no horizonte.

– Gosta da fogueira? – pergunta Jack, e eu digo sim com a cabeça.

Gosto de Jack. Gosto do fogo. Gosto de ver como certas coisas se transformam quando as colocamos no fogo. Os saquinhos de batata frita queimam com uma chama grande e depois derretem para o nada. Tábuas ficam queimando por muito tempo, como se estivessem em dúvida se deveriam queimar, mas, então, quando começam, ficam queimando e queimando. Troncos fazem traques. Madeira molhada chia e solta fumaça. E as folhas da cerca viva fazem um som de *pop, pop*, bem alegre.

– Problema em dobro, é um trabalhão – diz Jack. – O fogo queima, borbulha o caldeirão. Bruxinha que você é.

– Isso mesmo – eu digo –, vou fazer um feitiço. Dobro, dobro, dobro – e dou a volta na fogueira no sentido anti-horário. É mágico.

– Não venha fazer feitiço em mim! – diz Jack.

– Estou fazendo um feitiço para o tempo! – eu digo. – Um feitiço para trazer a primavera de novo.

– Ah – diz Jack. Ele atíça o fogo com a ponta do graveto. – A primavera vem sem que ninguém faça qualquer feitiço.

– Logo?

– No tempo certo – diz Jack, e joga o graveto no fogo.

Alianças forjadas no barro

Na escola, o projeto com as velas ainda não terminou. Agora temos de fazer suportes de velas de barro. Somos o mesmo grupo de antes.

Matthew dá um gemido, profundo e dramático.

– Por que não podemos trocar de grupo, professora? Por que temos de ficar no grupo *dela*?

– Porque – responde Mrs Angus – está na hora de você aprender a tratar uma dama.

Josh e Matthew acham isso muito engraçado.

– Cuidado – Josh diz, dengoso, para Hannah. – Você não pode mexer no barro. Você é uma dama. Você pode se sujar.

– Cale a boca, bobão – diz Hannah.

Alexander, Emily e eu fazemos juntos um grande suporte de velas.

– Um *candelabro* – diz Alexander.

Ele rola a palavra na língua como se fosse algo mágico. Gosto da idéia de uma palavra ser mágica. Então começo a falar para ele as melhores palavras que conheço. Noturno. Luminescência. Malevolência. Lavadilha.

Alexander, filho de professores que adoram os fortes romanos, está mais do que apto para o desafio.

– Tristimania – diz ele.

Emily e eu olhamos para ele.

– Isso não é palavra.

– É sim! – diz Alexandre. – Quer dizer estar triste.

Nós duas ficamos em dúvida. Mas Alexander ainda não terminou.

– Oscitar – diz ele. – Quer dizer bocejar. Ou defenestrar – quer dizer, jogar alguém pela janela.

Começo a rir.

– Não tem uma palavra para se jogar alguém pela janela!

– Tem sim – diz ele. – Defenestrar. E porcino – gordo como um porco.

E...

– Você está inventando!

– Não estou – diz ele todo magoado. – Tenho um livro em casa com palavras assim.

Agora Alexander e eu olhamos para Emily. Ela abaixa a cabeça, olhando para a argila.

– Sua vez – diz Alexander.

Emily não diz nada. E vira o rosto para longe.

– Não precisa ser uma palavra longa – eu digo, para ajudá-la.

– Suã! – diz Alexander, para mostrar a ela.

– Fuã.

– Bambu.

– Cabrum.

Emily sorri, um sorriso leve, tímido, como um hamster rosa enfiando o nariz para fora de sua casinha.

– Faísca – diz ela.

– Brilho – diz Alexander.

– Milho.

– Pilho, cílio, trilho...

– Me dê!

Do outro lado da mesa, Hannah e Josh estão brigando de novo. Josh está escondendo a faca de cortar argila nas costas. Hannah dá um pulo para pegá-la e Josh tropeça para trás, rindo.

– Me dê!

– Uma dama não precisa de faca – diz Josh. – Facas são para meninos. Uma *menina* pode se cortar.

Matthew dá uma risadinha soluçante.

– Eu corto para você – diz Josh. – Mostre o que quer cortar e eu corto. Só...

No outro canto, no lado da mesa onde estão os menorzinhos, Sascha grita. Mrs Angus se vira, mas não tem tempo de impedir que Hannah pegue o candelabro de Josh, na forma de dragão (com chamas que se despregam) e o jogue nele, acertando bem no meio da cara.

Hannah está no maior apuro do mundo.

– Eu que comecei, professora – diz Josh, mas Miss Shelley não quer nem saber.

– Hannah sabia muito bem o que estava fazendo – diz ela, e faz Hannah escrever linhas, como uma aluna da era vitoriana.

Eu não devo atirar o barro.

Eu não devo atirar o barro.

Eu não devo atirar o barro.

– Desculpe – diz Josh, baixinho, enquanto esbarra nela. Ele está com barro na frente de sua blusa e pregado nos fios de cabelo e nos ouvidos, onde o sabão não alcançou. Ele parece um goblin¹⁵. Hannah não diz nada, mas abre um sorriso cheio de triunfo.

No recreio, Alexander vai brincar com Matthew e Josh, mas fica olhando para trás para mim e Emily. Josh o ignora. Está fazendo uma bola com o resto do gelo que acha na beira do parquinho. Quando Hannah sai, ele grita, “ei, mulher do barro!” E atira a bola de gelo nela.

A bola atinge o lado do casaco de Hannah. Ela fica totalmente parada, depois, sai em disparada atrás de Josh e enfia os restos do gelo dentro do seu casaco e ele grita.

– Ei, sai pra lá, sua doida!

Mas ele está rindo e Hannah, também. Fico olhando, tentando entender se eles agora são amigos ou inimigos, porém não consigo chegar a uma conclusão.

Sob o Luar

De noite eu pego minhas castanhas da janela. Elas diminuíram e ficaram enrugadas, pretas e duras. Me lembram as pedras e pedacinhos de madeira que mamãe costumava juntar e fico contente de ter trazido um pedacinho de mamãe para o meu quarto. Sento na janela com uma castanha em cada mão e tento sentir a faísca de vida que Miss Shelley disse haver. Imagino que seja como uma semente enterrada dentro das camadas da castanha. Fico espetando a castanha para apressá-la.

– *Depressa* – eu digo para elas, na minha mente. – *Acordem. Cresçam.*

Quando durmo, sonho. Sonho que tem alguém no jardim. É um menino e não tem roupa no corpo. Observo suas costas nuas iluminadas pela lua. Está ajoelhado na neve, tremendo. Tremendo não, seu corpo inteiro se sacode. Está ali, ajoelhado, inclinado com os braços protegendo o peito, tremendo e tremendo e olhando ao redor como se nunca tivesse visto a geada, ou as árvores, os jardins, a lua.

Eu me ajoelho na cama e enfio a cabeça atrás da cortina para observá-lo. A lua é enorme e brilhante. O céu está repleto de estrelas. A geada reluz nos galhos das árvores. Não tem absolutamente nada fazendo barulho, a não ser o menino, respirando e tremendo. Tudo mais está quieto.

O menino estira as mãos e olha para elas. Vira-as para cima e para baixo no luar, como se nunca tivesse visto mãos. Olha para a minha janela e eu me escondo atrás da cortina, para que ele não me veja. Estou tremendo. Sei exatamente quem ele é, do jeito que só sabemos em sonhos. É o meu homem, meu deus verde, que voltou como menino. Estou assustada, mas também animada. Ele deveria estar morto, mas não está. Ele voltou.

Abro as cortinas um pouquinho e espio. Ele se levanta e caminha pelo jardim. Parou de tremer. Tem quase a mesma altura que eu. Ele toca nos galhos das árvores e eles tremem ao toque de seus dedos. Ele se ajoelha

embaixo de uma árvore no fundo do jardim e toca na grama, aqui, ali e acolá.

O que está fazendo? Grudo o rosto no vidro para tentar ver melhor, mas está escuro, e muito longe.

Agora ele está parado embaixo de uma árvore, olhando para a grama em que tocou. Será que tem alguma coisa ali agora? Não sei com certeza. Ele se vira e olha para cima, para minha janela de novo, um menino nu, lindo, na luz do luar. E, de repente, ele desaparece.

Campânulas brancas

Na manhã seguinte, quando levo as migalhas para os passarinhos, noto as pegadas na grama congelada. Elas começam no meio do gramado e continuam na beira do canteiro. E aí param.

No gelo embaixo do carvalho, onde o menino estava agachado na noite passada, tem pequenas flores. Campânulas brancas.

– Quem diria! – exclama Jack, sorrindo para mim da janela de sua cozinha. – Foi você que fez essas florzinhas, sua bruxinha?

Eu pisco para ele. E não digo nada.

– Você nunca viu uma campânula branca? – pergunta ele.

Não respondo. Toco nas flores com muito cuidado, só para ter certeza de que são de verdade.

Felicidade

No caminho para a escola, estou cantando.

– Tem canto no deserto, tem risos no céu...

– Pare de cantar – diz Hannah.

– Não – eu canto. – Não, não. Ei... ei, Hannah? Você já teve um sonho que se tornou realidade?

– Teve *o quê*?

– Você já sonhou com alguma coisa que depois aconteceu?

– Já – disse Hannah. – Sonhei com uma irmã que não parava de cantar, assim, eu *agarrei*... – e ela pula. Normalmente eu teria gritado, mas hoje eu apenas dou risada e me solto. E começo a correr descendo a ladeira. Hannah corre atrás de mim e me agarra pelo casaco.

– Você não me pega nunca – eu canto. – Nunca, nunca.

Eu me solto de novo e desço a ladeira até chegar à escola.

Não me lembro da última vez que ri tanto com a Hannah.

Durante o dia inteiro na escola, fico procurando vestígios de sua aparição. Novas flores, crescendo onde não havia nenhuma antes, novos brotinhos de grama, folhas novas nas árvores. Nada.

Logo que chego em casa, vou direto ao jardim. Procuro por ele em lugares escondidos, até mesmo nos lugares bobos onde ele jamais poderia se esconder. Não o acho em lugar nenhum.

Do outro lado do jardim, Jack enfia a cabeça pela janela de sua casa.

– Perdeu alguma coisa? – pergunta.

– Você viu um menino? – eu grito. – Do meu tamanho, sem roupas.

Jack ri.

– Ó, ó – diz ele. – Quem é – Alexander ou um dos irmãos Haltwhistle?

– Nenhum deles – eu digo. – Um menino especial. Ele é mágico, eu acho.

– Entendo – diz Jack. – Bom, se eu encontrar qualquer menino mágico, sem roupas, eu aviso você.

Volto ao celeiro, mas o celeiro está do mesmo jeito que estava durante todo o inverno. Vazio.

– Olá! – eu chamo. – Menino? Sou eu – Molly.

Não faço idéia se ele se lembra de mim. Afinal de contas, agora ele é uma pessoa completamente diferente. Não que faça muita diferença. Ele não está lá mesmo.

Sento em um saco de cimento e fico pensando onde posso procurar mais. Ele pode estar em qualquer lugar. Isso se realmente existir. Talvez *fosse* mesmo um sonho.

Mas então olho para cima e vejo. Seu carvalho.

Sinto a felicidade tomando conta de mim. Vou até a árvore e toco no tronco; a árvore que eu pensei estar morta. Toco nas partes verdes do tronco, em que a madeira nova está começando a aparecer entre a casca velha.

O incrível menino de ponta-cabeça

Estou tão alegre e empolgada que não dá para ir para casa.

Vou para o bosque atrás das casas, onde fica o albergue da juventude. Não é uma floresta de verdade, como a Floresta Proibida ou o bosque com o poste de luz dos Contos de Nárnia. Não é o tipo de bosque em que um deus pode se esconder. Está cheio de troncos mortos e de hera, de poças de lama, de urtigas, e só leva dez minutos para atravessá-lo de um canto a outro.

Mas não consigo pensar em outro lugar onde ele possa estar.

– Menino? (bem baixinho) Menino?

E lá está ele.

Está pendurado de cabeça para baixo em uma árvore. Está com calças que achou em algum lugar – marrom, de folhas, do tipo que usa o Peter Pan. Talvez as tenha feito usando magia. Está usando uma coroa de hera, mas não parece uma menina. A coroa está toda grudada no seu cabelo, que é mais selvagem do que eu me lembro; longos cachos desalinhados, que se espalham em todas as direções.

– Este lugar é muito legal! – ele diz.

Ele é exatamente da mesma altura que eu. Acho que os olhos são da mesma cor de antes, mas são diferentes. Os olhos do meu homem eram carinhosos – os deste menino são mais como os de Josh, quando ele está empolgado com alguma coisa.

– Você se lembra de mim? – pergunto.

O menino aperta os olhos.

– Claro que me lembro – diz ele. – Você estava no jardim ontem à noite, não estava? Estava escondida, mas eu vi – é por isso que sei quem você é.

Mordo o lábio. Não sei bem se isso conta como alguém se lembrar de mim.

– De onde você veio?

– De algum lugar – diz ele. – De um lugar onde você *nunca* esteve.

– Você era... – hesito, não sei como dizer isso educadamente. – Você se lembra do que aconteceu? No Natal?

– Claro – diz ele. Mas não parece ter certeza. – Por que está me fazendo tanta pergunta? Quem é você?

– Sou Molly. Molly Brooke.

Ele continua olhando com dúvida.

– Você parece uma dessas pessoas-de-casa, mas você não é uma pessoa-de-casa, é?

– Sou – eu digo –, mas sou sua amiga também.

– Todo mundo é meu amigo – ele ri para mim, de ponta-cabeça. – Olhe – ele estira a mão e um raminho verde começa a se desenrolar de seus dedos, entrelaçando-se na sua mão e sobe pelo braço. – Você sabe fazer isso, pessoa Molly Brooke?

– Não. Não, não sei. – mordo o lábio. – Você sabe que nem todo mundo é seu amigo, não sabe? Você se lembra do Rei Azevinho?

– Claro – diz ele, distraído. Ele se balança no galho e se solta e toca no chão com as mãos. – Olhe! – diz ele, ainda de cabeça para baixo, se equilibrando nas mãos. – Você pode fazer isso?

– Posso. Na verdade, posso. Você precisa se lembrar do Rei Azevinho. Ele tentou matar você! E ainda está atrás de você! Tem de ter cuidado...

– Cuidado, cuidado – diz o menino. – Quem tem medo do Rei Azevinho? Eu tenho trabalho para fazer.

Ele caminha até mim com as mãos, depois desce os pés para o chão. Agacha-se na grama, tocando-a com a ponta dos dedos. Pequenos brotos verdes começam a sair da terra. As flores aparecem, campânulas, frágeis, brancas.

– Você *pode* fazer isso? – ele pergunta.

Não respondo. Estou olhando para suas calças. São feitas de raízes de planta marrons entrançadas. Dá para ver suas pernas através delas. São pernas lisas, morenas e fortes, porém marcadas com cicatrizes antigas, profundas e brancas. Cicatrizes daquelas que ficam depois de uma mordida de cachorro. Ou de um lobo.

Corro no último pedaço de rua antes da minha casa. Aos meus pés vejo brotos na beirada das cercas vivas; são narcisos que logo vão se abrir. Acima de mim, um céu azul e frio. Quando entro na cozinha, meu pai está

lá. Ele começou a aparecer sem avisar desde o Natal. Está tomando chá e jogando guerra de dedos com a Hannah.

– Um, dois, três, quatro. Eu declaro uma guerra de polegar. Guerra de Polegar!

Guerra de Polegar é coisa de papai – eu e mamãe somos muito ruins no jogo. A Hannah joga muito bem. Ela se ajoelha na cadeira, torcendo até não poder mais o braço de papai. Não sei se ela é assim tão forte ou se papai está deixando ela ganhar.

– Ei, ei, cuidado, meu bem – ele diz. Levanta os olhos e me vê. – Oi, Molly! Onde estava?

– No bosque – eu digo. – Eu vi...– começo e paro

– Viu quem? – quer saber Hannah. Seu rosto está vermelho, com fios de cabelos grudados na testa. – Josh?

– Ninguém – eu digo. Sento do outro lado do papai. – Só árvores e coisas assim. Posso jogar?

– Vamos escolher alguma coisa que todo mundo possa jogar juntos. Que tal baralho?

Emily na pista de gelo

O aniversário de Emily é em fevereiro. Ela não convida todo mundo para sua festa, como Matthew fez. Ela só convida a mim e Alexander.

– E a gente? – pergunta Matthew.

Emily sacode a cabeça. Seus olhos ficam grandes e redondos.

– Não seja mal educado – diz Mrs Angus. – Emily pode convidar quem quiser. Não me surpreende que ela não queira vocês lá, depois do que vocês fizeram com ela.

Matthew e Josh estavam mostrando *Kung fu* para Hannah ontem. Só que para Josh não bastava a coisa de conflito sem armas. Ele pegou a cadeira de Emily e bateu na cabeça de Matthew. Na hora em que Emily ia sentar-se nela.

Eu não digo nada para Emily quando recebo o convite, mas não consigo parar de sorrir, durante toda a aula de soletração e tabelas.

A festa é de patinação no gelo.

– Vocês já patinaram alguma vez? – pergunta a mãe de Emily para nós no carro.

– Uma vez – eu digo.

Emily já sabe patinar. Ela desliza direto para a pista e começar a girar. Parece uma bailarina.

– Venham, vocês dois! – diz a mãe de Emily para mim e Alexander.

Alexander parece muito nervoso. Segura-se nas beiradas e desliza aos poucos. Até eu posso fazer melhor que isso. Eu deslizo para a frente, aos poucos, com os braços abertos. Emily patina ao meu redor.

– Empurre dos lados com seus pés – ela diz. – Assim, olhe.

Eu tento e vou para a frente. Emily segura minha mão.

– Vamos mais rápido – diz ela. Sei que vou cair. Sei. Mesmo assim, empurro os pés e parece que tudo dá certo.

Emily na pista de gelo é completamente diferente da Emily de todo dia. Ela fala, como uma pessoa normal. Nós damos uma volta inteira na pista e

voltamos para pegar Alexander, que ainda se agarra às beiradas. Seguramos uma mão dele cada uma e o levamos.

– Ó – diz ele. – Não estou gostando. Não estou gostando.

– Nem mesmo rápido?

– Rápido *de jeito nenhum!* – diz ele, e cai.

Ele sai com o irmão mais novo de Emily para comprar batatinhas fritas. Emily e eu damos mais uma volta. Emily me mostra como patinar para trás e eu *quase* consigo. E só caio duas vezes durante todo o tempo.

– A sua saia de patinar é linda, Molly – diz a mãe de Emily. Ela também sabe patinar. Minha saia é a vermelha que Mamãe fez para mim. – Combina muito bem com seus cachos escuros.

– Detesto meus cabelos – eu digo. – Eu queria ter cabelos loiros.

– Eu queria ter cabelos cacheados – diz Emily.

Mais tarde, vamos comer batata frita na lanchonete e eu ensino a Emily o jogo de espião que mamãe jogava comigo, em que a gente tem de adivinhar quem, ao redor, é o espião disfarçado. A velhinha curvada e cheia de rugas com batom rosa definitivamente é – senão como uma pessoa tão pequena e enrugada ia querer patinar no gelo?

– A não ser que ela seja uma extraterrestre – diz Emily, e nós duas caímos na risada.

– Emily, se comporte – diz a mãe de Emily, mas ela sorri para mim e Alexander. – Que bom que a Emily conheceu vocês dois. Ela teve dificuldade no início da escola.

– A escola é horrível – diz Alexander. Olho para ele, surpresa. Achei que ele gostava da escola. Achei que todo mundo, a não ser eu (e talvez Hannah) gostasse. E na verdade, tem um monte de coisas de que gosto na escola.

Miss Shelley, as aulas de Arte e Natureza, jogar jogos juntos e brincar com Emily e Alexander e...

– ...se ela quiser?

A mãe de Emily olha para mim.

– O quê? – pergunto.

– Eu disse que você parece ter gostado de patinar – diz ela.

– Gostei sim.

– Pois é, a Emily vem aqui toda quarta-feira. É meio chato para ela sozinha. Seria muito legal se você pudesse vir, isso se sua avó não se importar.

Emily se endireita na cadeira.

– Sim! – exclama ela. – Venha, venha, venha!

– E você também, é claro, Alexander – diz a mãe de Emily, mas Alexander faz cara de assustado.

– Você quer? – pergunta Emily. – Você vem, não vem?

Fico calada. Estou pensando – sobre ter amigos. Sobre aprender a girar e patinar bem rápido. Se eu puder ser uma patinadora de gelo quando crescer, então não me importarei de não ter cabelos loiros. Ou talvez se eu fosse uma artista, ou tomasse conta de uma lojinha como a Vó, ou escrevesse livros, livros sobre toda a magia do mundo, fico imaginando, e sinto as minhas bochechas esticarem, formando um sorriso tão grande que meu rosto inteiro sorri.

– Sim, gostaria muito – eu digo.

Uma flor para março

Vejo coelhinhos no jardim do Vô. Vejo-os em meio à luz de fim de tarde, quando vou guardar a bicicleta na casinha. Olhos vivos, orelhas longas e um rabinho branco. E estão atrás do canteiro de legumes do Jack.

Março chegou. Chuva e grama molhada no começo, algumas poucas folhas nos carvalhos. Um dia depois da festa de Emily, encontro os primeiros narcisos embaixo da árvore no jardim. Narcisos-Emily.

Papai traz três açafrões roxos em um vaso.

– Um para você. Um para Hannah e um para sua avó, por tomar conta de vocês.

– E o Vô? – pergunta Hannah. – O Vô é quem faz tudo.

Talvez tenha sido o meu menino do bosque quem fez estes açafrões. Será que ele é o deus das lojas de jardinagem também? E se não é, quem é, então? Será que ele é quem faz todas as flores do mundo? Ou será que existem deuses do verão diferentes na Austrália, na África, nas Américas? Quanto espaço ele cobre – a Grã-Bretanha toda ou só o condado de Northumberland?

Vejo mais que coelhinhos no jardim. Tem algo alto que se move entre as sombras das árvores.

É ele. Está alto – quase tão alto como o meu primo Tom, que joga futebol no seu colégio. Seu rosto está diferente também, mais maduro e alongado. Tem músculos e braços morenos fortes. Mas os olhos ainda são os mesmos.

– Molly – diz ele. – É Molly, não é?

Ele beija a mão e me sopra um beijo. Sinto o beijo tocar minha face e alguma coisa cai na minha gola. É uma flor. Uma florzinha vermelha.

– Obrigada – eu digo.

Ele tem uma coisa pendurada no ombro – uma cometa, talvez, um arco, ou um coldre com flechas, não consigo ver direito. Será que foi ele que fez? O ar está parado, sem vento nenhum, mas as árvores se movem ao redor dele e os coelhos levantam as cabecinhas e espiam.

– O Rei Azevinho – eu digo –, ele ainda está aqui. – Eu tenho certeza de que está – sei que ele não se foi. Às vezes, quando estou na rua, vejo as árvores sacudirem ao vento, e sei que não sou eu ou meu homem verde que as move. Sua presença está no ar como uma pergunta esperando resposta.

– Deixe ele para lá – diz o menino, que agora é quase um homem. Ele acena para mim e logo some, me deixando com a florzinha vermelha, e eu me pergunto se ele realmente estava ali.

Vovó

Agora toda quarta-feira, Emily e eu vamos patinar no rink. Temos aula com um monte de outras crianças – a maioria meninas. Nós conversamos com outras meninas, mas nós duas somos Melhores Amigas, eu e ela.

Emily quer ser fazendeira, como seu pai. Ou uma atriz, ou dançarina, ou, talvez, uma patinadora de gelo, mas ela não consegue se decidir.

– Podemos comprar um rink de patinação! – diz Emily. – Podemos vender botas de patinar e comida da minha fazenda e jornais de seu pai.

– Podemos escrever nosso próprio jornal!

– Podemos escrever uma peça e eu poderia fazer um dos papéis – diz Emily.

Eu ainda não tinha encontrado ninguém que gostasse tanto de histórias e de imaginar coisas como eu, a não ser minha mãe, mas mãe é mãe, e não conta. Temos tantas coisas para falar que ainda estamos conversando quando chegamos em casa. A mãe da Emily conversa com a Vó e então combinamos tudo.

– Não teria importância se a nossa loja nunca vendesse nada – diz Emily –, porque teríamos a fazenda e numa fazenda ninguém nunca morre de fome.

Depois que Emily vai embora, Vovó vem para a cozinha e fica parada na porta com sua caneca de café.

– Vocês vão ter tempo suficiente para tudo isso? – pergunta ela, referindo-se aos nossos planos.

– Claro – eu digo.

Vovó dá um estalo de língua.

– Não é que vamos fazer tudo este ano – explico. – Talvez uma parte. Mas, por exemplo, leva muito tempo para alguém se tornar uma patinadora com categoria para disputar uma olimpíada.

– Hummm. – Vovó me olha com um jeito estranho. – Quanto tempo já faz que vocês duas estão aqui? Quatro meses?

Eu conto.

– Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março. Sete meses!

– Sete – vovó diz, surpresa. – O que os pais de vocês estão pensando, me diga?

Respondo, me sentindo humilhada:

– Como eu vou saber?

– Humm – diz vovó. – Eu acho que está na hora de eu ter uma conversa com seu pai novamente. Isso já foi longe demais.

Todos os músculos do meu pescoço enrijecem. Agora que já me acostumei a ficar aqui, será que ela vai nos mandar embora de novo? Será que *ninguém*, nos quer por perto?

– O que quer dizer? – pergunto. E quando ela não responde. – Vovó? O que você vai fazer?

– Eu? – diz vovó. – Eu vou para Londres.

E ela termina de tomar seu café de um gole só.

Kew Gardens

É tarde. Hannah e eu estamos sentadas na escada esperando papai chegar.

– Você acha que a Vó não nos quer mais aqui? – pergunto.

Hannah está desenhando um coração partido no joelho de seu jeans.

– O Vô ainda quer – diz ela, meio que para me dar conforto.

Barulho de carro na rua. Alguém bate na porta. Pulamos e vamos abrir. É papai.

– Aconteceu alguma coisa? – diz ele. – Está tudo bem com vocês?

– Vovó vai para Londres! – eu digo.

Papai pega minhas mãos, mas não tem oportunidade de dizer nada, porque a porta da Vó abre e a Vó aparece empurrando uma mala. Vovô vem atrás, vestido no seu casaco e boné, carregando uma mala verde e grande.

– Mamãe! – diz papai.

Vovó abre um sorriso.

– Toby! – diz ela. – Finalmente! Estava pensando que você não iria aparecer nunca.

Papai solta minhas mãos.

– Mamãe, o que está se passando?

– Vamos para Londres – diz vovó. – Já era tempo de a gente tirar umas férias.

Papai parece confuso.

– Mas... – ele começa. – Vocês poderiam ter perguntado...

– Poderíamos – diz vovó. – E estamos. Voltamos quinta-feira.

Ela começa a descer a escada – bamp – bamp – bamp – bamp, como o Christopher Robin puxando a mala atrás dela.

Papai fica parado sem reação, só olhando.

– Mas... – diz ele, e eu quero rir do seu jeito todo confuso. – Vocês estão levando as meninas?

Vovó para.

– Realmente, Toby, cadê o bom senso que lhe ensinei? É claro que não vamos levar as meninas. Arthur vai me levar para ver o Museu de Vitória e Albert... em Knightsbridge... e talvez Kew Gardens. Há anos não visito o Kew Gardens.

– Mas... – diz papai.

– Você não precisa abrir a lojinha – diz vovó –, mas se decidir fechá-la, então, por favor, deixe um aviso na vitrine dizendo que vamos voltar sexta-feira. E as meninas precisam estar na escola às nove. Amanhã elas têm educação física, mas tenho certeza de que elas podem muito bem lhe informar sobre os detalhes. Venham, minhas gatinhas. Quero um abraço de despedida.

Ela abraça Hannah e depois me abraça.

– Divirta-se – ela cochicha e me solta antes que eu possa pedir para ela ficar.

Quando o Vô me abraça, eu me agarro a ele.

– Vocês vão voltar, não vão?

O Vô me aperta.

– Claro que vamos – ele cochicha. – Sua Vó quer apenas que seu pai passe mais tempo com vocês. Só isso.

Fico abraçada a ele, porque me lembro do que aconteceu da última vez.

– Vocês voltam na quinta-feira?

– Quinta – diz vovô –, prometo.

*

Dentro de casa, eu tenho certeza de que vai ser como naquele fim de semana horrível em Newcastle, só que desta vez o Vô não vai estar perto para nos salvar. Papai não sabe o que fazer. Ele fica parado no corredor, seu rosto esquisito e feio todo torcido, completamente impotente.

– Vocês duas sabem o que deu neles? – pergunta ele, por fim.

– Quem se importa? – diz Hannah. – Você quer uma xícara de chá?

Ela faz o chá em um bule, do jeito que Vovô faz. Eu me sento bem pertinho do papai. Fico pensando: se eu o amar com toda a minha força, será que poderia convencê-lo a ficar?

– Você vai ficar aqui?

– Vou ter de ficar, não é? – diz ele. – Sorte que eu tenho tantas férias acumuladas.

Ele me afaga os cabelos. Depois olha ao redor, provavelmente satisfeito de estar em uma cozinha limpa.

– O chá está ótimo, Hannah.

A volta

No outro dia de manhã, papai nos acorda. Ele está usando uma camisa xadrez do Vô e o avental da loja da Vó.

– Acorda, acorda, acorda – diz ele, batendo com a colher numa panela.

Esfrego os olhos.

– Mas são sete e meia – resmunga Hannah do outro quarto. – Não temos que acordar ainda.

– Não têm? – diz ele, surpreso. Em casa, nós tínhamos de acordar a tempo de ir de carro para a escola. Aqui, é só subir a rua.

Ele preparou a mesa para o café. Comprou mais um presente para mim: *Coco Pops* da lojinha. Quando eu morava com mamãe e papai, eu só gostava de *Coco Pops*, mas agora eu gosto de *Frosties*¹⁶ e *Weetabix*¹⁷ e ovos, quando o Vô faz.

– Molly não gosta mais desse aí – diz Hannah. – E eu também não como mais cereal. Como torradas, como a Vó.

Papai não lava os pratos, como o Vô. Ele deixa tudo na pia, junto com as xícaras da noite passada. É óbvio que ele não se importa mais em manter as coisas limpas e arrumadas, como eu lembro que ele fazia. E às dez para as nove, quando Hannah diz “Você tem de mandar a gente ir para a escola,” ele olha no relógio e diz: “Então podem ir”, sem perguntar se pegamos nossos livros e estojos ou o modelo da ponte de transporte de Middlesbrough em papel-machê.

No jardim da frente, paramos e nos olhamos.

– Papai voltou! – eu digo.

– Mas não para sempre – diz Hannah. – Mas também não tem nenhuma Vó fedorenta para ficar mandando na gente! – e ela desce correndo a ladeira, com a mochila sacudindo nas costas.

Quando voltamos para casa, ele está na lojinha, vendendo selos para o pai de Alexander.

– Boa tarde! – diz ele. – Quer um ovo? – e joga um ovo de chocolate Cadbury's para cada uma de nós.

– Você está alegre – diz Hannah. E ele está. Ele faz pão caseiro do mesmo jeito que fazia antes, que também acaba não subindo no forno da Vó, mas tem o mesmo sabor peguento que sempre tinha em casa.

Quando chega quinta-feira, já estamos acostumadas a tê-lo só para nós. É um choque pensar que ele logo vai voltar para casa.

Depois das aulas, antes do Vô e da Vó chegarem, eu ajudo papai na loja. Arrumo as novas latas e outras coisas nas prateleiras. Passo o pano no chão. Vendo picolé de frutas para Sascha e para sua irmãzinha.

– Se eu fosse a sua Vó – diz papai —, eu lhe daria um trabalho.

Ele parece tão feliz que eu arrisco perguntar de novo:

– Você não quer ficar aqui?

Papai me abraça.

– Queria muito ficar, mas não posso tomar o lugar de sua avó na loja. Eu tenho meu próprio trabalho. Você sabe disso.

Encosto a cabeça na barriga dele.

– Então a gente não pode ficar com você.

– Não.

– E agora somos a responsabilidade da Vó.

– Bem – ele me abraça mais forte. – Talvez um pouquinho minha, também.

Olho para cima.

– Se você tivesse outro trabalho, então poderia nos levar de volta?

Ele não responde por um longo tempo.

– Você quer voltar?

Eu digo que sim com a cabeça.

– Eu... – ele para, mas logo continua. – Eu posso não acertar as coisas, às vezes.

– Eu também não acerto sempre as coisas – digo. – Eu erro o tempo todo, mas você não se importa, não é?

– Oh, Moll – diz papai –, nunca. Nunca. Nunca.

– Então.

Papai fica em silêncio.

– Tem um trabalho que vai aparecer – diz ele. – De Assistente de Editor. Trabalhando para alguém que eu conheço da Universidade. Fica do outro

lado da cidade, mas as horas são melhores. E vocês podem se virar sozinhas por algumas horas depois da escola, não podem?

– Sim! – eu digo. – Aceite!

– É apenas um talvez – diz papai. – Pode ser que eu não consiga. Você entende, não é, Moll? Não é nada definitivo.

– Você vai conseguir – eu digo. – Você vai, não vai?

– Não sei – diz papai, e me aperta com força, tanto que sinto minhas costelas esmagando meus órgãos.

– Não conte para ninguém – diz ele –, mas acho que sim.

O caçador da meia noite

Então papai está resolvido. Agora só mais um para resolver. Se a Vó pode dar um jeito em papai, será que eu não posso dar um jeito no Rei Azevinho?

Na noite em que papai vai embora, não consigo dormir. Fico acordada ouvindo o Vô e a Vó andando no andar de baixo. Ouço também as pessoas rindo no rádio e o Vô cantando enquanto lava as canecas de chá e a Vó fazendo a contabilidade e perguntando ao Vô: “Você sabe por que todo mundo, de repente, resolveu comprar cotonete?”

Se eu enfiar a cabeça entre as cortinas, posso ver um crepúsculo de profundo azul, com uma única estrela pendurada no céu, acima dos morros. Abraço Humphrey e descanso o queixo na cabeça dele. Está um silêncio perfeito. Está perfeitamente quieto. Ninguém lá fora. Até que o vejo.

Está parado nas sombras, olhando para a loja. É ele. O deus de chifres, o Rei Azevinho. Fico sem fôlego ao vê-lo assim tão perto.

Tem o mesmo corpo troncudo, o rosto forte, achatado como o de um animal. Mas parece mais velho, mais escuro. E está parado, sem o cavalo que tinha antes. Parece menos homem e mais animal. Curvado e agachado contra a parede.

Não sei por que ele está aqui, mas não me preocupo agora, porque agora o meu homem está aqui, ele vem da direção do vilarejo em um cavalo cinza. Quando o Rei Azevinho o vê, ele se vira e corre, cabisbaixo, o corpo rente ao chão, iluminado intermitentemente pelas luzes dos postes.

Meu homem para o cavalo e olha em direção à casa. Eu enfio a cabeça para fora da janela.

– Ele foi por ali!

Meu homem sacode a cabeça. Está mais velho. Agora é um homem de verdade.

– Venha! – ele diz. – Venha e participe da caça!

Hesito, apenas por um momento. Saio da janela e começo a procurar meus sapatos embaixo da cama.

Não tenho tempo de me vestir. Pego o casaco do cabide e visto por cima do pijama. Sinto uma agitação no peito, onde fica o coração, abro a porta do quintal e saio. Sempre quis fazer isso, sair sozinha no meio da noite. Nunca entendi como o pessoal do *Famous Five* se atrevia a sair. Mas esta noite não tenho medo. Esta noite tem um homem sobre um cavalo alto. Esta noite, a lua está redonda e prateada. Esta noite, o ar está cortante, frio, o céu de um azul profundo, com aquela única estrela a brilhar sobre os morros e estou saindo sem ninguém saber e dá vontade de cantar.

Ele me espera perto do muro. Ele não usa sela ou arreio – parece alguém que acabou de roubar um cavalo de um campo. Talvez tenha roubado. Está usando o que acho que seja uma capa, mas quando me aproximo vejo que é uma pele de veado. Uma pele de veado de verdade, com as quatro patas penduradas, mas sem cabeça. Está amarrada no seu pescoço pelas patas dianteiras e o resto cobre suas costas. Tem um odor pungente, assustador e excitante, tudo ao mesmo tempo.

– Venha – diz ele, e estira a mão.

Eu só estive em cima de um cavalo uma vez antes e nem era um cavalo mesmo, era um pônei. Porém, não sinto medo. Subo no muro e meu homem se inclina e me ergue, me segurando por baixo dos braços. Tem um momento em que estou lutando para subir e ele tentando me levantar, agarro a crina do cavalo e logo fica tudo bem, e aqui estou eu, em cima do cavalo, na frente dele.

Olho para ele, olho para a casa e dou risada.

– Olhe – diz ele, e me mostra uma coisa. É uma corneta – daquelas que você sopra e parecem chifre de animal. A parte mais estreita, na ponta, parece ser feita de ouro, mas a parte longa e curvada vem de um animal. Não sei que tipo de animal.

– Posso? – pergunto, e ele diz que sim com a cabeça.

Ponho os lábios ao redor da cometa e sopro, mas só sai um barulho cortado. Meu homem ri. Ele pega a corneta e a segura com um braço negro e sopra.

Um som maravilhoso sai da cometa – Turaaaaaaá! Turaaaaaaá! Turaaaaaaá! – é uma chamada para caça e um aviso sobre o desafio, tudo ao mesmo tempo. O cavalo se espevitava nas patas dianteiras e os braços do meu

homem me seguram firmes pela cintura, e ele sopra na cometa de novo – Turaaaaaaá! Turaaaaá! – e seguimos.

Descendo a ladeira, as patas do cavalo vão cascalhando na estrada, com o vento nos meus cabelos e o braço de meu homem ao redor do meu peito, e meus dedos agarrados à crina do cavalo. Agora estamos indo mais rápido que as fadas, mais rápido que as bruxas, mais rápido que uma montanha russa e tobogã, mais rápido que patinar no gelo ou andar de bicicleta; muito mais rápido que o pônei gordinho de Chloe. Pulamos uma cerca viva e meu homem sopra a cometa – Turaaaaaaá! Turaaaaá!

Percebo, então, que não estamos sozinhos – um monte de sombras pulam a cerca viva, coisas vivas, baixas, ferozes, quentes – cães com pernas negras e dentes brancos. Outros caçadores também. Estão ao nosso redor e atrás, caçadores selvagens, e eu olho para trás para o meu homem e vejo uma sombra de chifres crescendo de sua cabeça. De repente, sinto medo. Já estive aqui antes. Lembro disso, da noite, da caça selvagem e do homem caçado, só que, desta vez, meu homem não é a caça, ele é o caçador.

Os caçadores zarpam à frente dentro da noite. Os cães uivam. Meu homem atíça o cavalo para a frente. Pulando as cercas vivas, galhos e folhas me arranham as pernas e rasgam minha roupa.

– Pare! – eu grito – pare! –, mas ele apenas ri. Está diferente novamente; mais selvagem, mais perigoso. Agarro com todas as forças na crina do cavalo e aperto as pernas ao redor da sua barriga. O Rei Carvalho ainda me segura, mas está rindo agora e atíçando os cães. Se eu cair, vou ser esmagada pelas patas do cavalo e – me dou conta com um medo súbito – ele não voltará para me ajudar. Ou nem mesmo perceberá que não estou mais com ele.

Quero que ele pare. Quero dizer para ele que mudei de idéia, que é para ele parar de perseguir o Rei Azevinho. Estou assustada. Tudo está misturado na minha cabeça – quem é bom, quem é mau, quem está certo, quem está errado. Não há mais nada a fazer, além de me segurar na crina do cavalo e esperar pelo fim, qualquer que seja ele.

Continuamos cavalgando pelos campos, através da noite. Acima de nós, as estrelas rodopiam no céu. Embaixo, o mundo gira. O inverno acabou. É o equinócio da primavera e esta noite um novo reinado se inicia.

Os cães uivam. Já encontraram sua presa. Um homem, correndo. Eles descem a ladeira como a água escura de uma enxurrada, em tremenda

velocidade, e o cercam. Ele põe uma mão sobre o rosto, mas cai, acuado pelos cães, e vejo que seus chifres sumiram, é apenas um homem; então, grito, grito, e o meu homem fez seu cavalo estancar e está observando, apenas observando, sem fazer nada...

e aí...

e aí tudo acaba.

O mundo fica quieto. A caça terminou. Não tem mais ninguém ao redor, a não ser nós – eu e o Rei Carvalho com chifres no nosso cavalo, e o Rei Azevinho prostrado na grama, uma mão ainda cobrindo a cabeça. Está sangrando, mas vivo. Olha para nós. Não fala.

Estou chorando, as lágrimas escorrendo pelas faces. Estou chorando porque pensei que o Rei Carvalho era bom e o Rei Azevinho era mau, mas não é tão simples assim. Porque se queremos o verão, o inverno tem de morrer, e se queremos o inverno, então é o verão que deve morrer. Perséfone¹⁸ precisa voltar para o mundo abaixo da terra verde, porque o mundo precisa continuar girando, porque o Rei Azevinho e o Rei Carvalho precisam lutar e um deve derrotar o outro.

Meu homem – e agora ele é o caçador de chifres, o líder da caça selvagem –, meu homem senta ereto em seu cavalo alto. Não diz nada para o Rei Azevinho e não diz nada para mim. Olha para baixo, para seu oponente prostrado na grama. Puxa a crina e faz o cavalo se virar. Galopa para o vilarejo, me levando de volta para casa.

Conversando com Miss Shelley

Na escola, estou cansada. Miss Shelley está falando sobre pontes suspensas, mas suas palavras flutuam acima de minha cabeça como água e não consigo captá-las. A ponte que ela desenhou no quadro está presa ao chão, então como pode ser suspensa?

Pisco os olhos quando Alexander tenta me fazer assinar um abaixo-assinado para que ponham batatas fritas de volta no lanche da escola.

– Para vocês não tem problema – diz ele –, vocês comem batata frita em casa. Meus pais nunca me dão sequer uma batatinha frita! E não é que batata frita não tenha vitamina. São batatas, não são? Batatas são praticamente nosso prato nacional. Eu estou sendo proibido de uma experiência cultural valiosa!

– Temos um prato nacional? – pergunto, e Alexander sacode a cabeça e vai procurar Emily.

Quando o sinal toca para o recreio, Miss Shelley me chama.

– Está tudo bem, Molly? – ela pergunta.

Acho muito estranho que, depois de tudo o que aconteceu este ano – mamãe morrendo, papai nos abandonando, meu homem morrendo e voltando a viver – ela escolher exatamente hoje para perguntar se está tudo bem comigo.

– Sim... – eu digo, e depois de uma pausa: – Miss Shelley, você se lembra da caça selvagem?

– Lembro.

– É uma coisa boa? Ou ruim?

Miss Shelley esconde um fio de cabelo atrás da orelha. E olha para mim atentamente.

– Sabe, Molly – diz ela –, nunca fui capaz de decidir de uma maneira ou de outra.

– As lendas não dizem?

– Ah, as lendas – diz ela. – Eu não confio nas lendas. Elas nunca chegam a um acordo. De um dia para o outro mudam – ela afaga a nuca

com a mão. – O equinócio de primavera foi ontem à noite.

– Foi?

– Foi – ela olha para mim e, de repente, começa a rir. – Não faça essa cara de preocupada, Molly! Eles não voltarão até o dia de Beltane, que é o início do verão pastoral. E eles não machucaram você, ou machucaram?

– Eles... você quer dizer que eles *existem*?

– Prefiro não opinar – diz Miss Shelley, com seriedade. – Todas as questões que não dizem respeito à divisão, à multiplicação ou à construção artificial de estruturas de ligação de um ponto a outro devem ser direcionadas pelo questionador às formas pagas ou religiosas de própria escolha.

O sol acentua as sardas em seu nariz e, por um instante, ela se parece tanto com mamãe que me dá um aperto no coração.

– Por outro lado – ela continua —, você pode ir dar uma olhada na sujeira que os cavalos deixaram na estrada. A escolha é sua.

Uma brincadeira que parei de brincar

E agora o verão chegou. Céu azul – às vezes –, sandálias e vestido xadrez de uniforme de escola, o sol quente a ponto de podermos deixar nosso casaco em casa. Margaridas se espalham na grama, os dentes-de-leão se esticam das rachaduras do asfalto e a margarida e a dedaleira crescem nas beiradas da estrada.

Papai obtém o emprego em Newcastle. Vamos voltar a morar com ele assim que ele conseguir vender nossa casa, provavelmente no fim do semestre da escola, é o que Vovô nos conta. Papai faz uma oferta para uma casa pequena e diferente, numa fileira de casas do outro lado da cidade, uma casa com um jardim longo, cheio de dentes-de-leão e um grande plátano com um balanço de pneu. Tem uma escola para mim no fim da rua e uma escola secundária difícil, com um time de hóquei e um clube de jovens, e aulas de guitarra para Hannah.

– Estava na hora! – diz a Vó, mas o Vô se faz de ocupado, preparando o jantar, e não diz nada.

– Vocês não vão sentir saudade da gente? – pergunta Hannah, e a Vó dá um estalo com a língua.

– Assim já é querer demais, não? – diz Vovó. Mas depois de ver a cara que Hannah faz, ela diz: – Talvez um pouquinho. Ficamos acostumados a ter vocês aqui bagunçando a casa.

– Vocês têm de vir passar as férias de meio do ano aqui – diz Vovô, e Hannah diz que sim.

Na escola, podemos ir brincar de novo no campinho e fazemos uma briga de brincadeira com a grama cortada. Os mais novos fazem um ninho com a grama para a Barbie, para os bonequinhos da Família *Sylvanian* e para os *Action Men*. Às vezes, eu e Emily os ajudamos, embora não tenhamos mais idade para esses jogos infantis.

Quando não estamos brincando com os menorzinhos, ficamos juntos nós três: eu, Emily e Alexander. Subimos nas árvores à beira do campinho e compartilhamos segredos. Emily conta que seu pai vai ensiná-la a dirigir

o trator, porque você não precisa de uma carteira de motorista se você dirige na sua própria fazenda, e ele vai ensinar a nós dois, também, quando formos visitá-la. Alexander nos conta como ele odeia jogar futebol, porque os outros meninos sempre o deixam de goleiro e ele sempre deixa as bolas entrarem no gol.

– Como é viver com seus avós? – ele pergunta para mim, e eu torço o nariz.

– É bom morar no campo – eu digo. – Mas sinto saudade de papai.

– Como é viver sem mãe? – pergunta Emily, com sua voz suave. Eu penso um pouco.

– Solitário – eu digo –, mas agora vai ser melhor, porque papai vai voltar. Porém, ainda é solitário.

– Agora você tem a gente – diz Emily, mas não é a mesma coisa.

Quando não estamos trocando segredos, fazemos planos. Vamos escrever um livro – fundar um clube –, construir uma casinha numa árvore. Ficamos excitados quando pensamos no verão. Emily, então, diz:

– Mas Molly não vai mais estar aqui. Ela vai para Newcastle.

– Venho visitar – eu digo. Porém, quem sabe quando isso vai ser?

Vamos para Newcastle no fim de semana, duas vezes. A casa não está tão limpa como eu me lembro, mas o pimentão mofado sumiu. Papai nos leva ao *pub* para conhecer um amigo que é dono de um jornal e que nos deixa perder todo o seu dinheiro nas máquinas de jogar. Vamos patinar no gelo e fazemos um passeio pelo parque e pegamos caramujos e gravetos, como fazíamos com mamãe, enquanto tentamos lembrar como era morar juntos os três.

– No fim do semestre – diz papai –, vamos voltar a morar juntos.

E eu fico acordada na claridade das noites de verão, observando as sombras na parede que fazem o meu móvel de folhas e tento imaginar como será ter minha casa de novo.

Acontecem tantas coisas que não tenho tempo de pensar no meu homem. Ele parece ter desaparecido por enquanto. E o verão vai passando e ele vai ficando cada vez mais distante, como alguém que eu inventei ou uma brincadeira que parei de brincar. Fui ao celeiro uma vez depois da caça selvagem, mas ele estava vazio. Metade da parede desmoronou e não dá mais para alguém viver nele.

Fim

No entanto, chego a vê-lo novamente.

É meu aniversário em maio. Vamos à Floresta de Kielder passar o dia. Papai, Vovô, Vovó, Hannah, Emily, Alexander e eu. Jamais seria perfeito, mas é suficiente.

O mundo parece que sabe que é meu aniversário. O céu está azul de um canto ao outro, com nuvens fofas como lã. A floresta está cheia de pássaros e folhas verdinhas, com raios de sol entre os galhos. Meu presente da Tia Meg é uma saia de adulto com contas e pequenos espelhos. E é quase do mesmo verde que as árvores. Ela me faz sentir como algo mágico, não exatamente humano.

Fazemos o piquenique ao lado de um riacho. Hannah está deitada na grama lendo uma revista, mas Emily, Alexander e eu vamos brincar na água. Esguichamos água em Hannah e ela dá um gritinho. Esguichamos de novo e ela corre para o riacho e nos molha.

Logo Hannah vai deixar a escola primária para sempre. Vai ser mais adulta do que é agora. É legal que ela brinque conosco enquanto ainda podemos tê-la junto.

Depois do lanche, o Vô e a Vó sentam embaixo da árvore e o resto brinca de pega-pega. Papai tem de contar. Ele corre atrás da gente pela grama e na beira da floresta. Chegamos o mais perto possível dele, atijando, e, depois, corremos antes que ele possa nos pegar.

Papai corre atrás de mim, mas eu corro e ele pega Emily, Emily pega Hannah e Hannah pega Alexander, e Alexander corre atrás de mim.

Estou explodindo de felicidade. É meu aniversário e ninguém consegue me pegar. Corro para dentro da floresta, depois dou uma volta para confundir Alexander. A luz dentro da floresta está difusa e misteriosa e o ar tem um aroma de verde, casca de árvore e musgo. Sinto a terra afundar sob minhas sandálias e a brisa batendo na minha saia. Atrás de mim, Alexander desistiu e começa a perseguir Emily, mas eu continuo correndo.

Percebo um movimento à minha frente. Pés que correm, ou dançam. Árvores se mexem. Corro a toda velocidade para uma clareira e logo faço parte da dança.

É exatamente como durante a tempestade, quando as árvores me seguraram, mas desta vez elas dançam. Posso sentir a alegria tremulando entre elas. Sou erguida, rodopiada e passada entre os galhos, que me levantam e me rodopiam também. As formas se movem – sombras, dançarinas em riso, quase humanas.

Colocam-me no chão de novo. Ponho os pés no chão meio sem jeito e quase caio. Sinto duas mãos tomarem as minhas, fortes e quentes. Levanto os olhos e me deparo com os olhos do dono daquelas mãos.

É ele. Seus cabelos estão volumosos, encaracolados e castanhos. Suas calças são marrom esverdeadas, como as árvores. Uma coroa de folhas e flores amarelas cobre uma orelha. Seu rosto sorri, mas seus olhos são os mesmos que sempre foram, profundos, castanhos, bondosos.

Ele pega minha mão e me leva para o meio da clareira. Ele dança comigo, devagar e com delicadeza. Ao nosso redor, as árvores inclinam e balançam. O ar está repleto de aroma de flores e folhas. Até os raios do sol parecem dançar.

Ele se inclina, sem tirar olhos de mim, e solta minha mão. Sei o que vai acontecer e fico olhando sem piscar, para não perder o momento, mas ele dá um rodopio e some.

Fico parada, sem fôlego, as folhas verdes nos meus cabelos, a luz do sol fazendo círculos ao meu redor. Estou sozinha.

Atrás de mim, entre as árvores, Emily, Alexander e Hannah estão me chamando. Entre as vozes, reconheço a de papai, profunda, conhecida, cheia de risos.

Fico ali parada por um longo momento, no meio da clareira, um braço ainda estirado na minha frente.

Mas logo me viro e corro de volta para brincar.

Agradecimentos

Agradeço a Nicola Bowerman, que foi a primeira a falar sobre o mito do Rei Carvalho. E a Christina Oakley Harrington, da Treadwell's Books, por ter me aconselhado que toda história é contada e recontada, e por me mostrar as direções que outras pessoas tomaram com esta história.

Obrigada à Tara Button, pelas inúmeras tardes escrevendo em cafés, e ao Tom Harris, por sua compreensão em me deixar levar um laptop nas férias e por outros traumas relacionados ao trabalho de escrever. E também pelas repetidas vezes em que consertou o computador, além de sua boa vontade geral.

Muito obrigada a todo mundo, real e virtual, que me ouviu reclamar e falar sem parar, e àqueles que falaram para os amigos sobre meus livros ou que leram as versões ainda em processo de produção. Obrigada à minha editora, Marion Lloyd, por dizer coisas boas sobre o manuscrito e depois mostrar maneiras em que poderia ser melhorado. Obrigada a Caro Humphries, Phil Hoggart e Emma Wiseman, por me deixarem fingir de Cinderella e pagarem meu aluguel cozinhando papa de lentilha. E obrigada a todos na Scholastics, por terem surgido, como uma fada-madrinha, e transformado tudo para mim.

-
1. Eccles: pequeno bolo redondo de massa folhada com manteiga e passas corinto coberto com açúcar demerara.
 2. Mapas da Ordnance Survey: Agência de mapeamento nacional para a Grã-Bretanha, e um dos maiores produtores de mapas.
 3. Coco Pops: Cereal da Kelloggs cujo mascote é um macaco.
 4. Tesc's: Grande rede de supermercado.
 5. Premiada coleção de livros da autora Enid Blyton.
 6. Girl Talk e Top of the Pops: Revistas destinadas ao público juvenil.
 7. Se eu pudesse ser realmente qualquer um, incluindo uma pessoa de mentirinha, então eu seria a Pippi Meialonga, porque ela mora sozinha com um cavalo, um pote de ouro e um macaco chamado Senhor Nelson. Se alguém tenta fazer com que ela faça uma coisa que não quer, como, por exemplo, ir viver com outra pessoa, ela simplesmente pega eles e carrega para o fim do jardim e os deixa lá. E geralmente eles acabam indo embora.
 8. Blue Peter: Programa de televisão para crianças, produzido pelo canal inglês BBC.
 9. Não são sensacionais. São coisas como uma pessoa ganhar a competição do banheiro mais limpo, ou hospitais que não gastam o dinheiro em coisas que devem gastar.
 10. É uma atividade infantil tipicamente norte-americana do dia das bruxas em que crianças vão de casa em casa, pedindo por iguarias (geralmente doces), perguntando doces ou travessuras? (trick-or-treating).
 11. Mentira (em inglês Cheat ou Bullshit): é um jogo em que o participante tem que descartar suas cartas, sem mostrá-las aos oponentes, dizendo que está jogando ou blefando a respeito. Quando o oponente achar que é um blefe ele deve dizer “mentira”. O jogador, então, deverá mostrar as cartas. Se forem as que ele falou, a pessoa que duvidou ficará com todas as da mesa, se não, ele ficará. Ganha quem descartar todas primeiro.

12. Tracy Beaker: personagem de livro infantil britânico publicado originalmente em 1991, escrito por Jacqueline Wilson e ilustrado por Nick Sharratt.
13. Chutney: condimento de paladar agri-doce, picante (forte ou suave), ou ainda uma mistura dos dois, originário da Índia.
14. Natividade: Peça tipicamente apresentada em diversos países representando o nascimento de Jesus.
15. Goblin: criaturas geralmente verdes que se assemelham a duendes.
16. Frosties: Cereal matinal da Kellogg's.
17. Weetabix: Tipo de empanado de frango.
18. Perséfone: divindade grega, filha de Zeus e de Deméter, deusa da colheita.